

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Lívia Amarante Gallo

**DISCIPLINA HISTÓRICA, UM CAMPO EM DISPUTA: DISCURSOS DOS
PRESIDENTES DA AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION (1884-1914)**

Porto Alegre

2019

LÍVIA AMARANTE GALLO

**DISCIPLINA HISTÓRICA, UM CAMPO EM DISPUTA: DISCURSOS DOS
PRESIDENTES DA AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION (1884-1914)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Gallo, Livia Amarante
DISCIPLINA HISTÓRICA, UM CAMPO EM DISPUTA:
DISCURSOS DOS PRESIDENTES DA AMERICAN HISTORICAL
ASSOCIATION (1894-1914) / Livia Amarante Gallo. --
2019.

138 f.

Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Historiografia. 2. profissionalização . 3.
disciplinarização . 4. Frederick Jackson Turner. 5.
American Historical Association . I. Guazzelli, Cesar
Augusto Barcellos, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LÍVIA AMARANTE GALLO

**DISCIPLINA HISTÓRICA, UM CAMPO EM DISPUTA: DISCURSOS DOS
PRESIDENTES DA AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION (1884-1914)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Aprovada em: Porto Alegre, 07 de março de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli – Orientador (UFRGS)

Prof. Dr. Vitor Izecksohn (UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Renata Dal Sasso Freitas (UNIPAMPA)

Prof. Dr. Arthur Lima de Avila (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa, possibilitando que este trabalho fosse feito;

Ao meu orientador, Cesar Guazzelli, com quem venho trabalhando desde o primeiro ano de graduação. Sou grata por toda ajuda nas pesquisas ao longo destes anos e por tudo o que me ensinou como professor, mas sou grata principalmente pela amizade, pelas longas discussões sobre Harry Potter e por não ter me deixado desistir da História nos idos de 2016, ameaçando nunca mais falar comigo, o que funcionou muito bem;

À professora Mara Rodrigues e ao professor Arthur Avila, que participaram da banca de qualificação, dando sugestões valiosas para o término da pesquisa;

À professora Renata Dal Sasso e ao professor Vitor Izecksohn por aceitarem fazer parte da banca;

Ao Vicente Detoni, que foi o grande presente que o Mestrado me deu, a quem sou grata pela ajuda no desenvolvimento da pesquisa, pelo companheirismo em todas as cadeiras, na Representação Discente e nos eventos, mas principalmente, por ter me ensinado muito sobre amar e o significado do amor;

Aos amigos Jacson Schwengber e Gabriel Gonzaga pelas noites de violentas discussões teóricas e sobre o sentido da vida no João de Barro;

Ao Mathias Scherer pela amizade, carinho e apoio;

Aos meus pais, Maria Olenka e Lívio Gallo, que no momento mais sombrio, me lembrarem que, por mais difícil que seja o caminho, ele não precisa ser solitário;

Ao meu companheiro, Rodrigo Costa, por ter trazido alegria para a minha vida e para nossa casa; por me incentivar nos meus sonhos, me ajudar a acreditar em mim e a ser mais otimista;

RESUMO

No final do século XIX, nos Estados Unidos, ocorreu uma profunda mudança na maneira pela qual a sociedade se relacionava com o passado e produzia conhecimento sobre ele. De conhecimento desenvolvido por amadores, passou a ser disciplina científica autônoma, levada à cabo em instituições universitárias por um corpo de profissionais treinados nestas instituições, que atuava seguindo procedimentos pré-estabelecidos para o desenvolvimento de suas pesquisas. Essas mudanças compreenderam dois processos, o de disciplinarização e o profissionalização da História. O primeiro processo correspondeu ao estabelecimento das bases epistemológicas sobre as quais a História constituiria sua identidade, erguendo suas fronteiras com relação às outras áreas, tornando-se um conhecimento autônomo; ele teve a ver com os procedimentos estabelecidos para a sua prática, o que seria considerado permitido e, principalmente, o que seria proibido em questão de metodologia de pesquisa e maneira de narrar os resultados. Já a profissionalização representou a construção de um aparato institucional que viabilizasse as pesquisas e amparasse os historiadores, como um local de emprego nas universidades, critérios para a formação de profissionais, constituição de associações profissionais e criação de periódicos acadêmicos. Nesta pesquisa, tratei desses dois processos de maneira separada, partindo da trajetória acadêmica do historiador Frederick Jackson Turner (1861-1932) para compreender como a profissionalização ocorreu nos Estados Unidos e depois passado para a análise dos discursos dos presidentes da American Historical Association – fundada em 1884 –, para perceber as discussões que ocorreram em torno da disciplinarização da História naquele país entre 1884 e 1914.

Palavras-chaves: historiografia; disciplinarização; profissionalização; Frederick Jackson Turner; American Historical Association;

ABSTRACT

In the late nineteenth century, there was a profound change in the way society related to and produced knowledge of the past in America. From knowledge developed by amateurs, it became an independent scientific discipline, carried out in university institutions by professionals trained in these institutions, who worked following pre-established procedures for the development of their research. These changes comprised two processes, that of disciplinarization and the professionalization of history. The first process corresponded to the establishment of the epistemological bases upon which History would constitute its identity, raising its borders in relation to other areas, becoming an autonomous knowledge; It had to do with the procedures established for its practice, what would be considered allowed and, especially, what would be prohibited in terms of research methodology and how to narrate the results. Professionalization, on the other hand, represented the construction of an institutional apparatus that would enable research and support historians, such as a place of employment in universities, criteria for the formation of professionals, constitution of professional associations and the creation of academic journals. In this research, I dealt with these two processes separately, starting from the academic trajectory of Frederick Jackson Turner (1861-1932) in order to understand how professionalization took place in the United States and then proceeded to analyze the speeches of the presidents of the American Historical Association - founded in 1884 –, to understand the discussions that took place around the disciplining of history in that country between 1884 and 1914.

Key-word: historiography; disciplinarization; professionalization; Frederick Jackson Turner; American Historical Association;

SUMÁRIO

Introdução	9
1. A Profissionalização da História	25
1.1. Constituição da profissão	26
1.1.1. A universidade moderna	26
1.1.2. Bases institucionais	32
1.1.3. Os profissionais	40
1.2. Trajetória profissional de Frederick Jackson Turner	45
1.2.1. <i>A Frontier thesis</i>	45
1.2.2. Trajetória profissional	49
2. A Disciplinarização da História	68
2.1. Cientificização da História	71
2.1.1. Políticas da interpretação histórica	71
2.1.2. Bases epistemológicas	73
2.1.3. Questão da objetividade	78
2.1.4. A Nova História	82
2.2. Discursos dos presidentes da American Historical Association	87
2.2.1. Discurso como manifesto	87
2.2.2. Natureza do conhecimento histórico	94
2.2.3. Verdade, objetividade e subjetividade	104
2.2.4. Finalidade da História	114
A história da História nos Estados Unidos: de 1884 a 1914	121
Bibliografia	131
Fontes utilizadas	136

INTRODUÇÃO

No discurso presidencial proferido em 1910 no encontro anual da American Historical Association (AHA), intitulado “*Social Forces in American History*”, o renomado historiador americano Frederick Jackson Turner pontuou que cada era reescreve a história de acordo com as condições de seu próprio tempo.¹ Turner produziu sua obra entre a última década do século XIX e as três primeiras do XX, contexto em que o Ocidente passava por grandes mudanças na forma como se relacionava com o seu passado e, conseqüentemente, na forma como produzia conhecimento sobre ele. Como no trecho acima mencionado, Turner escreveu de acordo com seu próprio tempo, uma História² disciplinada, feita de dentro de uma instituição universitária, seguindo os parâmetros estabelecidos pelo método científico amplamente difundido no momento e com a validação de seus pares.

No final do século XIX, acompanhando um movimento mais amplo iniciado na Europa, os Estados Unidos também passaram por mudanças na sua relação com o passado. De conhecimento desenvolvido por amadores, a História passa a ser disciplina científica autônoma, levada à cabo em instituições universitárias por um corpo de profissionais treinados nestas instituições, que atuavam seguindo procedimentos pré-estabelecidos para o desenvolvimento de suas pesquisas. Essas mudanças compreenderam um processo de disciplinarização e profissionalização da História,³ que ocorreram em um contexto específico ocidental, onde a formação dos Estados-nacionais, o desenvolvimento industrial e urbano, assim como suas decorrentes mudanças sociais, provocaram alterações na maneira como se concebia e produzia o conhecimento.

A disciplinarização da História ocorreu durante a formação dos Estados-nacionais, diante da necessidade de constituição de uma identidade comum entre os habitantes de um mesmo território. A historiografia profissional surgiu muito em função da ideia de Nação que emergia, com o objetivo de dar um passado comum a todos os seus cidadãos, assim como uma perspectiva de futuro a ser construído em conjunto.⁴

¹ TURNER, Frederick Jackson. Social Forces in American History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 16, No. 2 (Jan., 1911), p. 217-233

² Neste trabalho, “História” aparecerá com a inicial em maiúscula toda vez que se referir à disciplina acadêmica.

³ Os conceitos de disciplinarização e profissionalização serão desenvolvidos mais adiante nesta mesma seção.

⁴ MUDROVIC, Maria Inés. La Nación, el Tiempo Histórico y la Modernidad. Buenos Aires: *Revista de la Facultad de Filosofía, Ciencias de la Educación y Humanidades*, 2012, p.25

Além da questão do contexto político e social, há também a questão da maneira como uma sociedade experiencia o tempo. Maria Inés Mudovcic destacou, em “*Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos*”, que a historiografia é uma prática social baseada na representação do tempo e é possibilitada pelo regime de historicidade dominante da qual faz parte.⁵ A História se constituiu em disciplina científica em meio ao regime moderno de historicidade, onde o passado é dado como encerrado, o tempo é percebido como caminhando em direção ao progresso inevitável, sendo o futuro inédito, impossível de ser conhecido através de prognósticos.⁶ Essa maneira de perceber o tempo teve implicações sobre como deveria ser o estudo do passado.

A partir do último quarto do século XIX, houve uma profunda modificação no modelo universitário americano em decorrência das mudanças na maneira como o conhecimento era concebido, tendo como resultado uma expansão universitária e o surgimento de centenas de disciplinas autônomas, entre elas, a História. Esse processo teve início na Europa Ocidental, e, no caso específico dos Estados Unidos, se deu através da ação de estudantes que haviam ido estudar no Velho Mundo, principalmente na Alemanha, de onde trouxeram o novo modelo de universidade e a concepção que transformaria profundamente o Ensino superior americano: a da universidade como centro de pesquisa.⁷

Por conta das diversas mudanças sociais do século XIX, entre elas a unbanização, a industrialização, o empreendimento agrícola e corporativo, o conhecimento científico acabou por responder às necessidades de desenvolvimento técnico,⁸ mas a adoção da pesquisa como função acadêmica só foi possível com o advento das condições necessárias de investigação, como o acúmulo de conhecimento empírico e o refinamento nas técnicas de investigação, tornando as universidades instituições de pesquisas por excelência.

Em meio a esse movimento de modernização do ensino superior, diversas áreas do conhecimento emergiram como disciplinas autônomas, entre elas, a História, que, ao passar pelo processo de profissionalização, ganhou espaço nas universidades, onde, até então, era ensinada como conhecimento auxiliar de outras disciplinas, como Direito, Teologia, Filosofia... formando um contingente de profissionais que atuaria em instituições de ensino básico,

⁵ MUDROVIC, Maria Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos. Zaragoza: *Historiografías*, 5, 2013, p.15

⁶ As questões sobre o regime de historicidade e regime historiográfico serão melhor desenvolvidas na seção sobre o referencial teórico da pesquisa.

⁷ HOFSTADTER, Richard & METZGER, Walter P. *The Development of Academic Freedom in the United States*. New York: Columbia University Press, 1955, p.369

⁸ Idem, *ibidem*, p.380

superior, arquivos, bibliotecas e museus, conquistando um aparato institucional para promover pesquisas, divulgar seus resultados e propiciar o diálogo entre os pares.

Um dos marcos da profissionalização foi a criação de uma associação que envolvesse os diversos profissionais que atuavam no empreendimento histórico (professores, pesquisadores, arquivistas), a American Historical Association. A associação foi fundada em meio ao crescente reconhecimento da História como um tipo diferente de conhecimento, onde historiadores se mobilizaram para criar uma nova organização que promovesse o estudo disciplinado do passado.⁹ A criação também partiu da necessidade de afirmar a História como disciplina para que o pequeno grupo de pesquisadores empregados em universidades tivesse sua área reconhecida e tivessem seu espaço de atuação aumentado nessas instituições, onde as disciplinas tradicionais já possuíam.

Até então, é comum que “profissionalização” e “disciplinarização” sejam tratadas como sinônimos na historiografia, isso porque foram processos que, via de regra, ocorreram concomitantemente. A utilização destas palavras para denominar as mudanças pelas quais o conhecimento histórico passou a partir de meados do século XIX, além de trazer a ideia de que são sinônimos, dificulta a percepção das singularidades de cada um. “Profissionalização” diz respeito à maneira como uma área de conhecimento se torna um campo profissional. Para Townsend, a profissionalização da História nos Estados Unidos se deu a partir do desenvolvimento de quatro elementos que constituiriam uma identidade profissional: a conquista de um lugar de emprego nas academias para os historiadores; uma ideologia centrada na crença da História como conhecimento científico; a criação de um sistema de formação e certificação de historiadores através do desenvolvimento de programas de pós-graduação; e a criação de periódicos e editoras.¹⁰ Neste sentido, a profissionalização diz respeito à criação de uma comunidade de profissionais a partir do desenvolvimento de um aparato institucional que garantisse a formação desses profissionais e critérios, tanto para o desenvolvimento das pesquisas quanto para a sua validação por outros profissionais.

Já “disciplinarização” possui relação com as bases epistemológicas sobre as quais uma área do conhecimento se separa de um campo maior e constitui sua identidade, erguendo suas fronteiras com relação a outras áreas, tornando-se uma disciplina autônoma; tem a ver com os procedimentos estabelecidos para a sua prática, o que é considerado permitido e,

⁹ TOWNSEND, Robert B. *History's Babel*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013, p.29

¹⁰ Idem, *ibidem*, p.14

principalmente, o que é proibido em questão de metodologia de pesquisa e maneira de narrar os resultados.¹¹

No caso da História, a disciplina se tornou palco de disputa entre os sujeitos que tinham o passado como matéria prima de sua profissão. Isso fica evidente quando percebemos quem foram os primeiros presidentes da AHA e notamos que o cargo foi compartilhado por historiadores profissionais, amadores, bibliotecários, biógrafos, bibliógrafos e políticos. Além da heterogeneidade de profissionais dentro da associação, também havia uma multiplicidade de concepções sobre o conhecimento histórico: se ele seria ou não ciência; se seria um conhecimento passível de ser apreendido objetivamente ou se a subjetividade do historiador necessariamente afetaria a pesquisa; qual o melhor método para o estudo do passado e se a metodologia emprestada das ciências naturais seria a mais adequada para o entendimento do desenvolvimento da sociedade; como os resultados das pesquisas deveriam ser apresentados, se através de uma escrita mais dura, livre de artifícios retóricos ou se através de uma escrita com “floreios literários”, influenciando diretamente na questão do público leitor que seria alvo da produção sobre o passado: se o público amador ou os próprios pares; e finalmente, qual seria a função social da nova disciplina.

Esses debates demonstram que a maneira como a História se constituiu em disciplina foi através de muita discussão e disputa. Em verdade, nunca houve um consenso sobre como deveria ser o conhecimento histórico, que ainda hoje é alvo de embate entre seus profissionais. A historiografia americana sobre a disciplinarização, por não ter tratado especificamente sobre a disputa pela disciplina, vem abordando esse processo através de caracterizações gerais, deixando a impressão de que havia uma homogeneidade na maneira como as primeiras gerações de historiadores concebiam a História.¹²

Desta forma, esta pesquisa tem como **objetivo principal** diferenciar os processos de profissionalização e disciplinarização, que ocorreram de maneira concomitante nos Estados Unidos, demonstrando as especificidades de cada um. No que se refere ao primeiro, demonstrar como um aparato institucional foi criado para viabilizar as pesquisas históricas dentro de instituições acadêmicas, seguindo um movimento de profissionalizações em diversas áreas que

¹¹ WHITE, Hayden. La Política de la Interpretación Histórica. In: *El Contenido de la Forma: Narrativa, discurso y representación histórica*. Barcelona, Editorial Paidós, 1992

¹² Isso ocorre, por exemplo, em *History – Professional Scholarship in America*, de John Higham, *That Noble Dream: The “Objectivity Question” and the American Historical Profession*, de Peter Novick e *History’s Babel: Scholarship, Professionalization, and the Historical Enterprise in the United States, 1880–1940*, de Robert Townsend, principais trabalhos que tratam da profissionalização nos Estados Unidos.

vinha ocorrendo em finais do século XIX, e como os pesquisadores foram progressivamente deixando de ser amadores, passando a ser profissionais treinados nessas instituições. Com relação à disciplinarização, buscaremos perceber como a História disciplinada foi construída e reivindicada nos Estados Unidos; através da constituição de que fronteiras, de quais concepções sobre a sua natureza, da adoção de que teorias, do estabelecimentos de que metodologias e da formação de que concepções de narrativas, uma identidade disciplinar foi estabelecida. Para tanto, a pesquisa será dividida em dois momentos: no primeiro, trataremos do processo de profissionalização nos Estados Unidos, lançando mão da trajetória acadêmica do historiador Frederick Jackson Turner para notarmos os caminhos pelos quais as estruturas para a profissão foram erigidas; no segundo, utilizando os discursos dos presidentes da AHA entre os anos de 1884 e 1914, buscaremos perceber como os diferentes sujeitos acreditavam que devia ser a disciplina.

Nos Estados Unido, Frederick Jackson Turner é reconhecido entre os historiadores devido à importância que sua teoria teve para a historiografia americana. Para Turner, a chave para a compreensão do desenvolvimento de seu país e de suas instituições não estava no Leste, como até então a historiografia profissional americana vinha pontuando, mas sim no Oeste. Seria na fronteira, espaço onde o mundo selvagem e a civilização se encontram, o espaço de americanização de homens e mulheres vindos do Leste.¹³ Além da americanização dos fronteirios, a fronteira também seria responsável pelo surgimento da principal instituição estadunidense, a democracia. Essa teoria, intitulada *frontier thesis*, foi apresentada pela primeira vez ao público acadêmico em 1893, em um encontro da American Historical Association ocorrido em Chicago, através de um ensaio intitulado “*The Significance of the Frontier in American History*”, mas só seria largamente aceita no final da mesma década. Ela representou uma nova perspectiva para se pensar a história do país, uma vez que, até então, a historiografia profissional americana havia pensado a formação dos Estados Unidos e das suas instituições como desenvolvimento de raízes europeias no Novo Mundo, a *germ-theory*. Adotando a metáfora da sociedade como um organismo adaptável, essa teoria partia da

¹³ TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana. In: KNAUSS, Paulo. *Oeste Americano*. Niterói: EdUFF, 2004, p.24

concepção de que as instituições não surgem através de geração espontânea, mas sim que possuem raízes mais antigas.¹⁴

Em poucos anos a *frontier thesis* se consolidou como perspectiva correta para o entendimento do desenvolvimento histórico americano dentro das academias, fazendo com que dezenas de historiadores adotassem essa perspectiva teórica em suas pesquisas, disseminando-a inclusive entre o público amador, em grande parte através de livros didáticos, que progressivamente também foram adotando esta narrativa. Mas, nesta pesquisa, a importância da obra de Turner, no que se refere às suas contrições na disputa pela definição das fronteiras disciplinares, ficará em segundo plano, o que nos interessará será a trajetória acadêmica do historiador, uma vez que ela possibilita um olhar privilegiado sobre a profissionalização da História nos Estados Unidos.

Turner atuou no período de 1884-1914, considerado por Allan Bogue como período de moldagem do ensino superior, onde os antigos currículos das universidades clássicas foram sendo substituídos com o processo de disciplinarização e subdivisão dentro das ciências sociais, e as graduações e escolas profissionais ganharam forma e status dentro dessas universidades, havendo uma expansão dessas instituições e de seu corpo docente e discente, com a adoção de novas práticas e ideias.¹⁵ Turner é um personagem importante desse processo: no contexto de moldagem da disciplina a partir de um método científico, foi desenvolvida uma estrutura institucional para alcançar esses objetivos, como a criação de associações e de periódicos. Turner seria um dos que tomaria a frente de algumas dessas instituições, atuando, por exemplo, na American Historical Association e na American Historical Review, ajudando a imprimir seus valores na emergente comunidade acadêmica;¹⁶ também orientou diversos jovens historiadores e ajudou, através de cartas de recomendação, a posicioná-los como professores em universidades ao longo de todo o território americano, possibilitando que desenvolvessem pesquisas relacionadas ao Oeste, criando assim o campo da *western history*; teve importância fundamental na conquista de espaço para a História na University of Wisconsin, instituição onde obteve sua formação e atuou durante grande parte da sua vida, onde, ao receber ofertas de emprego em outras instituições, utilizou-as para negociar, tanto sua permanência, quanto mais investimento em sua área.¹⁷ Outro aspecto interessante da trajetória de Turner foi a maneira

¹⁴ COLEMAN, William. Science and Symbol in the Turner Frontier Hypothesis. *The American Historical Review*, Vol. 72, No. 1 (Oct., 1966), p.25

¹⁵ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998, p.145

¹⁶ Idem, *ibidem*, p.147

¹⁷ Idem, *ibidem*, p.160

como historiador estabeleceu a *frontier thesis* entre seus pares. Quando apresentada pela primeira vez no encontro da AHA, não recebeu muita atenção de seus colegas. Foi necessário que o historiador enviasse cópias do texto e, em grande parte, a relação que tinha com os pares, para que a teoria pudesse se estabelecer no ambiente acadêmico. Além disso, as orientações que fez e o espaço que tinha na AHA, também foram importantes para a disseminação de sua teoria. A questão aqui não é questionar a qualidade ou a validade da *frontier thesis* de Turner, mas sim, através da análise de suas cartas, perceber os caminhos pelos quais passou para tornar sua teoria a narrativa oficial do desenvolvimento dos Estados Unidos, onde elementos como o carisma, a boa relação que tinha com os pares e o contingente de orientandos que teve, foram essenciais para o seu sucesso.¹⁸

O recorte temporal escolhido para a pesquisa vai de 1884 a 1914, da fundação da AHA até o início da Primeira Guerra Mundial, período que, como mencionado anteriormente, vem sendo considerado como de constituição profissional e disciplinar da História nos Estados Unidos, onde a disciplina se consolida como pretensamente científica no país. As fontes que serão utilizadas para percebermos como se deu o processo de disciplinarização serão os discursos de posse proferidos pelos presidentes da AHA entre esses anos.

Nos discursos proferidos pelos presidentes durante o encontro anual da associação, que costumava ocorrer em dezembro de cada ano, o presidente geralmente apresentava um texto relacionado à sua área de atuação, onde ficavam evidentes suas concepções sobre o conhecimento histórico. Como mencionado anteriormente, durante suas primeiras décadas, a associação era constituída por profissionais de diversas áreas, isso porque a associação foi criada para unir esses diferentes profissionais interessados “[...] *in the advancement of history in this country*”.¹⁹ Um exemplo disso é o discurso do bibliotecário William F. Poole, um dos primeiros presidentes da AHA, onde discorre sobre a importância do Estado assumir a responsabilidade por documentos primários e sua gestão, através da criação de um Departamento de Arquivos, uma vez que grande parte dos documentos não eram públicos, dificultando as pesquisas históricas.²⁰

Dentro do recorte temporal selecionado para esta pesquisa, duas correntes teóricas predominaram entre os historiadores profissionais: a História Científica e a Nova História. Nos primeiros anos de constituição da disciplina, os historiadores ligaram sua reivindicação ao

¹⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁹ “[...] no avanço da história no país”, TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op.cit. p.23

²⁰ POOLE, William F. *The Early Northwest*. 1888.

status científico ao esforço de Charles Darwin para rastrear mudanças ao longo do tempo, numa tentativa de aplicar o método científico ao estudo da História, e assim, pegaram de empréstimo o aparato teórico-conceitual do darwinismo para explicar a evolução da sociedade americana.²¹ Mas, mesmo nas primeiras décadas, onde a História Científica tinha uma força imensa entre os historiadores, a concepção da História como sendo uma ciência não era unanimidade entre os historiadores. Exemplo disso foi o discurso do presidente Henry Adams, de 1894, “*The Tendency of History*”, onde o historiador afirma que, mesmo após anos de tentativas de constituir a disciplina em ciência através do modelo do darwinismo, isso não ocorreu pela dificuldades dos pesquisadores em fazer generalizações.²²

A Nova História surgiu em resposta a uma série de críticas que a História Científica vinha recebendo. A principal delas dizia respeito ao afastamento que o conhecimento histórico teve dos interesses da sociedade por ter assumido um rigor científico que tirava a qualidade literária da narrativa. Outra crítica veio dos cientistas sociais, que questionavam seu caráter científico por conta da dificuldade dos historiadores em estabelecer regularidades e leis gerais ao se apegarem às singularidades dos fatos.²³ Dentre as saídas propostas por alguns historiadores que se identificavam com esse movimento estão a subordinação do passado ao presente em função de um uso prático da História para as necessidades da sociedade; a proposta de um aumento em seu escopo, englobando os mais variados aspectos da atividade humana; uma aproximação entre a História e suas ciências irmãs; mudanças na escrita para que os textos se tornassem mais atraentes ao público leigo.²⁴ Entre esses historiadores, os mais famosos foram Turner e Charles Beard, ambos presidentes da AHA em 1910 e 1933, respectivamente, mas Beard presidiu a associação em um momento de sua carreira em que estava mais próximo do grupo que ficaria conhecido como “relativista”.

Essas duas correntes teóricas marcaram períodos específicos das primeiras gerações da História como disciplina, mas não é demais ressaltar que constituíram tendências, mas que não foram largamente aceitas ou adotadas.

²¹ TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op.cit. p.17

²² ADAMS, Henry. *The Tendency of History*. 1984

²³ MOURA, Gerson. *História de uma História*. São Paulo, Edusp, 1995, p.20

²⁴ HIGHAM, John. *History*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1983, p.111-113

Há décadas trabalhos que tratam do processo de profissionalização da História nos Estados Unidos vêm sendo escritos, mas há uma ausência no que se refere à constituição da História como disciplina. Nesses trabalhos, a construção de um aparato institucional que viabilizasse as pesquisas, as publicações e o diálogo entre os pares são valorizados dentro do contexto de mudanças pelas quais passou o conhecimento histórico, mas a maneira pela qual essa área do conhecimento constitui sua identidade dentro do campo maior das ciências humanas fica numa posição pouco privilegiada. É comum que, no caso americano, a historiografia sobre a profissionalização generalize a maneira como a História era concebida pelas primeiras gerações de historiadores, criando a imagem de um campo homogêneo, onde todos os historiadores compreendiam a História como conhecimento científico, baseado em métodos científicos emprestados das ciências naturais, principalmente da teoria evolucionista de Darwin. Essa generalização sufoca os debates ocorridos entre os profissionais sobre o que constituiria este novo conhecimento acadêmico, sobre os seus procedimentos e critérios de validação. Olhando de perto a produção dos profissionais que estavam erguendo este novo campo, podemos perceber que os pilares identitários da disciplina nascente não foram ponto pacífico, tendo sido pontos de disputa, geração após geração, dentro da American Historical Association.

O primeiro trabalho mais sistemático sobre as mudanças pelas quais a História passou entre o final do século XIX e início do XX foi realizado pelo historiador estadunidense John Higham, intitulado “*History – Professional Scholarship in America*”, publicado originalmente em 1965. Nesta obra, o autor retoma a maneira como a escrita sobre o passado era levada à cabo em seu país antes da profissionalização, e leva em consideração a importância do surgimento da estrutura universitária moderna para a profissionalização da História. Higham valoriza como, institucionalmente, a profissão de historiador se erigiu, através da criação de associações, tanto a nacional (AHA) como as dezenas de associações regionais, de periódicos especializados e de um lento processo de criação de departamentos de História separados de outras áreas das ciências humanas dentro das universidades. Além da questão institucional, o historiador aborda as principais características das diversas correntes teóricas que, ao longo dos anos, predominaram na historiografia profissionalizada. Mesmo deixando em segundo plano estes embates teóricos e metodológicos entre os historiadores, esta obra será de fundamental

importância para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que servirá de amparo na análise dos documentos primários.²⁵

Peter Novick, em “*That Noble Dream: The ‘Objectivity Question’ and the American Historical Profession*”, de 1988, analisa, através da questão da objetividade, a maneira pela qual a História disciplinada caminhou desde a sua profissionalização, no último quarto do século XIX, até meados da década de 1960. O historiador demonstra que um dos pilares sobre os quais a História se disciplinarizou nos EUA foi o da crença na possibilidade da produção de um conhecimento livre da valoração do pesquisador. Essa é uma questão importante para a pesquisa, uma vez que, desde o princípio, foi objeto de embate entre os historiadores, sendo uma questão central na disputa sobre como o conhecimento histórico deveria se constituir, uma vez que a disputa sobre a natureza deste conhecimento, se científico ou não, passa necessariamente pela questão da objetividade.²⁶

Já no livro “*History’s Babel: Scholarship, Professionalization, and the Historical Enterprise in the United States, 1880–1940*”, de Robert Townsend, a profissionalização é abordada de uma maneira mais ampla, englobando três áreas do que o historiador chama de “empreendimento histórico”: o trabalho de pesquisa e docência nas universidades; o desenvolvimento do ensino de História no ensino básico; e o trabalho com documentos em arquivos e bibliotecas. O autor enfatiza o papel da American Historical Association como tendo sido inicialmente um espaço de união entre os profissionais das três áreas, demonstrando que, nos primeiros anos da associação, houve a representação dessas três profissões na sua presidência, mas que, ao longo dos anos, a AHA foi ficando cada vez mais restrita aos historiadores acadêmicos, havendo uma saída dos outros profissionais e a criação de outras associações que atendessem aos seus interesses. Este trabalho será essencial para a compreensão da profissionalização nos EUA, mas as questões sobre a constituição disciplinar aparecem de maneira bastante superficial.²⁷

No Brasil, há um trabalho que se propõe a tratar especificamente da história da historiografia americana, “*História de uma História*”, de Gerson Moura. A ideia do livro é ser um pequeno manual sobre as correntes teóricas da historiografia americana, mas sem propor a análise de algum tema mais específico, servindo apenas como trabalho introdutório para quem

²⁵ Idem, *ibidem*,

²⁶ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. Cambridge: University Press, 2005

²⁷ TOWNSEND, Robert B. *History’s Babel...* op.cit.

pretende adentrar a temática.²⁸ Outra contribuição interessante para a popularização da historiografia estadunidense no Brasil como possível campo de estudos, por mais que não corresponda ao recorte desta pesquisa, se encontra na compilação de textos comentados organizada por Jurandir Malerba, “*Lições de História: Da história científica e crítica da razão metódica no limiar do século XX*”, onde há três artigos traduzidos de presidentes da AHA, Charles Beard, Carl Becker e James Harvey Robinson, sendo dois deles os discursos que proferiram na sua posse.²⁹

Além desses dois autores, o historiador Arthur Lima de Avila vem se debruçando sobre a questão da disciplinarização da História de uma maneira mais ampla. Através de reflexões em ensaios e artigos, Avila busca compreender as implicações das mudanças pelas quais a História passou a partir do século XIX sobre a maneira que a sociedade ocidental se relaciona com o seu passado, clamando por uma “indisciplina” para que este conhecimento volte a ser relevante em uma sociedade que passou por profundas mudanças ao longo do século XX.³⁰ As reflexões de Avila, além de terem norteado as preocupações desta pesquisa, são essenciais pelo chamado que fazem à necessidade de historicizarmos a disciplina para que a História não se torne um conhecimento obsoleto, incapacitado de dar respostas existenciais a uma sociedade carente de sentido.

A pesquisa será desenvolvida a partir da concepção de que a História é histórica, tendo surgido de condições e contingências específicas do contexto ocidental do século XIX. Neste sentido, as ferramentas teóricas que lançarão luz a este trabalho, constituem reflexões sobre a escrita da História, levando em consideração os fatores sociais que contribuíram para a construção de sua identidade como disciplina que se pretendia científica.

A cientificização da História ocorreu em meio à Segunda Revolução Científica, momento em que o modelo de racionalidade da ciência moderna, que começou a se formar no século

²⁸ MOURA, Gerson. *História de uma História...* op.cit.

²⁹ MALERBA, Jurandir (org.). *Lições de História*. Porto Alegre, ediPUCRS, 2013

³⁰ AVILA, Arthur Lima de. Indisciplinando a historiografia. *Revista Maracanan*, v. 0, p. 35-49, 2018; AVILA, Arthur Lima de. O fim da história e o fardo da temporalidade. *Tempo e Argumento*, v. 10, p. 243-266, 2018; AVILA, Arthur Lima de. (Re)Politizando a teoria da história em tempos de exceção. *ArtCultura_Revista de História, Cultura e Arte Uberlândia*, v. 20, p. 21-35, 2018.

XVI, foi adotado pelas ciências sociais, constituindo um marco para que se possa falar em um modelo global de racionalidade científica.³¹ Desde o século XVI, vinha-se progressivamente abandonando as explicações místicas sobre mundo em detrimento do conhecimento técnico, em um processo que Max Weber chamou de “desencantamento do mundo”.³²

A historiadora argentina Maria Inés Mudrovcic, em “*Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente*” leva adiante a afirmação de Hartog de que, sendo a historiografia uma prática social baseada na representação do tempo, ela é um desdobramento do regime de historicidade dominante da qual faz parte.³³ A História se constitui como disciplina em meio ao regime moderno de historicidade, sendo o *pasado histórico* o regime historiográfico deste regime de historicidade.³⁴ A maneira como as diferentes comunidades vivenciam o tempo varia de acordo com lugares e épocas, aponta Hartog, sendo a ordem do tempo as relações que uma sociedade estabelece com o tempo.³⁵ O regime de historicidade é uma ferramenta que permite o questionamento sobre nossas relações com o tempo.

O regime historiográfico que expressa o regime moderno de historicidade seria o passado histórico, para Mudrovcic, é o passado que é objeto da disciplina histórica, uma vez que “*no todas las cosas pasadas son conocidas ‘historicamente’*”.³⁶ Várias são as coisas que caracterizam o passado histórico: o passado é diferente do presente, havendo uma fronteira bem delimitada entre o presente e o já ocorrido, impedindo que o passado possa ser percebido como exemplo; o passado deve também ser distante, e é isso que permite que ele seja apreendido de maneira objetiva, fazendo com que o estudo do passado recente fosse visto com desconfiança, já que a proximidade dos eventos possibilita apenas uma interpretação parcial; o passado histórico deve ser inteligível para poder ser conhecido, sendo assim, narrar os acontecimentos, como fariam os cronistas, não é o bastante, uma vez que é necessário dotá-los de significado através de investigação histórica.³⁷

Este regime de historicidade, onde há uma fronteira bem definida entre passado, presente e futuro, foi o que possibilitou duas das características centrais da História disciplinada: a crença

³¹ SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. In.: *Estudos Avançados*, vol.2 no.2 São Paulo May/Aug. 1988, p. 48

³² WEBER, Max. A ciência como vocação. In.: *Três Tipos de Poder e outros escritos*. Lisboa: Tribuna da História, 2005.

³³ MUDROVCIC, Maria Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos... op.cit. p.15

³⁴ Idem, ibidem, p.15

³⁵ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.17

³⁶ MUDROVCIC, Maria Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos... op.cit. p.16

³⁷ Idem, ibidem, p.17-19

na possibilidade da objetividade do conhecimento histórico e a supressão do sublime, o aspecto terrível e violento do passado. A “objetividade” é um conceito complexo e em disputa até hoje entre os historiadores, mas, em linhas gerais, a objetividade em que se acreditava no século XIX diz respeito à crença em um passado real, passível de ser conhecido através de pesquisas, havendo uma separação rígida entre o objeto de saber e o pesquisador, possibilitando um conhecimento livre da valoração do historiador.³⁸

Uma vez que a disciplinarização ocorre à serviço da construção de um passado nacional, não era possível que esse passado fosse constituído por um “espetáculo de crimes”, neste sentido, o sublime seria transformado em belo para que o passado fosse glorioso, que merecesse ser comemorado por uma Nação orientada para o futuro. Somente com a domesticação do sublime, com a supressão do horror, o passado poderia ser estudado objetivamente por uma disciplina emergente, à serviço da Nação,³⁹ sendo possível afirmar que o que possibilita essa domesticação é justamente a percepção do passado como encerrado. É o que destaca Hayden White em seu texto “*The Politics of Historical Interpretation...*”, onde chama a atenção para a política de interpretação por trás do surgimento de uma disciplina científica, tratando em especial da História.⁴⁰

Neste texto, o historiador afirma que a disciplina se constituiu no período moderno, a serviço de valores de regimes políticos conservadores, servindo aos interesses de uma classe determinada, a burguesia, sendo a politização do pensamento histórico uma pré-condição para a sua profissionalização, a base para ser considerada uma disciplina digna de ser ensinada nas universidades.⁴¹ Esse processo teve mais a ver com proibições do que com prescrições sobre a maneira devida de se construir o conhecimento histórico, excluindo de seus interesses o místico e o grotesco, mantendo como objeto apenas o que poderia ser verificado através do exame das evidências. Uma outra exclusão foi a do sublime em detrimento do belo, com o objetivo de gerar orgulho aos membros das Nações em formação. Essas atitudes foram inegavelmente eficazes em bloquear qualquer impulso para usar a História como base para justificar uma política visionária, e assim, os fatos históricos foram politicamente domesticados.⁴²

Essas exclusões teriam consequências diretas na maneira como as descobertas seriam narradas. Para White, já em *Practical Past*, a disciplinarização deu-se através de duas

³⁸ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p.1

³⁹ MUDROVIC, Maria Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos... op.cit. p.33

⁴⁰ WHITE, Hayden. *La Política de la Interpretación Histórica...* op. cit.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p.81

⁴² Idem, *ibidem*, p.84

separações: entre história e retórica, tirando da primeira seu aspecto prático, uma vez que a retórica está relacionada à persuasão e incitação à ação, e também uma separação das *belles lettres*, atividade relacionada aos amadores, com uma escrita mais criativa e poética, sendo permitido o uso da imaginação.⁴³ A forma como a disciplinarização ocorreu foi a partir de uma concepção onde a História se encontraria em um plano entre a ciência e a arte, fazendo com que o historiador não fosse apenas mediador entre o passado e o presente, mas entre duas formas de conceber o mundo que estariam invariavelmente separadas.⁴⁴ Essa posição entre as duas áreas tem trazido um privilégio epistêmico aos historiadores, uma vez que, quando criticados pela amenidade de seu método, argumentam que jamais reivindicaram o status de uma ciência pura, mas, por outro lado, quando literatos criticam sua incapacidade de “sondar as camadas mais sombrias da consciência humana e a relutância em utilizar modos contemporâneos de representação literária, o historiador volta à concepção de que a História é, afinal de contas, uma semiciência [...]”⁴⁵

As fontes que serão utilizadas na pesquisa serão os discursos proferidos pelos presidentes da American Historical Association entre os anos de 1884 e 1914, período de construção e consolidação da identidade da disciplina histórica nos Estados Unidos. Para responder às questões da pesquisa, as fontes serão analisadas sob a luz de bibliografia específica em busca das seguintes questões: a concepção sobre a natureza da História; a questão da presença do historiador nas pesquisas; a ideia de “verdade” dentro do conhecimento histórico; disputas de teorias e metodologias de pesquisas; como narrar o passado; qual a finalidade do conhecimento histórico.

As seguintes fontes serão utilizadas:

- ✓ 1884 - Andrew Dickson White, *On Studies in General History and the History of Civilization*
- ✓ 1885 - Andrew Dickson White, *The Influence of American Ideas upon the French Revolution*

⁴³ WHITE, Hayden. *Pasado Practico*. 2013, p.7

⁴⁴ WHITE, Hayden. O Fardo da História. In: *Trópicos do Discurso*. São Paulo, EdUSP, 1994. p.40

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.39

- ✓ 1886 - George Bancroft, *On Self Government*
- ✓ 1887- Justin Winsor, *Manuscript Sources of American History: The Conspicuous Collections Extant*
- ✓ 1888 - William F. Poole, *The Early Northwest*
- ✓ 1889 - Charles K. Adams, *Recent Historical Work in the Colleges and Universities of Europe and America*
- ✓ 1890 - John Jay, *The Demand for Education in American History*
- ✓ 1891 - William Wirt Henry, *The Causes which Produced the Virginia of the Revolutionary Period*
- ✓ 1893 - James Burrill Angell, *The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians*
- ✓ 1894 - Henry Adams, *The Tendency of History*
- ✓ 1895 - George Frisbie Hoar, *Popular Discontent with Representative Government*
- ✓ 1896 - Richard Salter Storrs, *Contributions Made to our National Development by Plain Men*
- ✓ 1897 - James Schouler, *A New Federal Convention*
- ✓ 1898 - George Park Fisher, *The Function of the Historian as Judge of Historic Persons*
- ✓ 1899 - James Ford Rhodes, *History*
- ✓ 1900 - Edward Eggleston, *The New History*
- ✓ 1901 - Charles F. Adams, *An Undeveloped Function*
- ✓ 1902 - Alfred Thayer Mahan, *Subordination in Historical Treatment*
- ✓ 1903 - Henry Charles Lea, *Ethical Values in History*
- ✓ 1904 - Goldwin Smith, *The Treatment of History*
- ✓ 1905 - John Bach McMaster, *Old Standards of Public Morals*
- ✓ 1906 - Simeon E. Baldwin, *Religion Still the Key to History*
- ✓ 1907 - J. Franklin Jameson, *The American Acta Sanctorum*
- ✓ 1908 - George Burton Adams, *History and the Philosophy of History*
- ✓ 1909 - Albert Bushnell Hart, *Imagination in History*
- ✓ 1910 - Frederick J. Turner, *Social Forces in American History*
- ✓ 1911 - William M. Sloane, *The Substance and Vision of History*
- ✓ 1912 - Theodore Roosevelt, *History as Literature*
- ✓ 1913 - William A. Dunning, *Truth in History*
- ✓ 1914 - Andrew C. McLaughlin, *American History and American Democracy*

A dissertação está dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo será dedicado ao processo de profissionalização da História, onde, no contexto de surgimento das universidades modernas nos Estados Unidos, diversas disciplinas autônomas surgiram, separando-se de áreas do conhecimento mais amplas, como é o caso da História. Buscaremos demonstrar que um aparato institucional foi criado para amparar as pesquisas científicas, onde os pesquisadores viveriam de suas investigações, deixando aos poucos de serem amadores, tendo acesso aos materiais necessários para o seu trabalho, que passaria pela validação de outros profissionais. Na segunda parte do capítulo, a trajetória institucional de Frederick Jackson Turner será utilizada para evidenciar os caminhos pelos quais essa profissionalização ocorreu, onde questões nem tão “científicas”, como relações pessoais, carisma e influência, foram essenciais nas transformações pelas quais a História passou.

O segundo capítulo será dedicado à disciplinarização, demonstrando que as mudanças no modelo de racionalidade iniciados no século XVI chegaram à História no XIX, alterando a maneira como a sociedade se relacionava com o seu passado, havendo uma domesticação da imaginação histórica para atender aos interesses de forças políticas conservadoras. Ficará evidente uma tentativa de estabelecer o que é permitido e o que não é na escrita sobre o passado, mas, ao analisarmos as fontes, perceberemos que, por mais totalitária que essa disciplina se propusesse, desde o princípio foi um campo em disputa, permeado de divergências.

1. A PROFISSIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA

A cientificização da História nos Estados Unidos compreendeu dois processos distintos, o de constituição desta área de conhecimento em campo profissional e o de definição das suas fronteiras disciplinares. Estes processos ocorreram concomitantemente, mas concebo o primeiro como subordinado ao segundo, uma vez que a constituição de uma profissão dentro de uma instituição acadêmica e a criação de um aparato institucional vêm para atender às demandas estruturais para a realização das pesquisas. Neste sentido, a constituição do campo profissional caminhou junto à disciplinarização, tanto na História como em outras áreas, uma vez que é esse aparato institucional que vai regular a historiografia.

“Profissionalização” diz respeito à maneira como uma área de conhecimento se torna um campo profissional, e naquele país, esse processo se deu a partir de quatro elementos pontuados por Townsend: a conquista de espaço nas academias pelos historiadores; a criação de um sistema para a formação desses profissionais; a crença na cientificidade da História; e a criação de um aparato que garantisse a disseminação do conhecimento produzido pelos pesquisadores.⁴⁶ Neste sentido, corresponde à criação de uma comunidade de profissionais a partir do desenvolvimento de um aparato institucional que garantisse sua formação, assim como critérios, tanto para o desenvolvimento das pesquisas quanto para a sua validação pelos pares. A constituição da História em campo profissional possibilitou o surgimento da figura do historiador remunerado pelo seu trabalho, fazendo com que as pesquisas em história deixassem de ser levadas à cabo exclusivamente por amadores provindos da aristocracia americana.

Neste capítulo, trataremos deste processo, onde, no contexto de surgimento das universidades modernas, momento em que essas instituições tornaram-se centros de pesquisa em um momento de rápido desenvolvimento do capitalismo no país, diversas áreas do conhecimento transformara-se em disciplinas autônomas, exigindo um aparato institucional adequado para o desenvolvimento das pesquisas, garantindo assim, a sua supervisão pelos pares.

⁴⁶ TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.14

1.1. Constituição a profissão

1.1.1. Universidades modernas

Com a profissionalização da História, o ofício do historiador deixou de ser uma atividade isolada para ser de construção coletiva. O historiador John Higham afirma que, trabalhando juntos, “*professionals pooled their knowledge and collaborated with more or less success in assembling materials, facilitating research, organizing collective projects, disseminating ideas, criticizing results, and multiplying the number of historians*”.⁴⁷ Nesse sentido, a profissionalização representou um aumento na produção sobre o passado, não sendo apenas o fim do isolamento do pesquisador no que se refere ao desenvolvimento da pesquisa, mas principalmente, houve uma mudança em seu significado: uma pesquisa deixava de ter um fim em si mesma e passava a representar uma contribuição para algo maior, para o entendimento dos caminhos do desenvolvimento histórico. Desta maneira, a história não seria mais constituída por grandes obras literárias, mas por pequenas contribuições para a construção do conhecimento histórico, acarretando na consequente mudança do público alvo dessas narrativas, não mais o amador, em busca de literatura de qualidade, mas sim, os próprios pares.⁴⁸

A profissionalização da História nos Estados Unidos se deu muito a partir do que ocorria na Europa, de onde as bases epistemológicas e institucionais foram em grande parte importadas em um contexto de surgimento do modelo de universidade moderna, que também seria aplicado nos Estados Unidos.

No Ocidente, a institucionalização da História foi resultado da reorganização da educação que começou na Europa após a Revolução Francesa e Guerras Napoleônicas, a partir da crescente influência da sociedade resultante da racionalização da atividade econômica na era industrial, “*The curriculum of the university in the preindustrial era had of necessity been meager, since the financial resources of the community could support advanced training in no more than a handful of disciplines: law, medicine, theology, philosophy, and mathematics*.”⁴⁹

⁴⁷ “os profissionais reuniram seus conhecimentos e colaboraram com mais ou menos sucesso na montagem de materiais, facilitando pesquisas, organizando projetos coletivos, disseminando ideias, criticando resultados e multiplicando o número de historiadores”, HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.6

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p.6-7

⁴⁹ “O currículo da universidade na era pré-industrial havia sido necessariamente escasso, uma vez que os recursos financeiros da comunidade poderiam apoiar o treinamento avançado em não mais do que algumas disciplinas: direito, medicina, teologia, filosofia e matemática.”, HAMEROW, Theodore S. *The Professionalization of Historical Learning. Reviews in American History*, Vol. 14, No. 3 (Sep., 1986), p.319

Neste contexto, a história era ensinada nas instituições universitárias apenas como auxiliar de outras disciplinas, “[...] *as legal history in the faculty of law, as ecclesiastical history in the faculty of theology, or as universal history in the faculty of philosophy*”.⁵⁰ O aumento da riqueza ao longo do século XIX por conta do desenvolvimento industrial tornou possível a aplicação de um novo currículo nas universidades, incluindo disciplinas que vinham se desenvolvendo fora das salas de aula, como Ciências Naturais, Ciências Sociais, Línguas Modernas e História, fazendo da universidade um centro de aprendizagem onde todos os principais campos de conhecimento foram inseridos.⁵¹ Junto à afirmação dessas áreas do conhecimento como disciplinas autônomas nas universidades, houve uma crescente inserção de profissionais nas instituições de ensino superior, treinados nos nascentes programas de pós-graduação, onde o pré-requisito para a obtenção de títulos era a realização de pesquisas originais que representassem contribuições à construção do conhecimento. Associações foram fundadas para defender os interesses das disciplinas e de seus profissionais, e periódicos foram criados para garantir que os frutos dos trabalhos dos pesquisadores fossem publicados, possibilitando que as pesquisas fossem acessadas e criticadas pelos pares.

A profissionalização da História se deu em meio a inúmeras outras profissionalizações que ocorriam em áreas de conhecimento que também tornavam-se disciplinas autônomas no contexto do estabelecimento das universidades modernas nos Estados Unidos, seguindo um movimento mais amplo de afirmação de autoridade na vida intelectual que também ocorria nas outras áreas, sendo um padrão a constituição de associações que definissem modelos e objetivos a serem seguidos de maneira conjunta.⁵²

Walter P. Metzger afirma que, entre os anos de 1865 e 1890, houve uma revolução no ensino superior americano, consolidando ideias que já vinham sendo discutidas em periódicos desde antes da Guerra Civil. Novas universidades foram construídas, como Cornell (1865), Johns Hopkins (1876), Clark (1887), Chicago (1890) e Stanford (1891), e novos prédios foram adicionadas às instituições antigas, como Harvard, Wisconsin, Michigan, Princeton, Columbia, Yale, etc. para acompanhar a expansão de cursos e programas de pós-graduação que vinha ocorrendo.⁵³

⁵⁰ “[...] como história jurídica na faculdade de direito, como história eclesiástica na faculdade de teologia, ou como história universal na faculdade de filosofia”, Idem, *ibidem*, p.319

⁵¹ Idem, *ibidem*, p.320

⁵² HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.8

⁵³ HOFSTADTER & METZGER. *The Development of Academic Freedom in the United States...* op. cit. p.27

A universidade moderna foi fundada sobre os escombros do antigo sistema de faculdades religiosas, constituídas pelo fervor protestante; aliavam cristianismo a estudos humanísticos contra o racionalismo relativista do Iluminismo, esforçando-se para dotar a sociedade com verdades e valores religiosos.⁵⁴ No caso americano, até meados do século XIX, as faculdades estavam preocupadas com questões morais, com a disseminação de uma disciplina mental, comportamental e religiosa, sendo a inovação intelectual percebida como uma ameaça à moral protestante.⁵⁵

Essas instituições eram centradas na tradição, “*looked to antiquity for the tools of thought, to Christianity for the by-laws of living; it supplied furniture and discipline for the mind, but constrained intellectual adventure*”,⁵⁶ estudantes faziam cursos estabelecidos, recitando lições ensinadas pelos professores, sem a pretensão de inovação intelectual. Sob o domínio religioso, os membros dessas instituições – tanto professores quanto alunos – tinham sua liberdade limitada, sendo impedidos de discutir questões políticas atuais ou ferir dogmas religiosos.

Metzger, ao tratar da revolução pela qual o ensino superior passou, faz uma analogia com as revoluções políticas, onde entende que existam certos traços em comum: elas são geradas por uma série de eventos que inflamam um segmento da população e revelam a injustiça de governantes; são inspiradas por uma ideologia de ressentimento contra uma autoridade; invocam o nome de liberdades humanas vitais, embora muitas vezes adormecidas. A revolução acadêmica possuiria traços análogos, tendo sido impulsionada por um descontentamento com o domínio religioso sobre o ensino superior e com a ausência de liberdade acadêmica em um contexto de disseminação das ciências no Ocidente, em especial da teoria darwinista: “*The dismissals and harassments of teachers of evolution were the inflammatory events. The attack upon religious authority in science and education was the ideology of resentment. Freedom for academic inquiry, for which a new rationale was developed, was the freedom that was invoked*”.

⁵⁷ Sendo assim, essa revolução veio para estremecer os pilares que sustentavam o antigo sistema educacional.

⁵⁴ Idem, ibidem, p.277

⁵⁵ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.22

⁵⁶ “olhavam para a antiguidade em busca das ferramentas do pensamento, no cristianismo pelos estatutos da vida; forneceram mobiliário e disciplina para a mente, mas restringiram a aventura intelectual”, HOFSTADTER & METZGER. *The Development of Academic Freedom in the United States...* op. cit. p.278

⁵⁷ “As demissões e assédio a professores da evolução foram os eventos inflamatórios. O ataque da autoridade religiosa na ciência e na educação era a ideologia do ressentimento. A liberdade de investigação acadêmica, para a qual uma nova lógica foi desenvolvida, foi a liberdade que foi invocada”, Idem, ibidem, p.320

A mudança no modelo universitário iniciou em meados no século XIX, quando, por ser economicamente viável, muitos jovens americanos cruzaram o oceano para estudar em instituições europeias, de onde importaram o modelo em que seriam baseadas as modernas instituições de ensino superior:

In Germany they found the models that were to inspire a revolution in American higher education: the creation of new universities, like Johns Hopkins, Clark, and Chicago; the transformation of older ones, like Columbia, Harvard, Michigan, and Wisconsin. A "proper" university was a community of investigators, concerned with pursuing their researches while training the next generation of Gelehrten; rigorous scholarship, rather than religious or philosophical orthodoxy, was the criterion of academic excellence.⁵⁸

Mais de nove mil americanos foram para a Alemanha, mas somente após as faculdades começarem a ficar mais seculares e especializadas, em meados do XIX, que o número de estudantes indo para a Europa aumentou, já que, até então, as faculdades religiosas não tinham muito entusiasmo pelo modelo de faculdade germânica: *“German theology was too skeptical, German philology too specialized, German Wissenschaftslehre too strenuous”*.⁵⁹ Foi de lá que trouxeram a concepção que transformaria profundamente a estrutura do ensino superior americano: a da universidade como centro de pesquisa e não como perpetuadora de antigas tradições. Até então, grande parte das investigações eram levadas à cabo fora dessas instituições, a partir de bibliotecas privadas e com técnicas aprendidas de maneira autônoma por pesquisadores autodidatas.⁶⁰

O surgimento da universidade moderna encontrou base em uma sociedade em plena transformação industrial, acompanhada pelo crescimento urbano, desenvolvimento do comércio agrícola e empreendimento corporativo. Dinâmica e em expansão, *“the machine society needed technical skill to run it, scientific knowledge to improve it, managerial experience to organize it, engineering competence to give it cost advantages”*.⁶¹ Além das imposições do contexto, a adoção da pesquisa como função acadêmica só foi possível com o

⁵⁸ “Na Alemanha, eles encontraram os modelos que inspirariam uma revolução no ensino superior americano: a criação de novas universidades, como Johns Hopkins, Clark e Chicago; a transformação das mais antigas, como Columbia, Harvard, Michigan e Wisconsin. Uma universidade “adequada” era uma comunidade de investigadores, preocupados em prosseguir com suas pesquisas enquanto treinavam a próxima geração de Gelehrten; o rigor acadêmico, em vez da ortodoxia religiosa ou filosófica, era o critério de excelência acadêmica”, NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.22

⁵⁹ “A teologia alemã era muito cética, a filologia alemã era muito especializada, a ciência alemã era muito pesada”, HOFSTADTER & METZGER. *The Development of Academic Freedom in the United States...* op. cit. p.368

⁶⁰ Idem, ibidem, p.369

⁶¹ “A sociedade mecanizada precisava de habilidade técnica para administrá-la, conhecimento científico para aprimorá-la, experiência gerencial para organizá-la, competência de engenharia para oferecer vantagens de custo”, Idem, ibidem, p.380

advento das condições necessárias de investigação, como o acúmulo de conhecimento empírico e o refinamento nas técnicas de investigação, a superação da resistência acadêmica e uma maior familiaridade com a modelo de universidade alemã, que ao longo daquele século havia se transformado em instituições de pesquisas por excelência:

The German university undertook to train as well as to maintain its scientists and scholars. The lecture, through which the results of new research was transmitted, replaced the old medieval praelectio, the ex-position of canonical texts. The seminar, which once had been the means for training acolytes in the art of disputation, became, along with the laboratory, a workshop of scientific practice. Working in the vineyard of knowledge side by side with his master, the student learned the methods of his discipline and undertook his own investigations.⁶²

Antes de 1850, os americanos que foram para a Alemanha voltaram mais impressionados com o avanço e especialização do ensino naquele país do que com o seu comprometimento com a pesquisa acadêmica. Somente na segunda metade do século, o ideal da pesquisa acadêmica começou a ser seguido nos Estados Unidos, onde o livro “*University Education*”, de Hanry P. Tappan apareceu como uma das primeiras tentativas de definir a universidade como sendo, entre outras coisas, o lugar para se levar adiante investigações científicas.⁶³ A Johns Hopkins University foi a primeira instituição a ser criada a partir do modelo germânico. O primeiro reitor da universidade, Daniel Coit Gilman, afirmou, ao assumir suas responsabilidades, que o objetivo da universidade seria “*the encouragement of research; the promotion of young men; and the advancement of individual scholars, who by the excellence will advance the sciences they persue, and the society where they dwell*”,⁶⁴ deixando evidente que a base sobre a qual a nova instituição se sustentaria seria a da pesquisa científica. Quase a totalidade do primeiro grupo de professores da universidade teria estudado na Alemanha, fazendo com que ela ficasse conhecida como “Göttingen de Baltimore” por adotar um modelo parecido de palestras, seminários e laboratórios. Inspiradas na JHU, outras universidades foram criadas até o final do século XIX, mas não fica evidente um padrão no estabelecimento dessas instituições de ensino superior nos Estados Unidos, já que possuíam naturezas diferentes: públicas e privadas, locais

⁶² “A universidade alemã se empenhou em ensinar, assim como a manter seus cientistas e acadêmicos. A palestra, através da qual os resultados das novas pesquisas eram transmitidos, substituiu a antiga *praelectio* medieval, a exposição dos textos canônicos. O seminário, que antes havia sido o meio de treinamento dos acólitos na arte da disputa, tornou-se, aliado ao laboratório, uma oficina de prática científica. Trabalhando na vinha do conhecimento, lado a lado com seu mestre, o estudante aprendia os métodos de sua disciplina e realizava suas próprias investigações.”, Idem, *ibidem*, p.373

⁶³ Idem, *ibidem*, p.376

⁶⁴ “o encorajamento das pesquisas; o desenvolvimento dos jovens; e o progresso dos acadêmicos, que, através da excelência, farão progredir as ciências que perseguem e a sociedade que habitam”, GILMAN apud HOFSTADTER & METZGER. *The Development...* op. cit. p.377

e nacionais, leigas e profissionais. Os americanos não construíam suas universidades com a consistência lógica dos alemães; essas instituições eram diferentes entre si em tamanho, qualidade, independência, e diversas em seu caráter e propósitos.

No que se refere à História, David Tassel afirma que as raízes que levaram à profissionalização remontam à Guerra Civil, onde o seu término e o posterior período de Reconstrução representaram a consolidação do Estado-nacional, único solo onde uma historiografia nacional, levada à cabo por historiadores nacionais, poderia florescer, e cita Jameson, membro da primeira geração de historiadores profissionais dos EUA, ativo na construção da AHA: “*It was natural*’, Jameson recalled, *‘that the great war for nationality should be followed within twenty years by a great outburst of historical activity’*”.⁶⁵ Mas foi a ideia de que a História era uma ciência, afirmada em um método, o que assegurou uma posição à nascente disciplina dentro do universo das universidades modernas em desenvolvimento.⁶⁶

Não somente o modelo institucional adotado pelos historiadores foi inspirado no exemplo do que vinha ocorrendo na Europa. A forma como concebiam o conhecimento histórico, como passível de ser conhecido objetivamente através de procedimentos científicos emprestados das ciências naturais, assim como o método de pesquisa que seria aplicado nas investigações sobre o passado, também foram trazidos pelos estudantes americanos que se formaram na Alemanha, onde aprenderam técnicas de pesquisa para investigar e verificar o fato histórico: paleografia, numismática, epigrafia, esferologia e muito mais. Mas além da técnica, aprenderam muito sobre o rigor na pesquisa, onde, de acordo com Peter Novick, “*Their ideal was the man who would ‘cross an ocean to verify a comma’*”.⁶⁷

Na próxima seção, veremos como o processo de profissionalização ocorreu nos Estados Unidos entre as décadas de 1880-1910 para atender às demandas da disciplina que se constituía, onde buscava-se compreender e explicar o mundo não mais a partir da religião, mas sim pelo entendimento, através de métodos científicos, das leis universais que regem o mundo.

⁶⁵ “‘Foi natural’, recordou Jameson, ‘que a grande guerra pela nacionalidade fosse seguida, dentro de vinte anos, por uma grande explosão de atividade histórica’”, JAMESON apud TASSEL, David D. Van. *From Learned Society to Professional Organization... The American Historical Review*, Vol. 89, No. 4 (Oct., 1984), p.931

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p.931

⁶⁷ “O seu ideal era do homem que iria ‘cruzar o oceano para verificar uma vírgula’”, NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.23

1.1.2. Bases institucionais

A transformação pela qual a História passou no último quarto do século XIX não foi única, este foi um período onde a estrutura da erudição em todas as disciplinas se alterou. O padrão pelo qual a disciplina histórica se profissionalizou foi o mesmo de dezenas de outras profissões, onde foi comum a criação de associações e periódicos. Theodore Hamerow pontua que, após a fundação da American Philological Association em 1869, pelo menos 70 outras sociedades eruditas formaram-se ao longo da década de 1870, e mais 121 na seguinte. Não menos do que quinze grandes organizações acadêmicas, entre elas a American Historical Association, foram estabelecidas entre 1876 e 1905.⁶⁸ Para os envolvidos com a profissionalização, ela significava uma disciplina mais coerente e acadêmica, onde, impressionados com as conquistas obtidas pelas ciências naturais ao longo do século XIX, procuraram aplicar métodos igualmente rigorosos de exame e avaliação ao estudo do passado.

*The founders of the historical profession in America, therefore, wanted the historian to become less of a storyteller and more of a scientist. They wanted to establish a recognized standard of scholarship, a standard which would improve the quality of learning and extend the range of knowledge. They hoped that through organization they would enable history to realize more fully its potential as the guide of mankind.*⁶⁹

A American Historical Association foi criada a partir da American Social Science Association, esta última com a finalidade de reunir intelectuais dispostos a discutir questões nacionais, mas essa sociedade era bastante ampla, com pouco espaço para os interesses das diferentes disciplinas. A AHA surgiu no esteio do crescente reconhecimento da História como um tipo diferente de conhecimento, onde historiadores se mobilizaram para criar uma nova organização que promovesse um estudo mais disciplinado do passado.⁷⁰ A associação foi criada na sala de um hotel em Saratoga Springs, em Nova York, no dia 9 de setembro de 1884, durante um encontro da ASSA, por um pequeno grupo de historiadores decidido a iniciar uma nova

⁶⁸ HAMEROW, Theodore S. The Professionalization of Historical Learning. *Reviews in American History*, Vol. 14, No. 3 (Sep., 1986), p.322

⁶⁹ “Os fundadores da profissão histórica na América, portanto, queriam que o historiador se tornasse menos um contador de histórias e mais um cientista. Eles queriam estabelecer um padrão acadêmico reconhecido, um padrão que melhorasse a qualidade da aprendizagem e estendesse o leque de conhecimentos. Eles esperavam que através da organização eles capacitassem a história a realizar mais plenamente seu potencial como guia da humanidade.” Idem, *ibidem*, p.323

⁷⁰ TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.29

sociedade inteiramente dedicada aos estudos históricos.⁷¹ Entre eles estava Herbert Baxter Adams, professor na Johns Hopkins University, responsável por formar grande parte dos primeiros profissionais americanos, e Andrew Dickson White, primeiro presidente da associação. A constituição da AHA foi apresentada no dia seguinte à decisão de sua criação, por Charles Kendall Adams – que viria a ser presidente cinco anos depois –, onde, além do nome da nova associação, constavam outros cinco artigos definindo o funcionamento institucional da sociedade.

O objetivo da associação seria o de promover estudos históricos, e a entrada de novos membros se daria através do aceite pelo Conselho Executivo mediante pagamento de três dólares. Além disso, a constituição definia a existência de um presidente, dois vice-presidentes, um secretário, um tesoureiro e um conselho executivo composto pelos diretores e outros quatro membros eleitos pela associação. O conselho seria responsável pela eleição dos membros, pela convocação de reuniões, pela seleção de artigos a serem lidos e pela determinação de quais documentos seriam publicados. Esses membros seriam eleitos anualmente durante o encontro da AHA.⁷² Como veremos adiante, na prática, a associação foi durante mais de trinta anos controlada pelo mesmo grupo de historiadores que se autoperpetuava em sua direção, o que culminou em uma revolta em 1915 para que o modelo de funcionamento fosse alterado.⁷³

A criação também partiu da necessidade de legitimar a História como disciplina para que o pequeno grupo de historiadores empregados em universidades tivesse sua área reconhecida e seu espaço de atuação aumentado nas instituições onde as disciplinas tradicionais já estavam consolidadas, assim como para reunir todos os envolvidos no empreendimento histórico:⁷⁴

The first public call to an organizational meeting for the AHA reflects this diversity, pitching the request to 'professors, teachers, specialists, and others interested in the advancement of history in this country' to join together in conference

⁷¹ TASSEL, David D. Van. From Learned Society to Professional Organization. *The American Historical Review*, Vol. 89, No. 4 (Oct., 1984), p. 929

⁷² *Constitution of the American Historical Association*. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/historical-archives/first-meeting-of-the-american-historical-association/final-organization-constitution-and-original-membership>. Acesso em: 28/09/2018

⁷³ BILLINGTON, Ray Allen. Tempest in Clio's Teapot. *American Historical Review*, Vol. 78, No. 2 (Apr., 1973)

⁷⁴ É importante notar que a AHA não era a única associação histórica do país, mas sim a de nível nacional. Dezenas de outras associações regionais coexistiram ao longo de seus anos, sendo muitas mais antigas do que a AHA. Essas sociedades muitas vezes se associaram à faculdades de História de suas localidades, também gerindo documentos primários, HIGHAM, John. *History: Professional Scholarship...* op. cit. p.18. Um outro aspecto interessante dessas associações é o fato de grande parte de seus membros ser formada por amadores, entre eles antiquários locais pouco interessados em colaborar com uma história nacional, TASSEL, David D. Van. *From Learned Society...* op. cit. p.932

*to 'widen their horizon of interest and cause their individual fields of labor to become more fruitful.'*⁷⁵

Os primeiros membros da associação representavam uma área geográfica restrita, sendo em grande parte da Nova Inglaterra, reflexo de onde o núcleo do estudo avançado na disciplina se encontrava no momento, mas no que se refere às suas ocupações, representavam uma grande variedade: pesquisadores profissionais e amadores, bibliotecários, arquivistas e políticos, uma vez que o objetivo da associação era englobar todas as práticas do empreendimento histórico para fortalecer o campo e tornar as pesquisas mais viáveis. A presença maciça de políticos interessados em História nos primeiros anos da AHA se explica pela busca dos membros do conselho executivos por obter prestígio e vantagens para a associação emergente, tendo C. K. Adams saído à procura de apoio do Congresso e atraído membros influentes, mesmo não sendo profissionais, ou mesmo historiadores, o que ficará evidente ao analisarmos os discursos dos presidentes da associação no capítulo seguinte, onde notaremos que, até 1907, a presidência da associação foi dominada por políticos, diplomatas e advogados:

*“He [Charles Kendall Adams] wanted them to represent the association before various branches of the government and by their presence on the program swell the attendance at the AHA's annual meetings. For example, in 1887 Adams urged Bowen "to get Hamilton Fish or any other big whale" for the program of the Boston meeting. By 1890, when the association was only six years old, nonacademic members had displaced professors of history in a majority of offices. From the time the organizers sacrificed C. K. Adams's claim to the first presidency in favor of his famous and influential teacher Andrew Dickson White, the office of president had been primarily an honorary one. The major criterion for election seemed to be practical - the prestige that the nominee would bring to the office, not, or only secondarily, his qualifications as a historian. Apparently the founders of the association tacitly agreed that, since officers were elected each year, a new person should hold the presidency annually, although they did not stipulate this in the constitution.”*⁷⁶

⁷⁵ “A primeira chamada pública para uma reunião organizacional da AHA reflete essa diversidade, lançando o pedido para 'professores universitários, professores do ensino básico, especialistas e outros interessados no avanço da história neste país' para se unirem em conferência para 'ampliar seu horizonte de interesse e fazer com que seus campos individuais de trabalho se tornem mais frutíferos.’ TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.29

⁷⁶ “Ele [Charles Kendall Adams] queria que eles representassem a associação diante das várias ramificações do governo e, através de suas presenças no programa, aumentassem a participação nas reuniões anuais da AHA. Por exemplo, em 1887, Adams pediu a Bowen ‘que pegasse Hamilton Fish ou qualquer outra grande baleia’ para o programa da reunião de Boston. Em 1890, quando a associação tinha apenas seis anos de idade, membros não acadêmicos haviam deslocado professores de história na maioria dos cargos. A partir do momento em que os organizadores sacrificaram a reivindicação de C. K. Adams à primeira presidência em favor de seu famoso e influente professor Andrew Dickson White, o cargo de presidente fora fundamentalmente honorário. O principal critério para a eleição parecia ser prático - o prestígio que o indicado traria para o cargo, e não, a não ser secundariamente, suas qualificações como historiador. Aparentemente, os fundadores da associação concordaram tacitamente que, uma vez que oficiais eram eleitos a cada ano, uma nova pessoa deveria exercer a presidência anualmente, embora eles não tenham estipulado isso na constituição”, TASSEL, David D. Van. *From Learned Society to Professional Organization...* op. cit. p.939

Entre 1885 e 1910, o número de membros da AHA cresceu quase 13 vezes, de 220 para 2763, em grande parte pelo aumento do escopo das atividades da associação, que passou a englobar as várias atividades do empreendimento histórico, “*Most notably, the association obtained a congressional charter in 1889 that expanded the organization’s focus to include ‘the promotion of historical studies, the collection and preservation of historical manuscripts, and for kindred purposes in the interest of American history and of history in America.’*”⁷⁷ Além disso, o governo americano nunca tomou para si a responsabilidade por subsidiar pesquisas ou gerir documentos históricos, tornando-se um esforço dos membros da associação a criação de espaços de diálogo entre pesquisadores e de troca de materiais. Neste sentido, em 1895, o Conselho, aceitando que não poderia contar com apoio governamental, criou a Historical Manuscripts Commission, “[...] ‘*to edit, index, or collect information in regard to unprinted documents relating to American history*’”⁷⁸. Ao longo dos anos, a comissão publicou nos relatórios anuais da associação diversos documentos provindos de diferentes estados, facilitando ao historiador que realizasse pesquisas fora de sua região. Até o final do século XIX, a maior parte dos historiadores necessariamente estudava História Local, já que não possuíam muitos documentos a sua disposição. A exceção eram os aristocratas mais afortunados, que podiam contar com o serviço de copistas para ter acesso aos documentos. A transformação acadêmica pela qual o país passou no final do século trouxe consigo a criação de grandes bibliotecas, sendo a principal delas a Library of Congress, que, nos primeiros anos do século XX, sob a gestão de Herbert Putman, bibliotecário provindo da aristocracia de Nova York, iniciou três políticas que ajudariam a consolidar a atividade acadêmica em escola nacional:

*It started distributing its printed catalog cards to other libraries, thereby creating a uniform system of cataloging. It build up, adjacent to its own card catalog, a national uniform catalog of books located in other major AMERICAN libraries. And, most remarkably, Putman announced the willingness of the Library of Congress to lend books to other libraries for the use of scholars at a distance from Washington.*⁷⁹

⁷⁷ “Mais notavelmente, a associação obteve uma licença do Congresso em 1889 que expandia o foco da organização para incluir ‘a promoção de estudos históricos, a coleta e preservação de manuscritos históricos, e para fins semelhantes no interesse da história americana e da história na América’”, Idem, *ibidem*, p.931

⁷⁸ “[...] para editar, indexar ou coletar informações referentes a documentos não impressos relacionados à história americana”, HIGHAM, John. *History... op. cit.* p.17

⁷⁹ “Começou a distribuir seus catálogos impressos para outras bibliotecas, criando assim um sistema uniforme de catalogação. Construiu, junto ao seu próprio catálogo, um catálogo nacional de livros localizados em outras grandes bibliotecas americanas. E, o mais notável, Putman anunciou a disponibilidade da Biblioteca do Congresso para emprestar livros para outras bibliotecas para o uso de acadêmicos fora de Washington.”, Idem, *ibidem*, p.29

Townsend afirma que a criação da American Historical Association em 1884 é comumente tomada como marco de início da disciplinarização da História nos Estados Unidos, mas que, na prática, ela é somente um indício do nascente espírito da profissionalização desse conhecimento, ajudando a emergir um senso de que a História era um campo distinto de atividade que se desenvolvia em vários campos institucionais, como escolas, universidades e sociedades históricas.⁸⁰ Entre as décadas de 1880 e 1910, o número de historiadores empregados em universidades cresceu cerca de 10% ao ano, apesar de ser difícil quantificar por conta da ambiguidade entre as disciplinas. A História, por exemplo, nesses primeiros anos da profissionalização, demorou, em muitas instituições, a tornar-se um departamento separado, fazendo muitas vezes parte do departamento de Ciência Política ou Sociologia. Essa ambiguidade era também perceptível entre os historiadores, onde muitos também se identificavam com outras disciplinas, o que fica evidente quando notamos a quantidade de historiadores que, além da AHA, possuíam filiações em outras associações profissionais.⁸¹ Mas, mesmo assim, houve um claro crescimento no número de acadêmicos que se identificava com a História disciplinada neste período, de mais ou menos duas dúzias em 1884 para quase 600 por 1910.⁸²

Na primeira fase da disciplinarização, o Doutorado não era necessário para que o pesquisador conquistasse uma vaga em uma universidade. Townsend afirma que somente por volta de 1919 é que os pesquisadores começaram a tomar o título como essencial. Desta maneira, até então, o campo estava dividido entre os praticantes do antigo modelo de ensino e escrita de história, os historiadores “amadores”, e a nova geração profissional. Muitos dos historiadores que se filiaram à AHA durante seus primeiros anos não possuíam formação na área, sendo os historiadores profissionais, uma minoria ensinando e escrevendo História.⁸³

Havia, por parte dos novos historiadores, uma tentativa de marcar uma separação entre sua prática e a dos amadores, ou “literários”, mas, mesmo com o novo prestígio da disciplina, os historiadores mais antigos ainda se destacavam na consciência pública, promovendo, assim, uma credibilidade para as novas formas de trabalho histórico entre o público em geral.

A mesma importância para o desenvolvimento da disciplina teve o desenvolvimento de programas de pós-graduação. Esses programas serviram como núcleo da História

⁸⁰ TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.14

⁸¹ Idem, *ibidem*, p.14-15

⁸² Idem, *ibidem*, p.15

⁸³ Idem, *ibidem*, p.16

profissionalizada por conta dos estudantes que formavam e dos materiais originais que eram produzidos como pré-requisito para a obtenção do título. Na produção das monografias, diferentemente do que ocorria na geração anterior de amadores, onde grande parte do trabalho de pesquisa era feito por copistas que não levavam crédito pelo trabalho feito, os jovens historiadores não trabalhavam em função das pesquisas de seus professores, mas sim, desenvolviam seus próprios trabalhos, tendo os professores apenas o papel de supervisioná-los.⁸⁴ Neste sentido, os títulos de Doutor só começaram a ser conferidos com base em pesquisas originais, com um tempo mínimo de dois anos. A partir da década de 1870,

*The training of scholars in the field was increasingly built on a more proactive method of instruction, generally credited to the seminar method used in German universities. Fundamentally, the seminar method placed an emphasis on the active production of 'clear and original statements of fact and opinion. [...] The establishment of new programs of historical study by younger scholars with PhDs from German universities at Johns Hopkins, Columbia, and Harvard Universities in the mid-1870s and early 1880s set a new standard for the PhD, and created a much more vibrant and energetic base of history doctoral study.'*⁸⁵

Até o final do século, a Johns Hopkins University foi a instituição que mais formou doutores, cerca de 40% do total dos Estados Unidos. Entre seu corpo docente estava o já mencionado Herbert Baxter Adams, um dos membros fundadores da AHA, com o seu famoso seminário, por onde dezenas de jovens que viriam a ocupar postos em universidades passariam, entre eles, Frederick Jackson Turner.

Durante as primeiras décadas da profissionalização, cerca de um programa de pós-graduação foi aberto nos Estados Unidos por ano, e 448 títulos foram concedidos. A formação desses novos historiadores se deu muito a partir do método de seminário alemão, disseminado em grande parte pela monografia de H. B. Adams "*Methods of Historical Study*". Para Townsend, a adoção desse novo método ajudou a assinalar a mudança pela qual a História como conhecimento estava passando, e a marcar a nova prática como uma atividade profissional.⁸⁶ Esses programas estavam mais concentrados no Nordeste e cresciam fora dessa região de forma bastante lenta. Mas, por mais que estes últimos concedessem um número bastante menor de

⁸⁴ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1970, p.51

⁸⁵ "A formação de estudiosos no campo foi construída cada vez mais a partir de um método mais proativo de instrução, geralmente creditado ao método de seminário usado nas universidades alemãs. Fundamentalmente, o método de seminário enfatizava a produção ativa de 'declarações de fato e de opinião claras e originais'. [...] O estabelecimento de novos programas de estudo histórico por jovens acadêmicos com PhDs de universidades alemãs nas Universidades Johns Hopkins, Columbia e Harvard em meados da década de 1870 e início da década de 1880, estabeleceu um novo padrão para o PhD, e criou um ambiente muito mais vibrante e uma base mais ativa ao estudo de Doutorado em história", TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op. cit .p.20

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p.21

títulos, foram muito importantes na disseminação de pontos de vista diferentes dos estabelecidos no Leste, como foi o caso da *western history*.⁸⁷

Como mencionado anteriormente, a escrita de monografias originais era a condição para a obtenção de títulos, e desta maneira, houve o desenvolvimento de uma rede de publicações para que o crescente número de pesquisas feitas a partir dessa nova estrutura institucional fossem disseminadas, fazendo com que elas próprias criassem o aparato necessário para tornar esses trabalhos públicos.

Na American Historical Association, sob a direção de Charles Kendall Adams, também foram estabelecidos programas de publicações através de textos entregues nos encontros anuais da associação, como “*The Papers of the American Historical Association*”, ativo entre 1884 e 1889 e o “*Annual Report of the American Historical Association*”, em funcionamento até hoje, que incluíam relatórios de atividades da associação, assim como artigos e ensaios.⁸⁸ A estrutura desses relatórios era bastante diferente da dos periódicos acadêmicos atuais, onde os textos não passavam por avaliação dos pares e muitas vezes não eram de historiadores. Os textos eram de naturezas diversas, que iam desde análises simples de alguma fonte à estudos complexos sobre algum tema obscuro, demonstrando que não havia muito critério sobre o que seria publicado, havendo um padrão apenas na temática e no método:

The presentations typically focused on political subjects, drew their material primarily from government documents or private letters, and presented their findings largely through extensive serial quotation rather than analysis. Even the basic apparatus of scholarship—such as the form and content of scholarly footnotes—was still a matter of debate and discussion for those seeking to set the discipline on a properly “scientific” footing.⁸⁹

Em 1885, um grupo de professores, encabeçados por George Burton Adams, de Yale, e Albert Bushnell Hart, de Harvard, criaram a *American Historical Review*, periódico anual que inicialmente era independente da AHA, que buscava ser um periódico de alto padrão e de alcance nacional. John Franklin Jameson, membro ativo da associação desde a sua fundação e presidente em 1907, em um texto onde relata como ocorreu a criação do periódico, afirma que, diferentemente do que ocorria em quase todas as disciplinas, onde revistas científicas eram

⁸⁷ Idem, *ibidem*, p.22

⁸⁸ Idem, *ibidem*, p.23-24

⁸⁹ “As apresentações geralmente se focavam em assuntos políticos, extraíam seu material principalmente de documentos do governo ou cartas particulares e apresentavam suas descobertas em grande parte por meio de extensa citação em série, em vez de análise. Até mesmo o aparato básico da erudição - como a forma e o conteúdo das notas de rodapé acadêmicas - ainda era uma questão de debate e discussão para aqueles que buscavam estabelecer a disciplina em bases propriamente ‘científicas’”, Idem, *ibidem*, p.24

criadas em universidades, o primeiro periódico científico de História foi criado a partir de um esforço conjunto de membros de diversas universidades que, ao invés de separar forças para criar publicações concorrentes, optaram por uni-las.⁹⁰

Em 1898 a AHA começou a subsidiar a AHR, e, em 1915, após acusações de Frederic Bancroft, um membro da associação, de fraude e favoritismo contra os editores, a associação formalizou seu controle sobre a revista.⁹¹ A criação da AHR teve uma importância extrema no processo de profissionalização da História por criar um padrão de qualidade para as publicações acadêmicas. Diferentemente do que era publicado nos relatórios da associação, as publicações do periódico eram feitas em geral por historiadores profissionais, mas com relação ao conteúdo dos textos e método, não eram muito diferentes:

*The form, content, and methodological underpinnings of much of the work remained quite similar. The articles still focused primarily on political activities, presented material largely from government documents and private letters, and generally demonstrated their findings through extensive quotation rather than analysis.*⁹²

A forma como os textos eram selecionados também não passava por critérios muito objetivos; eram, em grande parte, dos próprios membros da equipe editorial ou de seus alunos, sendo os outros artigos aceitos através de alguma carta de recomendação do orientador de Doutorado,⁹³ o que demonstra a importância das afiliações institucionais para se inserir naquele meio. Esse modelo começa a mudar a partir de 1909, quando Albert Bushnell Hart deixa o corpo editorial do periódico e começa a falar da necessidade de fazer da AHR um meio de publicação de pesquisas que representassem as melhores reflexões do momento, que trouxessem importantes reflexões sobre o conhecimento histórico, o que foi levado adiante na gestão seguinte de J. F. Jameson.⁹⁴

A AHR era um periódico ligado à AHA, mas, assim como a associação, possuía alcance nacional, mas tinha seus similares regionais. Dezenas de outras revistas foram criadas, ligadas às associações e universidades locais.⁹⁵ Mesmo com este crescente surgimento de periódicos,

⁹⁰ JAMESON, John Franklin. *The American Historical Review, 1895-1920*. In.: *The American Historical Review*, Vol. 26, No. 1 (Oct., 1920), p.4

⁹¹ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.17

⁹² “A forma, o conteúdo e os fundamentos metodológicos de grande parte dos trabalhos permaneceram bastante semelhantes. Os artigos ainda se concentravam principalmente em atividades políticas, apresentavam em grande parte como fontes documentos do governo e cartas particulares, e geralmente demonstravam suas descobertas através de extensa citação ao invés de análise.”, TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.25

⁹³ Idem, *ibidem*, p.25

⁹⁴ Idem, *ibidem*, p.26

⁹⁵ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.34

estes não eram a única maneira pela qual os pesquisadores divulgavam suas pesquisas. Acompanhando esse movimento, também houve o desenvolvimento de uma indústria editorial de livros, possibilitando a publicação de análises mais extensas, principalmente editoras universitárias. Mas, mesmo em uma atmosfera de avanço da historiografia disciplinada, no que se refere a livros de História, o mercado editorial ainda era dominado por trabalhos de amadores, em grande parte por conta da dificuldade dos historiadores profissionais em conseguir escrever para o público não especializado.⁹⁶

1.1.3. Os profissionais

Um dos resultados da profissionalização foi o de desonerar os pesquisadores dos custos das pesquisas e garantir que, como uma categoria profissional, tivessem acesso à direitos como nas outras profissões, como salário, férias, aposentadoria, sendo esta uma grande conquista obtida através da profissionalização da História.

Nos Estados Unidos, a profissionalização ocorreu uma geração mais tarde do que na Europa, mas, desde o período colonial, houve historiadores amadores. Os primeiros historiadores foram os clérigos puritanos, para quem o passado seria uma crônica da vontade de Deus.⁹⁷ Esses historiadores-clérigos foram gradualmente substituídos, no decorrer do século XVIII, por historiadores cavalheiros, aristocratas ociosos que possuíam recursos financeiros e tempo disponível para as investigações,⁹⁸ uma vez que eram os próprios investigadores que arcavam com os custos das viagens para procurar documentos e dos serviços de copistas e ajudantes, fazendo da investigação do passado uma das atividades intelectuais mais dispendiosas. George Bancroft, por exemplo, afirmou, em 1872, que já havia gasto cerca de 75 mil dólares em suas pesquisas e estimava que ainda gastaria 25 mil até seu término.⁹⁹ Esses homens percebiam-se como portadores de uma grande responsabilidade social, uma vez que o historiador seria o juiz humano supremo dos homens e dos eventos, “*They strove—without*

⁹⁶ TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.27-28

⁹⁷ HAMEROW, Theodore S. *The Professionalization of Historical Learning...* op. cit. p.320

⁹⁸ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.3

⁹⁹ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op. cit. p.26

always succeeding, of course—to play a judicial role fairly and impartially, for the patrician, untrammelled by religious orthodoxy, prided himself on his independence of mind".¹⁰⁰

Neste sentido, a profissionalização foi muito importante para tirar dos pesquisadores o peso de arcar com os custos das pesquisas, possibilitando que pessoas que não fossem membros da aristocracia pudessem trabalhar como historiadores. Essa tradição do historiador amador que estuda o passado, não para ganhar a vida, mas para seu desenvolvimento intelectual, persistiu até muito depois da profissionalização,

*As late as 1884, when the American Historical Association was organized, there were in the four hundred institutions of higher education in the United States no more than fifteen professors and five assistant professors teaching history exclusively, although many more combined it with political science, political economy, literature, philosophy, philology, geology, natural history, and modern languages.*¹⁰¹

Nas últimas décadas do século XIX, com a rápida transformação do modelo de produção da História, também houve uma mudança nos sujeitos envolvidos nesta atividade. A produção do conhecimento histórico até então havia sido dominada por cavalheiros inspirados por ideais literários, que escreviam textos dirigidos a um amplo público leitor, sendo agora substituídos por jovens treinados sob os parâmetros da historiografia disciplinada, saídos de outras classes sociais que não necessariamente a aristocracia, e que escreviam para um outro público, o acadêmico.¹⁰² Essa mudança coincidiu com o desaparecimento da velha geração de grandes historiadores literários, já que Bancroft e Parkman, os dois últimos renomados historiadores românticos, morreram na década de 1890.¹⁰³ Isso não quer dizer que a pesquisa histórica, a partir daí, seria uma atividade exclusiva dos profissionais. Por muito tempo após a criação da American Historical Association, muitos de seus membros não possuiriam uma educação formal em História, assim como grande parte das narrativas sobre o passado consumidas pelo público não especializado seriam escritas por amadores.

A profissionalização significou a possibilidade do surgimento de um grupo de profissionais capaz de se sustentar ensinando e escrevendo sobre o passado. Eles

¹⁰⁰ “Eles se esforçaram – mas não conseguiam sempre, é claro - em desempenhar um papel judicial de maneira justa e imparcial, pois o patricio, livre da ortodoxia religiosa, orgulhava-se de sua independência mental”, HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.3

¹⁰¹ “Ainda em 1884, quando a American Historical Association foi criada, havia, nas quatrocentas instituições de ensino superior nos Estados Unidos, não mais do que quinze professores e cinco professores assistentes lecionando exclusivamente história, embora muitos mais o combinassem com ciência política, política, economia, literatura, filosofia, filologia, geologia, história natural e linguagens modernas.”, HAMEROW, Theodore S. *The Professionalization of Historical Learning...* op. cit. p.321

¹⁰² HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op. cit. p.46

¹⁰³ Idem, *ibidem*, p.47

compartilhavam os mesmos interesses intelectuais, engajavam-se nas mesmas atividades acadêmicas, ocupavam as mesmas posições sociais e enfrentavam os mesmos problemas econômicos. Seu novo senso de identidade coletiva logo levou à formação de uma organização profissional cuja função era definir um padrão comum de conduta ocupacional.¹⁰⁴ Essa transformação teve um efeito profundo no estudo da História, já que agora poderiam contar com retornos financeiros e intelectuais pelo seu trabalho,

They no longer had to depend on private income, outside employment, a wealthy patron, or the favor of the reading public. It became possible for them to pursue their discipline secure in the knowledge that they would receive adequate compensation. Being a historian ceased to be a high-risk venture like being a writer, composer, or painter. It became an organized occupation with a clearly defined standard of conduct, procedure, method, and reward.¹⁰⁵

Desta maneira, a História poderia ser estudada com maior independência, já que os pesquisadores não precisavam mais se preocupar tanto com a demanda do público e das editoras, tornando possível que as pesquisas fossem feitas de uma maneira mais especializada, em função da “construção do conhecimento histórico”, e não para agradar o público em geral. Os amadores haviam oferecido seus produtos em um mercado livre: produtores independentes e não-regulamentados, recebiam recompensas pecuniárias ou não-pecuniárias como resultado da aprovação do consumidor.¹⁰⁶ Com a profissionalização, a História tornou-se uma ocupação de tempo integral, e os critérios anteriores de avaliação do trabalho histórico – a aceitação do público –, não eram mais aceitáveis; agora a avaliação se daria pelos pares:

The profession was responsible for the award of fellowships, prizes, and honorific offices; the acceptance or rejection of submissions by journals; the evaluation of books in those journals; and, most crucially, though as yet far from autonomously, employment opportunities, promotion, and salaries. These were all, naturally, matters of the greatest concern to the new professionals, and the profession of history could hardly have functioned had these rewards not been distributed on the basis of what were perceived to be universalistic and objective criteria.¹⁰⁷

¹⁰⁴ HAMEROW, Theodore S. *The Professionalization of Historical Learning...* op. cit. p.320

¹⁰⁵ “Eles não precisavam mais depender da renda privada, do emprego externo, de um rico patrono ou do favor do público leitor. Tornou-se possível para eles buscar sua disciplina, seguros de que receberiam uma remuneração adequada. Ser um historiador deixou de ser um empreendimento de alto risco, como ser escritor, compositor ou pintor. Tornou-se uma ocupação organizada, com um padrão claramente definido de conduta, procedimento, método e remuneração.”, Idem, *ibidem*, p.321

¹⁰⁶ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p 53-54

¹⁰⁷ “A profissão era responsável pela concessão de bolsas de estudo, prêmios e honrarias; pela aceitação ou rejeição de textos por periódicos; pela avaliação de livros nessas revistas; e, o mais importante, embora ainda longe de ser de maneira autônoma, pelas oportunidades de emprego, promoções e salários. Esses eram, naturalmente, assuntos da maior preocupação para os novos profissionais, e a profissão de história dificilmente poderia ter funcionado se essas recompensas não tivessem sido distribuídas com base naquilo que era percebido como critérios universalistas e objetivos.”, Idem, *ibidem*, p.54

Além disso, a profissionalização dos historiadores protegeu os que não possuíam grande talento, atribuindo a estes a tarefa de acumular informações que os mais talentosos poderiam utilizar em grandes pesquisas. Sobre essa questão, Novick utiliza a metáfora do conhecimento como uma grande construção arquitetônica: nem todos os historiadores seriam capazes de realizar grandes sínteses e construir um prédio, mas quase qualquer pessoa devidamente treinada através dos procedimentos estabelecidos poderia moldar um tijolo, “*worthwhile employment in making a contribution to the edifice was thus guaranteed to those of the most modest endowments*”.¹⁰⁸

*

Como vimos anteriormente, o final do século XIX e princípio do XX presenciou um momento de grande agito intelectual nos EUA, tendo sido o momento de modernização do ensino superior e constituição disciplinar da História naquele país. Neste período, os antigos currículos das universidades foram modificados e em grande parte substituídos ao longo do processo de subdivisão disciplinar dentro das ciências sociais, onde houve uma expansão universitária, acompanhada pelo constante aumento de alunos nessas instituições.¹⁰⁹

Na segunda parte deste capítulo, dedicada à trajetória acadêmica de Frederick Jackson Turner, veremos como este foi um historiador que obteve sua formação superior e atuou como profissional durante o momento de constituição disciplinar e profissionalização da História, tendo sido uma figura importante nestes processos. Podemos marcar o início da trajetória de Turner em 1885, quando aceita o cargo de professor substituto de História Europeia na University of Wisconsin e, logo depois, inicia seu Mestrado na instituição, onde escolhe como tema de pesquisa o comércio de peles em seu estado. Coincidentemente, no ano anterior, era fundada a American Historical Association, sociedade em que seria bastante ativo e que viria a se tornar presidente em 1910. Durante os anos em que esteve na UW (até 1910), apresentou sua teoria explicativa sobre o desenvolvimento histórico de seu país, que o tornou nacionalmente reconhecido entre os intelectuais; ajudou a construir um departamento de História, assim como a construir um programa de pós-graduação; orientou dezenas de pesquisadores que mais tarde

¹⁰⁸ “um emprego valorizado em fazer uma contribuição para o edifício foi assim garantido para aqueles que possuíam dotes mais modestos”, Idem, *ibidem*, p.56

¹⁰⁹ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.145

recomendaria a cargos em outras instituições, ajudando a formar as primeiras gerações de historiadores profissionais americanos, assim como a disseminar em universidades de todas as regiões a sua *frontier thesis*.

Como veremos adiante, a História se constituiu como disciplina autônoma dentro das universidades a partir de sua legitimação como sendo científica, pegando de empréstimo teorias e métodos das ciências naturais, sendo necessário que a aprovação dos pares validasse as pesquisas. Para isso, uma estrutura institucional foi criada, englobando a criação de associações e de publicações. Neste sentido, a trajetória acadêmica de Turner foi escolhida para a escrita desta dissertação por possibilitar um olhar privilegiado sobre os caminhos pelos quais estes processos ocorreram nos Estados Unidos, uma vez que ele e seus contemporâneos estiveram presentes na construção da estrutura da profissão e foram sujeitos ativos neste processo. Além disso, a maneira pela qual Turner construiu sua reputação e disseminou sua *frontier thesis* não se encontra somente na qualidade explicativa de sua teoria, mas, em grande parte, na forma como o historiador conduziu suas relações pessoais e profissionais para conquistar um lugar de destaque na profissão que emergia e garantir boas posições a seus alunos.

1.2. Trajetória profissional de Frederick Jackson Turner

1.2.1. A *Frontier thesis*

Frederick Jackson Turner é reconhecido devido à importância que sua teoria teve para a historiografia americana, tendo influenciado gerações e gerações de historiadores. Para Turner, a chave explicativa do desenvolvimento de seu país e de suas instituições não está no Leste, como até então a historiografia profissional americana vinha pontuando, mas sim no Oeste. Seria na fronteira, espaço onde o mundo selvagem e a civilização se encontram, o espaço de americanização de homens e mulheres vindos do Leste.¹¹⁰ Isso porque os fronteirios, saídos do Leste como europeus nos costumes e modos de pensar, ao depararem-se com a *wilderness*, começaram a adquirir costumes dos indígenas, como vestimenta, a forma de construir suas casas e alimentação, e, pouco a pouco, eles transformam a terra remota e inóspita de *wilderness*, mas o resultado não foi a velha Europa, da junção dos costumes europeus com os indígenas, surgiu um elemento novo, o americano.¹¹¹ Além da americanização dos fronteirios, a fronteira também seria responsável pelo surgimento da principal instituição estadunidense, a democracia.

Essa teoria, intitulada *frontier thesis*, foi apresentada pela primeira vez ao público acadêmico em 1893, em um encontro da American Historical Association ocorrido em Chicago, através de um ensaio intitulado “*The Significance of the Frontier in American History*”, mas só seria largamente aceita nos Estados Unidos no final da mesma década. Ela representou uma nova perspectiva para se pensar a história do país, uma vez que até então a historiografia profissional americana havia pensado a formação dos Estados Unidos e das suas instituições como desenvolvimento de raízes europeias no Novo Mundo, a *germ-theory*. Adotando a metáfora da sociedade como um organismo adaptável, essa teoria partia da concepção de que as instituições não surgem através de geração espontânea, mas sim, que possuem raízes mais antigas. No caso das instituições americanas, germes sociais foram levados das florestas da Alemanha medieval para a Inglaterra e, mais tarde, essa mesma associação autoperpetuante de pessoas e instituições atravessaria o Atlântico e germinaria no novo território. Esses germes arianos seriam a causa real das liberdades e da democracia americanas.¹¹²

¹¹⁰ TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana. Op. cit. p.24

¹¹¹ Idem, ibidem, p. 25-26

¹¹² COLEMAN, William. Science and Symbol in the Turner Frontier Hypothesis. *The American Historical Review*, Vol. 72, No. 1 (Oct., 1966), p. 25-26

Já a *frontier thesis* reunia em si elementos já presentes na cultura popular americana. Arthur Lima de Avila demonstra, em “E da fronteira veio um pioneiro...”, que a *frontier thesis*, escrita a partir dos procedimentos estabelecidos para a pesquisa histórica no contexto da disciplinarização, seria uma versão acadêmica do Mito da Fronteira. De acordo com este mito, a expansão para o Oeste seria a responsável pela excepcionalidade dos Estados Unidos, já que oportunizava a regeneração por um retorno à estâncias anteriores de civilização.

“O Mito reconhecia a existência de um destino anterior à própria história dos Estados Unidos, concedido pela Providência, afirmando o pertencimento de todo continente aos anglo-saxões. Tendo sido desenvolvido ainda durante o período colonial, pelos Puritanos que buscavam explicar o Novo Mundo e justificar a fundação de uma sociedade apartada da Europa corrompida, ele foi progressivamente sendo trabalhado durante os dois séculos seguintes, assumindo a função de racionalizador do processo de desenvolvimento do capitalismo em plagas americanas e de subjugação dos nativos e de outras minorias sociais.”¹¹³

Sendo assim, a *frontier thesis* como Mito da Fronteira cientificizado, traz consigo a ideia de um país excepcional como sendo resultado da existência anterior de uma linha de fronteira, de um contingente de terras livres que possibilitou que pioneiros escapassem das pressões econômicas do Leste capitalista, sendo a fronteira responsável pelas condições de surgimento de diversos elementos que ainda hoje fazem parte de um imaginário popularmente compartilhado sobre um “ser americano”, ou um americanismo, que como pontua o cientista político Seymour M. Lipset, não é uma identidade nacional ligada ao nascimento, mas sim, uma ideologia, onde seus membros aderem a seus valores. Ainda de acordo com Lipset, essa ideologia pode ser resumida em cinco palavras: liberdade, igualitarismo, individualismo, populismo e *laissez-faire*.¹¹⁴ Esses elementos que compõem o americanismo são definidores da maneira como ainda hoje o americano médio entende como deva ser o funcionamento das instituições em seu país, com uma ênfase nas relações sociais igualitárias, havendo uma igualdade de oportunidade para todos crescerem economicamente e socialmente de acordo com o seu mérito pessoal.¹¹⁵ Nesse sentido, a democracia, mais do que ligada às instituições formais, aparece como resultado direto desses valores, da igualdade de oportunidades econômicas para “se fazer”.

Esses elementos do americanismo também recebem uma validação “científica” na obra de Turner, onde, por exemplo, a democracia (pontuada como principal consequência da

¹¹³ AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um pioneiro*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado em História), 2006, p.94-95

¹¹⁴ LIPSET, Seymour Martin. *American Exceptionalism*. New York: Norton & Company, 1997, p.31

¹¹⁵ Idem, *ibidem*, p.53

fronteira), aparece como sendo sinônimo desses valores. A partir de uma análise dos ensaios de Turner feita na minha monografia de conclusão de curso, “Fronteira entre o passado, o presente e o futuro...”, foi possível tirar algumas conclusões sobre a forma como Turner entendia a democracia americana. Mesmo ele não a tendo definido com precisão em seus artigos, é inquestionável que a democracia na *frontier thesis* está relacionada à igualdade de oportunidades econômicas. Para o historiador, a existência de um grande território no Oeste possibilitava a todos os americanos uma igualdade de oportunidade no acesso à terra. Além disso, a democracia não está necessariamente relacionada às instituições formais, ela é um produto da fronteira, ela é a oportunidade. Os ideais democráticos até podem chegar às instituições governamentais, mas não é onde surgem.¹¹⁶

Como mencionado acima, utilizando os procedimentos estabelecidos para a pesquisa em História, Turner atribuiu a uma narrativa já consagrada sobre o passado americano uma validade científica. O peso disso é enorme em um momento histórico onde a ciência moderna floresce como ponto de vista privilegiado de compreensão da realidade, possibilitando-nos refletir sobre as implicações que uma narrativa nacionalista, como o Mito da Fronteira, passa a ter ao ser validada como “cientificamente comprovada” em um contexto de expansão imperialista dos Estados Unidos, onde a *frontier thesis* será mobilizada por estadistas para legitimar ações imperialistas na América Latina e Oriente.¹¹⁷

Além de constituir uma nova chave explicativa para o desenvolvimento histórico dos Estados Unidos, a *frontier thesis* de Turner também representaria inovações teóricas e metodológicas que seriam amplamente utilizadas pelos seus alunos. Uma dessas inovações diz respeito à fuga da tradicional História política centrada em “Grandes Homens” como agentes de mudanças históricas. Na sua *frontier thesis*, quem constrói os Estados Unidos são os sujeitos comuns, uma massa de anônimos que saíram do Leste para recomeçar suas vidas na fronteira. Neste sentido, Turner clamava por uma História que não se aterias apenas às elites e acontecimentos políticos, “[...]but the social history of ordinary people: ‘the focal point of modern interest,’ he wrote, ‘is the fourth estate, the great mass of the people’”.¹¹⁸ Para escrever uma história da grande massa da população, haveria que se voltar a outros campos ignorados

¹¹⁶ GALLO, Livia Amarante. *Fronteira entre o passado, o presente e o futuro*. Porto Alegre: UFRGS (Trabalho de Conclusão de Curso em História), 2016, p.35

¹¹⁷ AVILA, Arthur Lima. História e Destino. Brasília: *Revista Cena Internacional*, v.7, 2005.

¹¹⁸ “[...] mas a história social das pessoas comuns: ‘o ponto focal do interesse moderno’, ele escreveu, ‘é o quarto estado, a grande massa do povo’” TURNER apud CRONON, William. Revisiting the Vanishing Frontier. *The Western Historical Quarterly*, Vol. 18, No.2 (Apr., 1987), p.159

até então, como a literatura, política, economia, religião e cultura.¹¹⁹ Para isso, Turner utilizou novas fontes, como mapas estatísticos, documentos regionais, guias para viajantes, relatos de pioneiros e diários de viagens. Esses materiais, feitos por homens brancos e que muitas vezes eram de propaganda do Oeste para colonos, obviamente tinham suas limitações, muitas vezes ignoravam a existência de indígenas naquela região ou minimizavam os conflitos.¹²⁰ Mas, mesmo assim, a utilização destes documentos não oficiais representou uma inovação na escrita da História, uma vez que os historiadores tradicionalmente envolvidos com a história política, utilizavam documentos oficiais como fontes. Turner também valorizava as diversas causas do desenvolvimento histórico, não sendo um determinista geográfico como é comumente compreendido por leitores apressados. Neste sentido, o historiador clamava por uma colaboração entre as diferentes disciplinas, sendo inclusive o tema de seu discurso como presidente da AHA, entendendo que as ciências duras haviam se unido para compreender a natureza e que, da mesma forma, as humanidades deveriam se unir para compreender a sociedade.¹²¹

Turner foi enquadrado como um historiador progressista, uma vez que compreendia que a História não possui um fim em si mesma, possuindo uma utilidade prática e possibilitando o entendimento sobre o presente. Os historiadores progressistas do início do século XX pensavam o passado como sendo passível de ser utilizado para as necessidades do presente, sendo a História um instrumento para o reconhecimento da nação e sua melhoria.¹²² Para Avila, o reformismo de Turner foi importante para a conformação de sua concepção de história, onde

[...] o presentismo era o ato de moldar as preocupações investigativas do historiador de acordo com as necessidades evocadas pelo contexto em que ele está inserido. No caso norte-americano de fins do século XIX, tratava-se de explicar o surgimento do capitalismo industrial e de avaliar suas consequências para o país, a partir das forças que o geraram.¹²³

William Cronon afirma que as inovações teóricas e metodológicas apresentadas por Turner são, até os dias de hoje, questões muito importantes na historiografia e que continuam em voga, mas que aparecem sob um vocabulário diferente, como “história social”, “história como problema”, “estudos interdisciplinares”, “história local”, assim como “passado

¹¹⁹ Idem, *ibidem*, p.161

¹²⁰ AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um pioneiro*. op. cit. p.117

¹²¹ TURNER, Frederick Jackson. Social Forces in American History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 16, No. 2 (Jan., 1911), p. 217-233

¹²² HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas*. op. cit. p.15

¹²³ AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um pioneiro*. op. cit. p.57

utilizável”, etc.¹²⁴ Neste sentido, por mais que a *western history* tenha sido um campo em disputa desde a morte de Turner e que muito da *frontier thesis* seja considerado ultrapassado para explicar a história americana, o “paradigma turneriano”, como chamou Cronon, continua sendo insuperável por conta de suas implicações teóricas.

1.2.2. Trajetória profissional

F. J. Turner nasceu em Portage, Wisconsin, em 14 de novembro de 1861. Filho de pai pioneiro, nasceu fronteiro, contingência que biógrafos consideraram importante para os caminhos futuros traçados pelo historiador. Seu pai, Andrew Jackson Turner, ainda jovem veio de New York, em 1855. Chegando em Wisconsin, trabalhou em alguns jornais, incluindo o *Wisconsin State Journal*, em Madison, e poucos anos depois, casou com Mary Hanford, filha de outra “família Yankee”.¹²⁵ De acordo com Billington, A.J. Turner e M. Hanford não foram os únicos fronteiros da família, desde o século XVII, quando o primeiro Turner chegou da Inglaterra, aventurar-se pelo Oeste foi uma jornada comum entre seus ancestrais, “*When, in his later years, Turner speculated on the influences that inclined him toward the study of the frontier, he gave considerable weight to the preachers and pioneers among his ancestor*”.¹²⁶ Em uma carta autobiográfica, escrita em 1922, a pedido de Constance Lindsay Skinner, relacionando sua vida à fronteira, F.J. Turner afirmou:

*My people on both sides moved at least every generation, and built new communities – from Conn. to central and western Mass., to Vermont, to the Adirondacks, to the Dela Valley in N.Y. and to western N.Y. to Mich. and Wisconsin, and others of the family of Nebraska and to Alaska. My father was named Andrew Jackson Turner at his birth in 1832 by my Democratic grandfather, and I still rise and go to bed to the striking of the old clock that was brought into the house the day that he was born, at the edge of the Adirondack forest. My mother’s ancestors were Preachers! Is it strange that I preached of the frontier?*¹²⁷

¹²⁴ CRONON, William. Revisiting the Vanishing Frontier... op. cit. p.161

¹²⁵ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*... op. cit. p.3

¹²⁶ “Quando, em seus últimos anos, Turner especulou sobre as influências que o inclinaram para o estudo da fronteira, deu considerável peso aos pregadores e pioneiros entre seus ancestrais.”, BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. New York: Oxford University Press, 1973, p.5

¹²⁷ “Meu pessoal, de ambos os lados, movia-se pelo menos a cada geração e construía novas comunidades - de Connecticut a Massachusetts central e ocidental, a Vermont, às Adirondacks, ao Dela Valley em NY, e ao oeste de NY a Michigan e Wisconsin, e outros da família de Nebraska e para o Alasca. Meu pai foi chamado Andrew Jackson Turner em seu nascimento em 1832 pelo meu avô democrata, e eu ainda me levanto e vou dormir ao som da batida do velho relógio que foi trazido para casa no dia em que ele nasceu, à beira da Floresta de Adirondack. Os antepassados de minha mãe eram pregadores! É estranho que eu tenha pregado sobre a fronteira?”, TURNER apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner*. New Haven: Yale Press, 1968, p.62

Ao tentar resgatar vivências de F.J. Turner em sua juventude que possivelmente acabaram por “moldar” o historiador que futuramente viria a ser, os biógrafos Allan Bogue e Ray Allen Billington valorizam a relação de bastante proximidade que teve com o pai, que acabou por influenciar a personalidade do filho. Dentre essas influências, estão o gosto pela pesca, pela caça e pela política, o envolvimento jornalístico, profissão que chegou a exercer durante alguns anos após terminar a faculdade, e principalmente, o interesse pela História:

*But there was another aspect of Jack Turner's interest to which his son was exposed. The editor and politician liked to reminisce about the Portage past and to write columns of local history. He was more serious about his facts than many journalists who were content to pass on a good story to their readers. He happily correct the errors of predecessors, the more eminent the better. He may indeed have written much of the local country history that was published in 1880. Neither his interest nor his skepticism would have escaped his son.*¹²⁸

Andrew J. Turner ajudou a formar o “*Old Settlers's Club*” para registrar as impressões dos primeiros habitantes da cidade com o finalidade de fazer uma série de panfletos e artigos de jornais sobre a história da cidade e do forte Winnebago nos tempos de pioneirismo.¹²⁹

Além da relação com pai, a juventude em Portage foi definidora dos futuros interesses de pesquisa de Turner, uma vez que, ainda jovem, presenciou processos sociais, econômicos e políticos que estudaria mais tarde, já que a cidade, situada no meio Oeste, ainda possuía evidências de seus tempos de fronteira, tempos que não havia muito, tinham acabado, “*from his home Fritz saw teamsters driving wagonloads of supplies northward up the 'new pinery road', bound for logging camps where the great assault on the pineries of central Wisconsin was continuing*”.¹³⁰

Nos ensaios escritos pelo historiador, fica evidente o conhecimento que possuía sobre retórica, habilidade que desenvolveu desde a juventude, tendo ganho prêmios ainda durante o *high school* pela qualidade de sua oratória, mantendo o seu interesse sobre o assunto durante o período em que esteve na University of Wisconsin, onde estudou retórica, assistiu palestras, guardou notas sobre discursos que ouviu e também ganhou prêmios. Este foi um momento importante para o desenvolvimento do estilo de Turner, que seria empregado em seus ensaios

¹²⁸ “Mas havia outro aspecto do interesse de Jack Turner ao qual seu filho estava exposto. O editor e político gostava de relembrar o passado de Portage e escrever colunas de história local. Ele tratava com mais seriedade os fatos do que muitos jornalistas que ficavam contentes em apenas contar uma boa história para seus leitores. Ele corajosamente corrigiu os erros dos antecessores, quanto mais eminentes, melhor. Ele deve ter escrito muito da história local que foi publicado em 1880. Nem seu interesse nem seu ceticismo escaparam de seu filho.”, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.13

¹²⁹ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.13

¹³⁰ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.10

posteriormente, uma vez que logo percebeu que também na escrita da História, o estilo era muito importante para a persuasão.¹³¹

O desenvolvimento de suas habilidades retóricas esteve muito ligado ao interesse que possuía em seguir carreira como jornalista após terminar seus anos na UW.¹³² Durante esses anos, fez parte da criação de um jornal universitário com tiragem semanal, o “*Badger*”, “*During its first year of operation, Turner was ‘exchange’ editor. He was to serve as secretary and treasurer of the association and during his senior year held the office of president. Given its era, the Badger was an excellent college publication and leading figures in the group became professional journalists after leaving the university*”.¹³³ Ainda antes de se formar, em 1884, Turner já havia entrado no universo jornalístico profissional, trabalhando como correspondente no “*Sentinel’s*”, cobrindo eventos locais em Madison, acontecimentos nos vários departamentos governamentais e a campanha do republicano Robert La Follete para nomeação no distrito congressional local.¹³⁴ No ano seguinte, com a influência do pai, conseguiu um cargo em transcrições no Senado Estadual, posição que combinou com a de correspondente para o “*Chicago Inter-Ocean*” e o “*Wisconsin State Register*”, “*once more he distinguish himself with his crisp dispatches, his bold denunciation of corruption, and his tenacity in ferreting out information*”.¹³⁵ O período de Turner como jornalista foi bastante curto, mas Allan Bogue percebe como tendo sido bastante importante para a formação intelectual do historiador, uma vez que obteve muito conhecimento sobre o processo político, parte importante da teoria de Turner.¹³⁶

Há indícios de que a decisão de Turner de se dedicar à História ocorreu em 1885, após voltar à University of Wisconsin, primeiramente como professor substituto de William Francis Allen – de quem havia sido aluno durante a graduação –, quando este foi passar alguns meses

¹³¹ CARPENTER, Ronald. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. San Marino, The Huntington Library, 1983. p.9

¹³² Billington afirma que desde o período de graduação Turner sabia que sua paixão era o estudo da história, mas que, sendo sensato, não considerava fazer dela uma carreira, já que, naquela época, havia pouquíssimas oportunidades para historiadores: “[...] not until 1881 did any university establish a professorship in American history, and in 1884 only fifteen professor and five assistant professors of history could be counted throughout the nation”, BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*... op. cit. p.34

BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*... op. cit. p.10

¹³³ “Durante seu primeiro ano de operação, Turner foi editor de “troca”. Ele deveria servir como secretário e tesoureiro da associação, e durante seu último ano, ocupou o cargo de presidente. Levando em consideração sua época, o *Badger* foi uma excelente publicação universitária, e os principais nomes do grupo tornaram-se jornalistas profissionais depois da universidade”, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*... op. cit. p.20

¹³⁴ Idem, *ibidem*, p.30

¹³⁵ “Uma vez mais ele se distinguiu com seus despachos nítidos, suas denúncias corajosas de corrupção e sua tenacidade em extrair informações”, BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*... op. cit. p.35

¹³⁶ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*... op. cit. p.31

na Europa. Allen foi um professor com quem criou uma relação de bastante proximidade e que acabou por influenciar profundamente na trajetória intelectual de Turner, uma vez que tinha em suas pesquisas o objetivo de compreender o desenvolvimento das instituições desde suas raízes primitivas, valorizando aspectos geográficos na moldagem do comportamento humano e o Oeste no desenvolvimento nacional.¹³⁷ Além disso, nas aulas de Allen, estavam presentes técnicas científicas que revolucionariam os estudos históricos nos Estados Unidos, técnicas que havia aprendido em seus anos na Alemanha e em Harvard, introduzindo Turner ao universo da emergente História disciplinada.¹³⁸ Após a volta de Allen, Turner obteve um cargo como instrutor de retórica e oratória sob supervisão de seu antigo professor Frankenburger, mas já nesta época sabia que o caminho que gostaria de seguir estava no estudo do passado.¹³⁹

Ainda em 1885, após seu retorno à University of Wisconsin, começou a definir o tema de sua pesquisa de Mestrado. Enquanto vasculhava a biblioteca da Sociedade Histórica do Estado em busca de materiais para um artigo, Turner encontrou várias cartas de comerciantes franceses de peles da região. Empolgado com a descoberta, conversou com Allen que concordou com a escolha do tema, e assim, o comércio de peles em Wisconsin se tornou seu tema de pesquisa.¹⁴⁰ A ideia inicial era finalizar a escrita no ano acadêmico de 1886-1887, mas, por conta de atrasos na tradução dos documentos, terminou no seguinte. Este período foi uma fase importante para o estabelecimento de sua carreira, uma vez que começou a receber convites para trabalhos, como parcerias na escrita de artigos e resenhas de livros;¹⁴¹ é também o momento em que percebe o Oeste como campo frutífero para um trabalho de uma vida inteira, já que, lendo Francis Parkman, chega à conclusão de que, para fazer nome como historiador, seria necessário encontrar uma importante área e concentrar-se em desenvolvê-la. Além disso, definiu como objetivo ser professor de História em Wisconsin, posição que começou a buscar em 1887.¹⁴²

Dois anos após iniciar seu trabalho como instrutor, recebeu uma oferta para ser professor em uma *high school*, onde seu salário seria o dobro do que estava recebendo. Em uma carta para sua futura esposa, Caroline Mae, afirma que utilizaria essa oferta para negociar uma melhor posição na universidade. Barganhas como esta seriam comuns ao longo de sua carreira profissional: “‘*I do not propose*’ he wrote, ‘*to be placed at the mercy of the regents next year.*”

¹³⁷ Idem, *ibidem*, p.22

¹³⁸ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.25

¹³⁹ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.32

¹⁴⁰ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.38

¹⁴¹ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.36

¹⁴² Idem, *ibidem*, p.38

*If I can say to them that I have an offer of twice their salary it may help me, you see – to make them do what I wish them to do’.*¹⁴³ Mas nesse momento surge uma oportunidade para Turner aprimorar sua formação, indo passar um tempo na Johns Hopkins University, instituição que, como tratado anteriormente, foi uma das primeiras a adotar o modelo das universidades modernas nos Estados Unidos. Sob a direção de Herbert Baxter Adams, o programa em Economia Política e História já havia formado um contingente de pós-graduados, entre eles, o presidente Woodrow Wilson.¹⁴⁴ Turner sabia que fazer o Doutorado na Johns Hopkins seria importante na sua busca pelo cargo na UW, e isso seria confirmado quando, ao falar com o reitor Thomas Chamberlin sobre o cargo, Chamberlin afirma que a função deveria ser preenchida “[...] *by not a good man, but by a remarkably good man*”¹⁴⁵, e o aconselha a ir para a JHU para fazer reputação, uma vez que a instituição era amplamente reconhecida como local de encontro dos profissionais mais talentosos. Turner acaba indo passar um ano na universidade, mas sem conseguir do reitor qualquer garantia de futuro em Wisconsin.

Em Baltimore, encontrou uma universidade recém-nascida, onde *“all was turbulent, all was new, all was exciting, as students and faculty united to push back the borders of knowledge, unhindered by the tradition and lethargy that made such older institutions as Harvard, ‘as solidified as the bones of the Mammoth’, in Herbert Adams’s phrase”*.¹⁴⁶ Assim, a universidade ia sendo formada pelos estudantes que vinham de todo o país, enquanto universidades como Harvard forçavam seus alunos a moldarem-se a partir da cultura da Nova Inglaterra.¹⁴⁷ Na instituição, Turner teve Adams como orientador, que, com seu seminário baseado no modelo germânico, atraía proeminentes jovens pesquisadores, e possuía a habilidade de impulsionar seus estudantes, garantindo a eles boas posições em diversas universidades, principalmente no Sul e no Oeste. Bogue afirma que Adams havia feito um mapa dos Estados Unidos mostrando todas as instituições de ensino que haviam empregado seus alunos, *“as a ‘geographical illustration’ of ‘the colonial system of the Johns Hopkins University’”*.¹⁴⁸ Adams aceitou a

¹⁴³ “‘ Eu não planejo’, ele escreveu, ‘ser colocado à mercê dos regentes no próximo ano. Se eu puder dizer a eles que tenho uma oferta do dobro do que eles me pagam, isso pode me ajudar, você vê, para fazê-los fazer o que eu gostaria que eles fizessem’”, TURNER apud ¹⁴³ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.39

¹⁴⁴ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.39

¹⁴⁵ “[...] não por um homem bom, mas por um homem notavelmente bom”, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.40

¹⁴⁶ “‘Tudo era turbulento, tudo era novo, tudo era excitante, como estudantes e acadêmicos, se uniam para alargar as fronteiras do conhecimento, livres da tradição e letargia que constituíam instituições mais antigas, como Harvard, ‘tão solidificadas quanto os ossos do Mamute’, na frase de Herbert Adams’”, BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.60

¹⁴⁷ Idem, ibidem, p.60

¹⁴⁸ “‘Como uma ‘ilustração geográfica’ do ‘sistema colonial da Johns Hopkins University’”, ADAMS apud BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.44

continuidade da pesquisa sobre o comércio de peles em Wisconsin como sendo apropriada para o Doutorado, mesmo argumentando com frequência que a política nacional indígena poderia ser um melhor tema de pesquisa.

Outro importante professor durante o tempo em que Turner esteve em Baltimore, foi Richard Ely, com que aprendeu muito sobre a importância dos fatores econômicos no desenvolvimento do país. Os dois acabariam por tornar-se grandes amigos e, anos mais tarde, colegas na University of Wisconsin.

Após ter ficado um ano na Johns Hopkins, Turner ainda não tinha uma resposta de Chamberlin sobre sua situação na UW. Adams e Ely estavam dispostos a defender sua permanência por mais um ano em Baltimore, assim como a recomendá-lo para um cargo temporário na Ohio State University. Após longas negociações, consegue um cargo como professor assistente em Wisconsin, já deixando evidente, de acordo com Bogue, suas “habilidades diplomáticas”.¹⁴⁹

Mesmo sem perceber na época, Turner fez parte da jovem elite acadêmica que estava emergindo nas ciências sociais durante a década de 1880, principalmente da JHU, “*a group which laid the foundations of modern academia in their specialities*”.¹⁵⁰ Além disso, Adams e Ely foram exemplos de “*academic empire builders*”, atitude que levaria para a sua trajetória acadêmica. No que se refere ao seu desenvolvimento como pesquisador, Turner deixou Baltimore conhecendo melhor as novas tendências historiográficas, tendo ficado mais próximo do modelo de História disciplinada em emergência do que das antigas influências de narrativa romântica.¹⁵¹ Estando em Baltimore no final do século XIX, esteve no centro do universo acadêmico americano, cercado pelos historiadores e cientistas políticos que seriam responsáveis pelas profundas mudanças que ocorreriam em seus campos,

*He entered that mainstream, moreover, just at a time when historical scholarship was in the midst of the twofold transformation that ushered in its modern age. On the one hand, it was shedding its ‘amateur’ status and becoming professionalizes; on the other, it was shifting from a ‘romantic’ to a ‘scientific’ methodology.*¹⁵²

¹⁴⁹ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.51

¹⁵⁰ "Um grupo que estabeleceu as bases da academia moderna em suas áreas", Idem, *ibidem*, p.52

¹⁵¹ Idem, *ibidem*, p.53

¹⁵² “Ele entrou para o *mainstream*, exatamente no momento em que a erudição histórica estava no meio da dupla transformação que inaugurou sua era moderna. Por um lado, estava perdendo seu status de “amadora” e se profissionalizando; por outro lado, estava mudando de uma metodologia ‘romântica’ para uma ‘científica’”, BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.63

A década de 1890, momento em que Turner iniciava sua carreira como professor de História em Madison, foi justamente um período de mudanças na University of Wisconsin, seguindo o modelo de universidade moderna em desenvolvimento. Diferentemente de algumas instituições que já haviam sido construídas a partir do modelo germânico, a sua construção foi anterior à Guerra Civil, tendo passado por transformações para acompanhar o novo modelo. Um sintoma disso foi o aumento abismal no número de alunos durante período em que Turner foi professor na instituição (1889-1910), de 722 para cerca de 4400 estudantes.¹⁵³ Além disso, utilizando a JHU como parâmetro, houve a criação de novas faculdades e o desenvolvimento de programas de pós-graduação. Nesse processo, Turner seria convidada por Chamberlin a encabeçar a criação da Escola de Economia, Ciências Políticas e História.¹⁵⁴

Pouco tempo depois de assumir o cargo em Madison, em 1889, morreu o professor Allen repentinamente, gerando grande comoção entre os alunos e colegas. De acordo com Billington, para Turner, a morte de seu professor foi uma tragédia, mas também representou oportunidade. Se Turner cooperasse com Chamberlin, assumindo as aulas de Allen, e defendesse seu Doutorado, seria possível que pudesse ficar com o cargo, “*Turner taught not only his own subjects but sections of the courses on Dynastic and Territorial history, the French Revolution, Nineteenth Century Europe, a new course on the ‘History of Society’, and the seminar, the later his own now rather than shared with Professor Allen*”.¹⁵⁵ Além desta rotina pesada, dedicou-se intensamente à escrita de sua tese, que foi defendida em 1891. Durante algum tempo, Chamberlin manteve Turner em uma posição de incerteza sobre pegar o cargo para si, uma vez que estava em busca de alguém com reputação já estabelecida. Após consultar Adams, acabou por indicar Turner em caráter temporário.¹⁵⁶ O convite para assumir os dois cargos de Allen (o de professor e o de chefe do programa), de maneira efetiva, ocorreu dois anos depois, após Chamberlin ficar sabendo que Turner havia sido indicado para uma vaga como professor de História na Wesleyan University por Woodrow Wilson, de quem havia ficado amigo durante o período na Johns Hopkins University. Além disso, Wilson escreveu a Chamberlin e ao conselho de regentes da universidade em favor de Turner, argumentando que ele seria o sucessor natural de Allen e que seria um ganho para o conhecimento histórico:

¹⁵³ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.66

¹⁵⁴ Idem, *ibidem*, p.67

¹⁵⁵ “Turner ministrou não apenas suas próprias disciplinas, mas também partes dos cursos sobre História Dinástica e Territorial, Revolução Francesa, Europa do século XIX, um novo curso sobre a História da Sociedade e o Seminário, este último agora só seu, já que não mais compartilhado com o professor Allen”, BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.86

¹⁵⁶ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.59

*In addressing Dr. Chamberlin I gave this turn to my intervention, after confessing impertinence: 'You know Mr. Turner, doubtless, as well as I do; and I take it for granted that there is practically no doubt about his succeeding Prof. Allen, by whom he was so much admired and whose natural successor he would seem to be... I am writing I am sure, in the interests of historical scholarship in America in thus insisting upon being allowed to speak in his praise.'*¹⁵⁷

Para Jacobs, não restam dúvidas de que a decisão de Chamberlin foi diretamente influenciada pela intervenção de Wilson, evidenciando o peso das relações pessoais nas questões profissionais.

Logo após assumir o cargo, Turner se envolveu na construção de um programa de pós-graduação em Wisconsin, seguindo o objetivo da Chamberlin de transformar Madison em um centro de formação de pós-graduandos no meio Oeste, quebrando o monopólio que a Universidade de Chicago possuía na região. Neste ínterim, o professor Ely decide sair de JHU ao não ser promovido a professor titular após Adams ter sido. Turner percebeu essa saída como uma oportunidade, uma vez que Ely era um pesquisador com reputação já estabelecida, o que seria ótimo para um programa em construção, e sugere a Chamberlin que este começasse a fazer negociações. Nesse meio tempo, o conselho de regentes aprovou a criação da Faculdade de Economia, Ciências Políticas e História, com oferta de curso de pós-graduação. Em uma carta a Ely, Turner argumenta: *"Now, we shall be able to build up a postgraduate department at home, and when you are on the ground I am sure that Chicago University will have her hands more than full in her effort to monopolize political Science, which I am told is her intention."*¹⁵⁸ Ely aceitou o cargo e seria o chefe da faculdade. A vinda de Ely representava para Turner um fortalecimento da História e a possibilidade de que, em breve, poderia se tornar uma faculdade separada. Além disso, também representava o fortalecimento da universidade, que logo se tornaria um centro de pós-graduação, e não apenas de formação para jovens que, após concluírem a graduação, iriam continuar seus estudos em Chicago, nas palavras de Turner, não gostaria que sua instituição fosse *"a feeder to Chicago"*.

¹⁵⁷ "Ao dirigir-me ao Dr. Chamberlin, dei lugar à minha intervenção, depois de confessar impertinência: 'Você conhece o Sr. Turner, sem dúvida, tão bem quanto eu; e eu tenho como certo que não há praticamente nenhuma dúvida sobre suceder o Prof. Allen, por quem ele era tão admirado e sem dúvida, visto como sendo seu sucessor natural... Eu estou escrevendo, tenho certeza, em favor da erudição histórica na América, insistindo assim em poder falar em seu louvor.', Trecho de carta enviada por W. Wilson a Reuben Gold Thwaites, amigo e colega de Turner, onde conta que havia escrito a Chamberlin. WILSON apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.23

¹⁵⁸ "Agora, seremos capazes de construir um departamento de pós-graduação em casa, e quando você estiver aqui, tenho certeza de que a Universidade de Chicago terá suas mãos mais do que cheias em seus esforços em monopolizar a ciência política, que eu soube ser sua intenção.", TURNER apud BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.67

O início da década de 1890 foi marcado pela intensa atividade de Turner, tanto na criação e aperfeiçoamento da nova faculdade quanto no que se refere à sua produção intelectual; foi um momento de se estabelecer profissionalmente e de estabelecer o campo que buscava construir. Em seus primeiros anos em Madison como professor, teve compromissos extraclasse infundáveis: foi convocado pela universidade para participar de todos os tipos de comitês – “to arrange a lecture series, revitalize the student newspaper, aid the literary societies in planning their programs” –,¹⁵⁹ atuou como curador da Sociedade Histórica do Estado, participando do comitê de monumentos históricos, além disso, tornou-se membro de incontáveis clubes.

Sua tese, de acordo com Allan Bogue, cumpriu o papel de demonstrar suas habilidades como pesquisador, mas não teve grande impacto entre os historiadores. Em contrapartida, escreveu alguns ensaios de maior importância para a definição do campo de história do Oeste e escreveu uma série de resenhas que o ajudaram a fazer reputação como autoridade em história dos Estados Unidos, “[...] reviewing sharpened his critical talents, broadened his knowledge, and gave him an opportunity to think about his field, as well as to proclaim its importance”.¹⁶⁰ Um exemplo disso foi a resenha que escreveu sobre o livro do futuro presidente dos Estados Unidos e da AHA, Theodore Roosevelt, “*The Winning of the West*”, onde utilizou a parte introdutória para falar que uma importante parte da história de seu país ainda não havia sido escrita, ressaltando a importância de se estudar o Oeste para compreender o desenvolvimento da nação.¹⁶¹

Foi justamente neste período que apresentou, no encontro a American Historical Association, seu ensaio mais famoso “*The Significance of the Frontier in American History*”. Este texto iniciava com a constatação de que um importante capítulo da história americana havia se encerrado na década anterior, com o fim da existência de uma linha de fronteira. Até então, a história do povo americano havia sido a história de uma contínua expansão para o Oeste, em busca de terras livres para fugir das pressões capitalistas do Leste; havia sido uma história de contínuo recomeço, uma vez que, ao sair do Leste, os pioneiros voltavam a um

¹⁵⁹ “organizar uma série de palestras, revitalizar o jornal estudantil, ajudar as sociedades literárias no planejamento de seus programas”, BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.89

¹⁶⁰ “[...] escrever resenhas aguçou seus talentos críticos, ampliou seu conhecimento e deu a ele a oportunidade de pensar em seu campo, assim como de proclamar sua importância”, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.87

¹⁶¹ Turner continuou a escrever resenhas ao longo dos anos, principalmente após ter apresentado seu mais famoso ensaio, mas, em 1903, fez sua última resenha de um livro de História, que foi de um livro de Woodrow Wilson, onde foi bastante crítico. Wilson sugeriu que Turner não deveria mais fazer resenhas, havendo um estremecimento na relação de amizade dos dois. Depois disso, Turner percebe que resenhas podem afetar as relações, mas que elas haviam sido importantes para fortalecer e consolidar seu nome como autoridade em história do Oeste, mas que, naquela altura, essa busca por posição já não era mais necessária. (BOGUE, 1998. p.190-191).

estado primitivo anterior e iniciavam na região um novo processo de desenvolvimento. Sendo assim, a jornada dos fronteirões transformava a eles mesmos e a seu país, uma vez que o encontro com os indígenas e a progressiva adoção de alguns de seus costumes era o que os transformava em americanos (uma junção da “selvageria” e da “civilização”) e era ali que surgia a principal instituição americana, a democracia. Neste sentido, Turner argumentava que o ponto de vista até então adotado para explicar o desenvolvimento dos Estados Unidos estava equivocado, e que a chave para esse entendimento se encontrava no Oeste, e não no Leste.¹⁶²

O texto não teve grande impacto durante o encontro, “*he statement of the ‘frontier hypothesis’ neither convinced Turner’s peers immediately of its essential truth nor marked Turner as a historian destined for sure professional success*”.¹⁶³ Billington comenta que um jovem historiador que esteve presente na leitura do texto lembrou mais tarde que o público reagiu com uma “indiferença entediada”, tipicamente dispensada a jovens pesquisadores de pequenas universidades lendo suas primeiras publicações profissionais.¹⁶⁴ A valorização do ensaio viria ao longo dos anos seguintes, com o esforço de Turner em torná-lo conhecido entre seus pares. Assim, o historiador enviou cópias a colegas já com reputação estabelecida e a pesquisadores que acreditou poderem se interessar pelo seu trabalho. Um deles foi Roosevelt, que por carta, afirmou que o texto vinha em boa hora, uma vez que estava trabalhando no terceiro volume de “*The Winning the of the West*”, além disso, afirmou: “*I think you have struck some first class ideas, and have put into definite shape a good deal of thought which has been floating around rather loosely*”.¹⁶⁵ Esses colegas elogiaram o ensaio, mas naquele momento, nenhum percebeu sua importância como proposta inédita de perspectiva para o entendimento da história americana, com a potencialidade de revolucionar a historiografia sobre o país.

Allan Bogue destaca os diversos motivos para a larga aceitação da *frontier thesis* de Turner. Entre eles, está a grande força retórica presente no ensaio, que, geração após geração, impactou leitores. Além da habilidade na escolha da linguagem utilizada, o uso da teoria social contemporânea, como a teoria evolucionista, valorizando o ambiente como principal fator na adaptação das espécies, encontrou terreno amigável entre os profissionais, já que, como

¹⁶² TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana... op. cit.

¹⁶³ "A afirmação da ‘hipótese da fronteira’ não convenceu imediatamente os colegas de Turner de sua verdade essencial, nem marcou Turner como historiador destinado ao sucesso profissional", BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.98

¹⁶⁴ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.129

¹⁶⁵ "Eu acho que você atingiu algumas ideias de primeira classe, e pontuou de maneira definitiva uma boa dose de pensamentos que têm flutuado de maneira solta", ROOSEVELT apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.4

veremos adiante, a teoria evolucionista de Darwin foi largamente utilizada pela primeira geração de profissionais para explicar o desenvolvimento das instituições americanas. Mas, diferentemente do uso que seus antecessores fizeram desta teoria, para Turner, a chave explicativa para o desenvolvimento das instituições se encontra dentro de seu próprio território, e não no desenvolvimento de raízes teutônicas no Novo Mundo, criando uma narrativa verdadeiramente nacional para seu país.¹⁶⁶ A posição ativa de Turner dentro da AHA também teve um papel importante na disseminação da *frontier thesis*. Mesmo grande parte de seus membros sendo amadora, os líderes da associação que trabalhavam ativamente na estrutura institucional desde a sua fundação eram profissionais e aceitaram a teoria de Turner como parte do conhecimento corrente daquela geração, influenciando os novos membros da profissão.¹⁶⁷ A relação de proximidade que mantinha com John F. Jameson também abriu portas. Como editor da *American Historical Review*, encorajou Turner a publicar seus textos no periódico.¹⁶⁸

A crescente reputação de Turner não serviria apenas para prestígio próprio, mas acabaria por beneficiar sua instituição, tornando-a referência em estudos sobre o Oeste no país,

*Institutionally the essay carried the message to scholars and prospective scholars that the place to pursue such study was the University of Wisconsin and not the new university in Chicago. Indeed, among the few historians whom Turner criticized specifically in his paper for failing to recognize the importance of the West in American history was the distinguished Professor von Holst of the University of Chicago.*¹⁶⁹

Um indício da transformação da UW em centro de estudos sobre o Oeste, foi a criação, por parte de Turner, do curso de História do Oeste, no ano acadêmico de 1895-96, primeiro a ser oferecido nos Estados Unidos¹⁷⁰. Além disso, já nos primeiros anos da década de 1890, a maior parte dos pós-graduandos que se inscreveram no curso *Historical Seminary*, que

¹⁶⁶ Além da aceitação entre os profissionais, a teoria de Turner também foi popular entre o público não especializado, isso porque a Oeste vinha sendo ignorado pelos historiadores, mas não pela cultura popular americana, onde, desde o período colonial, a fronteira era vista de maneira romantizada, como sendo a responsável pela criação de uma civilização excepcional. Também houve um esforço da parte de Turner para que sua teoria fosse conhecida entre esse público, uma vez que publicou “*The Problem of the West*” e “*Dominant Forces in Western Life*” na *Atlantic Monthly*, revista de grande circulação fora do âmbito acadêmico, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.114-115

¹⁶⁷ Idem, *ibidem*, p.116

¹⁶⁸ JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.17

¹⁶⁹ “Institucionalmente, o ensaio transmitia a mensagem aos acadêmicos e futuros acadêmicos de que o lugar para prosseguir esse estudo era a Universidade de Wisconsin e não a nova universidade de Chicago. De fato, entre os poucos historiadores que Turner criticou especificamente em seu artigo por não reconhecer a importância do Ocidente na história norte-americana, estava o ilustre Professor von Holst, da Universidade de Chicago”, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.101

¹⁷⁰ “History of the West” aparecia pela primeira vez no catálogo de cursos da universidade, mas a temática já vinha sendo abordada por Turner há alguns anos em outros cursos sobre história dos EUA. BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.136

objetivava preparar os estudantes para pesquisas originais, escolheram realizar pesquisas que possuíam relação com o Oeste:

*As might be expected, the graduate students in American history at Madison worked within the framework of Turner's interests. During the 1890s candidates for the master's degree examined colonial charter, land systems, and other aspects of government and politics in the late colonial revolutionary periods as well as during the early national period. They also selected topics in the history of immigration, settlement, and internal improvements.*¹⁷¹

Turner orientou um grande contingente de jovens historiadores que passaram por Madison, em grande parte por ser referência em estudos sobre o Oeste, mas também por outro motivo, de grande importância, mas não tão “acadêmico”: seu carisma. Uma de suas alunas, Louise Phelps Kellog, afirmava que a razão para o sucesso do seminário de Turner estava em sua habilidade em criar um sentimento de “camaradagem” e de democracia intelectual, onde todos os membros do seminário se viam como companheiros de trabalho. “*An impression of professional stature, personal charm, humane humor, attractive appearance, melodious voice – and above all, enthusiasm – made Turner a veritable pied piper to many young historians*”.¹⁷²

A constituição do campo da *western history* ocorreu pela disseminação de pesquisas sobre o tema sob orientação de Turner e pela progressiva formação de profissionais que, após concluírem seus estudos em Madison, ocuparam cargos como professores em outras instituições de ensino, escrevendo textos sobre história do Oeste e também orientando alunos que acabariam por seguir a temática. Em um trecho da carta autobiográfica à C.L.Skinner, Turner demonstra ter consciência de seu papel na criação do campo da *western history* e de sua disseminação através de seus alunos:

*Meantime out of a course on 'The Economic and Social History of the U.S.' (treating different periods, in different years) I evolved the course in the History of the West, the first, I think, in the country. It seemed to 'take'; and now something like half the states have such a college course, and many of the leading universities, east and west, include it in their curriculum. A considerable portion of the instructors were trained in my seminary.*¹⁷³

¹⁷¹ “Como era de se esperar, os estudantes de pós-graduação em história americana em Madison trabalharam dentro do leque de interesses de Turner. Durante a década de 1890, os mestrados examinaram a carta colonial, os sistemas fundiários e outros aspectos do governo e da política do final dos períodos revolucionários coloniais, bem como o início do período nacional. Eles também selecionaram tópicos na história da imigração, assentamentos e melhorias internas.”, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.122

¹⁷² “Uma impressão de estatura profissional, charme pessoal, humor humano, aparência atraente, voz melodiosa - e acima de tudo, entusiasmo - fizeram de Turner um verdadeiro flautista para muitos jovens historiadores”, Idem, *ibidem*, p.124

¹⁷³ “Entretanto, saindo de um curso sobre "A História Econômica e Social dos EUA" (tratando de diferentes períodos, em diferentes anos), desenvolvi o curso da História do Oeste, o primeiro, penso eu, no país. Parecia "pegar"; e agora, algo como a metade dos estados oferece esse curso, e muitas das principais universidades, leste

Turner aprendeu muito sobre como se estabelecer profissionalmente no ano em que passou na Johns Hopkins University. Uma prática dessa instituição, que foi reproduzida na University of Wisconsin, foi a publicação das teses defendidas em boletins. Duas das teses de seus alunos (Kellogg e McCarthy), foram vencedoras do Winsor Prize da AHA em 1902 e 1903. A publicação das produções de seus alunos, assim como as premiações, foram importantes para colocar em evidência seu nome e de sua universidade.¹⁷⁴ Além disso, aprendeu com Adams a ser um impulsionador de seus alunos, ajudando inúmeros estudantes a se colocar profissionalmente em posições de prestígio, e se utilizou de sua posição como membro do conselho da AHA para promover os pesquisadores de sua universidade,

In Adams's commitment to his students-in-residence and in the field while the professional culture of the discipline was emerging, we find an example of professional nurturing that Turner and his peers also adopted in their relations with students. The commitment of seminar directors to placing their students satisfactorily in the profession and ensuring their future was reflected in latter's continuing loyalty to the ideas and person of their mentor. Within the historical profession it was a pattern of behavior that continued for generations.¹⁷⁵

Além dos esforços dentro de sua universidade, Turner também foi bastante ativo na American Historical Association. Ainda bastante jovem foi eleito ao Conselho Executivo, em 1896, cargo em que permaneceu até 1899. Nesse período, foi selecionado como membro da Comissão de Manuscritos Históricos, supervisionando uma das atividades mais importantes da associação. Jameson era o chefe da comissão que, em 1896, definiu como seu objetivo compilar uma lista de manuscritos públicos e particulares, buscando os mais relevantes para serem publicados no *annual report* da associação. Turner ficaria responsável por compilar documentos sobre o Oeste.¹⁷⁶ Durante o período em que foi membro da comissão, editou vários documentos importantes, entre eles, uma série de cartas que contribuiriam para pesquisas futuras sobre a diplomacia relacionada ao Vale do Mississippi e ao Oeste Americano.¹⁷⁷

e oeste, o incluem em seu currículo. Uma parte considerável dos instrutores foi treinada no meu seminário”, TURNER apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.57

¹⁷⁴ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.124

¹⁷⁵ “No compromisso de Adams com seus alunos residentes e em atuação, no momento em que a cultura profissional da disciplina estava surgindo, encontramos um exemplo de educação profissional que Turner e seus colegas também adotaram em suas relações com os estudantes. O compromisso dos supervisores de seminário em posicionar seus alunos satisfatoriamente na profissão e garantir seu futuro, refletiu-se na contínua lealdade das pessoas às ideias e à pessoa de seu mentor. Dentro da profissão histórica, foi um padrão de comportamento que continuou por gerações”, Idem, *ibidem*, p.146

¹⁷⁶ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.166

¹⁷⁷ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.188

Em 1901, Turner voltou a fazer parte do Conselho Executivo, onde permaneceu até 1904. Nesse período, Jameson foi escolhido como segundo vice-presidente da associação, escalando posições até se tornar presidente em 1907. É importante notar que a chegada deste no cargo marcou um momento de ruptura na associação, uma vez que, diferentemente do que vinha ocorrendo nos anos anteriores, a partir de então, o posto seria ocupado em grande medida por historiadores profissionais.¹⁷⁸

Bogue afirma que os anos em que Turner foi ativo na associação foram justamente os de sua consolidação como voz institucional da nascente disciplina histórica, onde seus líderes pensaram estratégias de fortalecimento da profissão.¹⁷⁹ Jameson foi seu grande aliado nos planos para alavancar as pesquisas históricas no país. Juntos, de acordo com Billington, os dois formavam uma dupla perfeita: “[...] *Turner proposing plans, Jameson cutting them down to practical size and pulling wires to win their adoption*”.¹⁸⁰

Em 1907, Turner foi eleito segundo vice-presidente da associação, o que representava que no ano seguinte seria o primeiro vice-presidente e depois presidente, tendo ocupado a posição no ano de 1910. Em sua gestão, tentou fazer um levantamento de todos os documentos localizados nos arquivos do Executivo para que futuramente fossem publicados, facilitando as pesquisas. Esse projeto acabou sendo um fracasso, uma vez que não conseguiu que o Congresso liberasse fundos para o levantamento.¹⁸¹ De acordo com Avila, o ano em que Turner presidiu a associação foi importante para “conformar a condição de ‘mito historiográfico de origem’ da *frontier thesis* através de um aparelho institucional que operou como legitimador para tal escrita da história”, uma vez que a AHA editou manuais para professor primários e secundários sugerindo leituras e métodos de ensino, “não de surpreender, portanto, que a bibliografia e as técnicas recomendadas ecoassem as principais premissas da *frontier thesis*”.¹⁸² Neste sentido, fica-nos evidente que a posição e a influência do historiador na associação foram importantes para a consolidação de sua teoria explicativa do desenvolvimento de seu país.

¹⁷⁸ John Franklin Jameson foi um importante personagem na profissionalização da História nos Estados Unidos. Além de ter estado presente na fundação da American Historical Association, chefiou a Comissão de Manuscritos Históricos em 1895 e foi o primeiro editor chefe da American Historical Review, cargo que ocupou durante longos anos. Jameson foi o primeiro historiador profissional a ocupar a presidência, mas, desde a sua criação, teve grande influência nas questões da associação. Fora da AHA, foi diretor do Departamento de Pesquisa Histórica da Carnegie Institution em 1905, HIGHAM, John. *History...* op. cit.

¹⁷⁹ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.181

¹⁸⁰ “[...] Turner propondo planos, Jameson reduzindo-os a tamanhos práticos e aparando arestas para que fossem adotados”, BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.287

¹⁸¹ AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um Pioneiro...* op. cit. p.43

¹⁸² Idem, *ibidem*, p.43-44

Em 1915, Turner era secretário do Conselho de Editores da AHR, e esteve em meio a um período tumultuoso dentro da AHA. Alguns membros, liderados por Frederic Bancroft, Dunbar Rowland e John H. Latané, levantaram-se contra o controle de uma minoria de historiadores sobre a associação. Esses “insurgentes”, como denominou Billington, criticavam o sistema de autoperpetuação de um grupo de professores de grandes universidades que atuavam por um sistema de diretorias interconectado, onde mais de 2 mil historiadores eram governados por meia dúzia:

*all officers were chosen by a nominating committee that was itself selected by the executive council; the second vice-president ascended automatically to the presidency and then to lifetime membership on the council; the secretary and treasurer held office virtually for life; the six-man board of editors of the American Historical Review suggested its own replacements, which were automatically confirmed by the council.*¹⁸³

Esses historiadores reivindicavam uma democratização da associação, tornado o Conselho Executivo representativo, transferindo para os encontros o poder de decisão. Além disso, queriam garantir a posse da AHR à associação. Esses “membros da oligarquia”, como acusavam os insurgentes, não se viam como ocupando perpetuamente posições na associação para benefício próprio, mas sim, como sacrificando seu tempo em favor da profissão.¹⁸⁴

Ao longo de seus anos em Madison, Turner recebeu diversos convites para lecionar em outras instituições, ofertas que utilizou para negociar e melhorar sua situação e de sua disciplina dentro da University of Wisconsin, “*Turner was a master at displaying sufficient interest and flattering respect for the inquiring institution to encourage the academic suitor while describing his present position in ways designed to heighten ardor*”.¹⁸⁵ Em 1896, recebe de Woodrow Wilson um convite para atuar em Princeton, já que uma cátedra em história da América seria criada. Houve trocas de cartas entre os dois durante meses, onde Turner expunha seu rendimento anual em Madison, as qualidades da biblioteca de sua universidade para pesquisas em seu campo, as vantagens econômicas da região onde vivia, os motivos pessoais para gostar de viver em Wisconsin e sua falta de disposição em deixar para trás seu amigo e

¹⁸³ "todos os oficiais eram escolhidos por uma comissão de nomeação que era eleita pelo conselho executivo; o segundo vice-presidente ascendia automaticamente à presidência e depois passava a ser membro vitalício do conselho; o secretário e o tesoureiro ocupavam o cargo praticamente por toda a vida; o conselho de editores da American Historical Review, formado por seis homens, sugeria suas próprias substituições, que eram automaticamente confirmadas pelo conselho”, BILLINGTON, Ray Allen. *Tempest in Clío's Teapot...* op. cit. p.348

¹⁸⁴ Idem, *ibidem*, p.349

¹⁸⁵ “Turner era um mestre em mostrar interesse suficiente e respeito lisonjeiro a instituição inquiridora para encorajar o pretendente acadêmico enquanto descrevia sua posição atual buscando aumentar o ardor”, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.152

colega Charles Homer Haskins. Wilson oferecia contrapropostas, oferecendo um salário maior em Princeton e apresentando a possibilidade de estender o convite a Haskins. Por questões de falta de verba em Princeton, Wilson precisou suspender os convites,¹⁸⁶ o que foi recebido por Turner com alívio, como fica evidente em um trecho da carta de resposta a Wilson:

*As between the prospect you offered, and my present position, your suggestion was attractive, and the prospect of having you for colleague might have broken my roots here in any case; but it would have been a choice difficult to make, for my library and our lakes are pretty strong grappling hooks here – Perhaps it was after all a ladylike act in the fates to settle it for me! and I value the incident as a proof of your regard.*¹⁸⁷

Meses depois, recebe uma oferta para trabalhar na Universidade da Pensilvânia, onde, futuramente, o convite também seria estendido a Haskins.

Turner havia informado Charles Kendall Adams, reitor desde 1892, sobre as ofertas. Em um primeiro momento, não recebeu nenhuma contraproposta para permanecer em Madison, mas, com a contínua procura por Haskins por parte da Universidade de Princeton, e esta última oferta por parte da Pensilvânia, Adams recomenda bolsas de estudos em história da América e da Europa e a apropriação de quinhentos dólares para a compra de livros de história europeia, que poderia aumentar ao longo dos anos.¹⁸⁸

Em 1900, a oferta veio de Chicago. Turner foi convidada a dar aulas durante o verão na instituição; nesse meio tempo, o professor Von Holst ficou seriamente doente, e Turner permaneceu na instituição como convidado. Após a morte do professor, foi convidado a substituí-lo. Um pouco antes de sua ida para Chicago, Turner havia perdido dois de seus três filhos, a filha mais nova havia morrido em fevereiro de 1899 por difteria, e em outubro, o filho do meio, por complicações decorrentes de um apêndice rompido. Turner considerou aceitar a vaga em Chicago para mudar de ares após a tragédia familiar. O historiador informa a Ely da oferta, e este último, não tendo a pretensão de perder Turner, garante que a universidade se comprometeria com o desenvolvimento do programa de História. Desta forma, sugere um aumento em seu salário anual, acompanhado da criação de uma Faculdade de História separada, onde Turner seria o chefe.¹⁸⁹

¹⁸⁶ Idem, ibidem, p.151-155

¹⁸⁷ “Entre a perspectiva que você oferecia e minha posição atual, sua sugestão era atraente, e a perspectiva de ter você como colega poderia ter rompido minhas raízes aqui; mas teria sido uma escolha difícil de fazer, pois minha biblioteca e nossos lagos são muito fortes aqui - talvez tenha sido, afinal, um ato elegante do destino resolver isso por mim! e eu valorizo o incidente como uma prova de sua consideração”, TURNER apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.31

¹⁸⁸ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.156

¹⁸⁹ Idem, ibidem, p.158

*Turner refused the Chicago offer, and so was born the School of History at the University of Wisconsin. Members of later generations of history faculty at the University of Wisconsin sometimes criticized colleagues who received handsome raises on the basis of outside offers and thereby diminished the funds available for others. But the history program at the University of Wisconsin emerged as a separate school in the College of Letters and Sciences as the result of such an incident.*¹⁹⁰

Mas a *School of History* não dura muito tempo. Após a eleição de Van Hise como reitor, em 1892, diversas faculdades foram transformadas em departamentos, o que ocorreu com a História, mas com a garantia de que não haveria alterações em seu programa, onde Turner continuaria à frente da chefia, sem alterações em salários.¹⁹¹

Já em 1900, foi convidado a ocupar o cargo de Adams na Johns Hopkins após seu falecimento, e recebeu convites das universidades de Chicago e Stanford, duas instituições que procuravam uma posição de liderança na História e por isso buscavam pesquisadores renomados. Novamente, após considerar os benefícios de ir e os de permanecer, assim como comunicar as propostas a Van Hise, decide continuar em Madison, não sem conseguir uma autorização para dar aulas em um semestre e se ausentar em outro, para poder realizar pesquisas em outras bibliotecas.¹⁹² Esse cenário mudaria em 1910, quando acabaria por aceitar um convite como professor em Harvard após progressiva insatisfação em Wisconsin.

Turner reclamava que o Departamento de História estava recebendo pouco financiamento, tornando-se pouco atraente a estudantes de outras regiões. Sendo assim, em 1905, pediu a Van Hise mais bolsas de estudos e investimentos para os departamentos com maior demanda, isso para que os melhores estudantes vissem em Madison uma boa oportunidade para sua formação.¹⁹³ Além disso, em 1908, houve uma mudança na composição dos membros do comitê de regentes em Wisconsin, após a eleição de James O. Davidson para o governo do estado. Esse novo comitê tinha como política enfatizar os estudos práticos em detrimento dos humanísticos, que vinham sendo favorecidos ao longo do governo de La Follette, e a intervir nas decisões de professores e administradores da universidade.¹⁹⁴ Assim,

¹⁹⁰ “Turner recusou a oferta de Chicago, e assim nasceu a Faculdade de História da Universidade de Wisconsin. Membros de gerações posteriores do corpo docente de história da Universidade de Wisconsin por vezes criticaram colegas que recebiam aumentos consideráveis com base em ofertas externas e, assim, diminuía os fundos disponíveis para os outros. Mas o programa de história da Universidade de Wisconsin surgiu como uma escola separada do Colégio de Letras e Ciências como resultado de tal incidente.”, Idem, *ibidem*, p.160

¹⁹¹ Idem, *ibidem*, p.180

¹⁹² Além dos convites de diversas instituições para ocupar cargo de professor, Turner esteve em diversas universidades dando aulas com professor convidado. Em 1904, por exemplo, passou algum tempo em Harvard e depois na Universidade da Califórnia BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.202

¹⁹³ Idem, *ibidem*, p.196

¹⁹⁴ BILLINGTON, Ray Allen. *Tempest in Clio's Teapot...* op. cit. p.292

criticavam o fato dos departamentos de Letras e Ciências terem obtido uma grande quantidade de bolsas de estudos e desaprovaram salários de alguns professores que consideravam muito altos.¹⁹⁵ Jacobs afirma que ficava claro que os novos regentes estavam insatisfeitos com as condições de trabalho de Turner, “*They were impatient of the arrangement whereby Turner accepted a half-year leave annually in lieu of higher salary. They had little sympathy with Turner’s devotion to research, and suggested that such activity indicated a lack of interest in students*”.¹⁹⁶

Na tentativa de reverter a situação de Turner, provando sua dedicação aos estudantes, Van Hise pediu para que escrevesse um relatório falando de seus alunos que haviam ganho o *Justin Winsor Prize*, prêmio anual da AHA para melhores monografias não publicadas em História da América. Em um trecho do texto, afirma:

You may be interest in knowing that Professor [George P.] Garrison, head of the history department at Texas University, and author of several books on Western history, wrote in the copy of his ‘Westward Extension’ in the American Nation Series which he sent me, this sentence: ‘To the master of Western history’ &c

*When I regret that I have not published more books, I take some heart from these words, and those of many others, especially of former students of mine who are now pushing forward investigations in American history, and who assure me that my work has been helpful to them. Some of these men, at least, were not aware of my ‘lack of interest in my students.’ If I had less interest I should have published more books.*¹⁹⁷

Por mais que Van Hise tenha se esforçado para modificar a posição dos regentes, a insatisfação de Turner aumentava, e nesse contexto, recebeu uma oferta de emprego na Universidade da Califórnia. Ao saber que Turner estava pensando seriamente em sair de Madison, Haskins, que desde 1902 ocupava um cargo em Harvard, pediu para que o amigo esperasse para responder o convite porque discutiria com seus colegas a possibilidade de também fazerem uma proposta. Após ser formalmente convidado a ocupar um cargo como professor de história da América, Turner finalmente decide deixar Wisconsin e ir para Harvard.

¹⁹⁵ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.249

¹⁹⁶ “Eles estavam impacientes com o acordo onde Turner aceitava uma licença de um semestre, anualmente, em vez de um salário mais alto. Eles tinham pouca simpatia pela dedicação de Turner à pesquisa e sugeriram que tal atividade indicava uma falta de interesse nos alunos”, JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.44

¹⁹⁷ “Vocês podem estar interessados em saber que o professor [George P.] Garrison, chefe do departamento de história da Universidade do Texas, e autor de vários livros sobre a história do Oeste, escreveu esta frase na cópia de sua “*Westward Extension*” na *American Nation Series* que me enviou: ‘Para o mestre da história do Oeste’ &c Quando me arrependo de não ter publicado mais livros, tomo com afeição essas palavras, e muitas outras, especialmente de meus antigos alunos que agora estão avançando nas investigações da história americana e que me asseguram que meu trabalho tem sido útil para eles. Alguns desses homens, pelo menos, não estavam cientes da minha “falta de interesse em meus alunos”. Se eu tivesse menos interesse, eu deveria ter publicado mais livros.”, TURNER apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.45

Ao optar por Harvard, Turner levou em consideração a existência de um departamento de História já montado e consolidado na instituição, ao contrário da Califórnia, onde a proposta era justamente a da criação de um departamento sob a supervisão de Turner devido a sua experiência em Madison. Após anos em Wisconsin, dedicando-se muito à construção de um programa em História e envolvendo-se intensamente em questões políticas e administrativas da instituição, o historiador não queria mais esse tipo de trabalho, optando por ir para um lugar onde pudesse ter tranquilidade para fazer suas pesquisas, e finalmente, conseguir publicar.¹⁹⁸ A mudança de instituição representou uma mudança profunda em relação à vida profissional que Turner levava em Madison: não se envolveu com políticas universitárias e nunca teve o poder que tinha em Wisconsin, uma vez que, em Harvard, era apenas mais um professor talentoso do departamento. Além disso, ao contrário do que imaginava ao aceitar o cargo, não conseguiu completar as pesquisas e publicar os livros que havia planejado. No Leste, continuou a manter uma vida social ativa, adentrando círculos intelectuais de Cambridge e Boston, como clubes, sociedades históricas locais e outras sociedades, como a de antiquários e de geógrafos, mas mesmo assim, “*none of these associations, however, provided the sense of belonging, nor symbolic memories comparable to those known in limestone and marble building at the junction of Park and State Streets in Madison*”.¹⁹⁹

Os anos de Turner na University of Wisconsin representaram os anos em que atuou ativamente na profissionalização da História e no estabelecimento de sua *western history*: produziu frutíferas reflexões, ajudou a formar alunos e a inseri-los em instituições acadêmicas, organizou um programa em História e participou de políticas universitárias. Em Harvard, deu aulas, continuou orientando alunos e realizando suas pesquisas, mas é possível afirmar que aquela fase anterior havia sido definitivamente encerrada. Em 1924, Turner se aposentou, aceitando, três anos depois, um convite de seu amigo Max Ferrand para ser diretor da Huntington Library, na Califórnia, onde teria acesso a documentos importantes para suas

¹⁹⁸ Ao longo da vida acadêmica de Turner, a escrita foi um motivo de angústia contínuo. Turner escreveu muito pouco, alguns artigos e ensaios e apenas um livro “*The Rise of the New West, 1819-1829*” para uma série “*The American Nation*”, organizada por Albert Bushnell Hart, escrita ao longo de um extenso e doloroso processo. Durante sua vida, o historiador fechou contrato com diversas editoras que lhe encomendaram livros, acadêmicos e didáticos, sempre adiando algum pagamento para possibilitar as pesquisas. Esses livros nunca seriam escritos, e durante anos, foram motivo de cobranças e dores de cabeça a Turner BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.148-151. Turner atribuía sua dificuldade em escrever ao fato de gastar muito tempo em atividades administrativas de sua universidade, mas, mesmo após sua ida à Harvard, onde não tinha compromissos administrativos e conseguiu manter o acordo que tinha em Madison de utilizar um semestre para pesquisas, continuou tendo dificuldades para produzir.

¹⁹⁹ “Nenhuma dessas associações, no entanto, forneceram o sentimento de pertencimento, nem memórias simbólicas comparáveis àquelas conhecidas na construção de calcário e mármore localizada na junção de Park e State Street, em Madison.”, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.278

pesquisas. Em 1932, já com a saúde debilitada, sofreu um ataque cardíaco fatal, deixando inacabada a grande obra em que vinha trabalhando em seus últimos anos.

*

Ao longo de sua vida, o caminho de Turner esteve intimamente ligado ao de sua profissão, ajudando a constituí-la e sendo constituído com historiador por ela, dedicando sua vida à construção das bases institucionais para que um conhecimento histórico disciplinado fosse possível. Mas Turner não foi personagem solitário neste processo, uma figura fora da curva. Assim como ele, diversos outros historiadores dedicaram suas vidas ao fortalecimento da disciplina recém-nascida, sendo ativos na associação, colaborando com artigos, pareceres e no corpo editorial de periódicos, além de terem se empenhado na formação das gerações seguintes de profissionais.

Dentre estes tantos, podemos mencionar William A. Dunning, professor da Columbia University, que presidiu a AHA em 1913. Dunning foi referência por muitos anos em história da Reconstrução do Sul, e, assim como Turner, formou dezenas de pesquisadores e professores universitários que disseminariam sua teoria, além de ter sido membro ativo da sua associação. Outro historiador que dedicou sua vida à construção da profissão foi o já mencionado John Franklin Jameson, que até a sua morte, esteve presente na AHA, no corpo editorial da AHR e em comissões de gestão de fontes para pesquisas em História.

No próximo capítulo, veremos como estes historiadores, além de terem atuado na profissionalização, fizeram parte do grupo que disciplinarizou a História. Guiados por valores cientificistas do final do século, utilizaram o espaço aberto pela sua associação profissional para debater sobre o conhecimento histórico e defender suas posições sobre questões caras à disciplina, buscando definir seus objetos, suas fronteiras, o que é permitido e o que é proibido na prática historiográfica.

2. A DISCIPLINARIZAÇÃO DA HISTÓRIA

A constituição disciplinar da História começou a ocorrer no século XIX, em meio à Segunda Revolução Científica, onde o modelo de racionalidade na qual se baseou seria o da ciência moderna, que começou a se formar no século XVI, tendo sido a sua adoção pelas ciências sociais o marco para que se possa falar em um modelo global de racionalidade científica. Uma característica marcante desse modelo é o seu caráter totalitário, uma vez que nega a racionalidade às outras formas de conhecimento que não se pautam por seus princípios epistemológicos e regras metodológicas, havendo, assim, uma única forma de conhecimento verdadeiro. O paradigma científico corresponde a uma nova visão do mundo e da vida, onde há uma ruptura intensa entre saber científico e senso comum, onde o primeiro desconfia sistematicamente das evidências das experiências imediatas enquanto o segundo se baseia nelas.²⁰⁰

O fortalecimento dessa racionalidade faz parte de um processo de secularização, ou como chamou Max Weber, de desencantamento do mundo, onde, desde o advento das ciências, há uma busca por compreender o mundo sem considerar a ação de forças ocultas. Para Weber, o desencantamento significa “o saber ou a crença em que, se alguém simplesmente quisesse, poderia, em qualquer momento, experimentar que, em princípio, não há poderes ocultos e imprevisíveis, que nela interfiram; que, pelo contrário, todas as coisas podem – em princípio – ser dominadas mediante o cálculo”.²⁰¹ Mas isso não significa um maior conhecimento sobre as condições da vida, pelo contrário, há um conhecimento sobre o funcionamento técnico do mundo, mas esse conhecimento não traz respostas sobre qual seria o sentido da existência.²⁰²

Neste capítulo, veremos como os historiadores da virada do século debateram em busca da transformação da História em disciplina a partir de um modelo emprestado da ciência

²⁰⁰ SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna... op. cit.

²⁰¹ WEBER, Max. A ciência como vocação... op. cit. p.14

²⁰² Idem, ibidem, p.17. Wolfgang Schluchter, em um ensaio sobre o conceito de “desencantamento do mundo”, afirma que “Um sóbrio olhar sobre a História da ciência mostra que, conforme podemos ler em Weber, toda busca que, com os meios da ciência, quer alcançar o verdadeiro Ser, a verdadeira Arte, a verdadeira Natureza, o verdadeiro Deus ou mesmo a verdadeira Felicidade, fracassa miseravelmente. A questão sobre o que devemos fazer, ou como devemos viver, não encontra nenhuma resposta na descoberta cientificamente bem-sucedida de correlações causais.” SCHLUCHTER, Wolfgang. O desencantamento do mundo. In.: *O desencantamento do mundo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014, p.46

moderna, procurando afastá-la da Literatura e estabelecer regras para a produção de conhecimento sobre o passado.

2.1. Cientificização da História

2.1.1. Políticas da interpretação histórica

A História se constitui em disciplina a partir do modelo de racionalidade científica que começa a emergir no século XVI e chegou às ciências sociais três séculos depois. Em “*The Politics of Historical Interpretation*”, Hayden White busca compreender qual política da interpretação que esteve por trás da transformação de campos de estudos em disciplinas nas ciências humanas e sociais, dando especial ênfase ao caso da História, uma vez que afirma que não existe interpretação desinteressada, sem implicar interesses políticos ocultos.²⁰³

No caso das humanidades, os diversos campos foram transformados em disciplinas sem ter alcançado uma arregimentação teórica e metodológica característica das ciências físicas. A impossibilidade das ciências humanas e sociais em converterem-se em verdadeiras ciências está na natureza de seus objetos – o ser humano, a sociedade e a cultura. Sendo assim, essas disciplinas deveriam buscar a compreensão de seus objetos, e não sua explicação, aqui entendida como busca de leis causais que explicam os fenômenos como sendo manifestações destas leis, como ocorre nas ciências físicas. Neste sentido, no campo dos estudos históricos, o historiador busca atribuir uma compreensão sobre os fenômenos, e o meio pelo qual isso ocorre é através da interpretação. A narração é a forma que se realiza uma interpretação, assim como o meio de representá-la. Essa vinculação entre interpretação, narração e compreensão proporciona a base teórica para considerar os estudos históricos como uma disciplina diferente “[...] y para resistirse a la demanda (formulada por positivistas y marxistas) de transformación de los estudios históricos en una ciencia”.²⁰⁴

Cada um desses grupos possui uma natureza ideológica diferente, sendo a demanda por transformação dos estudos históricos em ciência provinda do objetivo de promover uma política progressista (radical para os marxistas e liberal para os positivistas).²⁰⁵ Em uma época caracterizada por conflitos entre representantes de diversas posições políticas, cada uma delas apoiada em uma narrativa mestra do processo histórico que autorizada suas pretensões de realismo, fazia muito sentido construir uma disciplina especificamente histórica,

“El aspecto político de este esfuerzo analítico consistió en oponer una conciencia histórica adecuadamente disciplinada al pensamiento utópico en todas

²⁰³ WHITE, Hayden. La Política de la Interpretación Histórica... op. cit. p.76-77

²⁰⁴ Idem, ibidem, p.77-78

²⁰⁵ Idem, ibidem, p.78

sus modalidades (religiosas, sociales y, sobre todo, políticas). La combinación de ambos aspectos de la disciplinización de la historia tuvo por efecto permitir que el tipo de conocimiento histórico producido por los historiadores profesionales sirviese de norma de realismo en el pensamiento y la acción políticos generales.”²⁰⁶

Neste sentido, a politização do pensamento histórico foi uma pré-condição para a sua profissionalização, a base para ser considerada uma disciplina digna de ser ensinada nas universidades.²⁰⁷ A disciplinarização ocorreu em meio ao período moderno, a serviço de valores e regimes antirrevolucionários e conservadores, trazendo benefícios ideológicos à burguesia por conta de sua decorrente autoridade como conhecimento científico.²⁰⁸

Na busca por transformar a História em conhecimento científico, capaz de servir ao realismo de seus programas políticos, a disciplinarização impôs uma profunda “desretorização” às narrativas sobre o passado, uma vez que a subordinação da História à retórica ameaçava que o conhecimento histórico fosse concebido como farsa. Sendo assim, a retórica estaria ligada à literatura, à imaginação, à ficção, sendo que a História, enquanto ciência, deveria encontrar suas bases nas evidências, e não na invenção.²⁰⁹ Isso acabaria por limitar até mesmo os objetos que poderiam ser representados narrativamente pela nascente disciplina, “*se excluyen el tipo de acontecimientos que tradicionalmente se conciben en materia de la creencia religiosa y el ritual (milagros, acontecimientos mágicos, sucesos divinos), por un lado, y el tipo de acontecimientos “grotescos” que constituyen la materia de la farsa, la sátira y la calumnia, por otro*”. Desta maneira, além de servir na disciplinarização do conhecimento histórico, a desretorização também disciplinou a imaginação histórica, pondo limites ao que constitui um acontecimento de fato histórico.²¹⁰

Fica evidente que, para White, esse processo tem a ver com regulações, não apenas no que se refere ao verdadeiro objeto do estudo histórico, mas também em sua representação mais adequada, “*una vez más aquí hemos de recordar que la disciplina consiste menos en la prescripción de lo que se debe hacer que en la exclusión o proscripción de ciertas formas de imaginar la realidad histórica*”. Uma dessas regulações foi a progressiva supressão do sublime, fenômenos que possuem a capacidade de aterrorizar, em detrimento do belo, os que possuem a capacidade de encantar.²¹¹ Essas atitudes foram inegavelmente eficazes em bloquear qualquer

²⁰⁶ Idem, ibidem, p.79

²⁰⁷ Idem, ibidem, p.81

²⁰⁸ Idem, ibidem, p.78

²⁰⁹ Idem, ibidem, p.83

²¹⁰ Idem, ibidem, p.84

²¹¹ Idem, ibidem, p.86

impulso de usar a História para justificar políticas visionárias, tanto do lado radical quanto do conservador, desta maneira, os fatos históricos se domesticam politicamente, se desideologizam. Os eventos históricos e processos são compreensíveis ou explicáveis, mas nunca podem servir de base para uma política visionária mais interessada em dotar a vida social de significado do que de beleza. Essas ideologias modernas extraem da História o terrível, que incita o ser humano a querer fazer diferente para si e para seus descendentes, uma vez que a ideia de que as coisas deveriam ser de modo diferente do que são parte do sentimento de repugnância. Como a História disciplinada está configurada de uma maneira a perdoar tudo, está apartada de qualquer vinculação com uma política visionária, e isso vale tanto para a concepção marxista quanto para a conservadora.²¹²

As reflexões de Hayden White desenvolvidas em “*The Politics of Historical Interpretation*” serão especialmente importantes neste capítulo por demonstrarem o que está por trás da constituição de uma disciplina e as maneiras como esse processo ocorre. Neste sentido, tornou-se evidente que “disciplinarização” tem mais a ver com exclusões e proibições do que com permissões; ela representou uma tentativa de aproximação das ciências e afastamento da literatura, uma busca por uma desideologização, uma domesticação da imaginação histórica. A partir da análise das fontes, perceberemos que a definição da disciplina foi campo largamente disputado entre os profissionais no final século XIX e início do XX, onde a definição do que seria a disciplina histórica passou por embates sobre qual seria a natureza do conhecimento histórico, as metodologias mais adequadas para as pesquisas, a questão da verdade e da objetividade do conhecimento, como narrar os resultados das pesquisas, e finalmente, os sujeitos que teriam legitimidade para falar em nome da História.

2.1.2. Bases epistemológicas

O processo de disciplinarização da História no Ocidente ocorreu no contexto de formação dos Estados-nacionais, tendo como finalidade construir uma identidade comum aos membros da nação. A História aparece com o objetivo de consolidar um passado comum aos cidadãos, assim como uma perspectiva de futuro a ser construído em conjunto.²¹³ No caso americano, não houve um projeto de investimento público no desenvolvimento de pesquisas históricas com o objetivo de construção de identidade, como ocorreu em países europeus; pelo contrário, a

²¹² Para White, por mais radical que o marxismo possa ser enquanto filosofia social, como filosofia da história não é mais visionário do que sua contrapartida burguesa, Idem, *ibidem*, p.91

²¹³ MUDROVIC, Maria Inés. *La Nación, el Tiempo Histórico y la Modernidad...* op. cit. p. 25

disciplinarização se deu muito mais a partir de forças particulares, mas que constituíam, em grande parte, uma classe específica, sendo sua percepção sobre a História decorrente de seu lugar social.

A nova historiografia disciplinada é desdobramento da mudança na forma como o tempo era experienciado, onde um regime de historicidade antigo foi substituído pela experiência moderna de tempo no século XVIII. Neste regime, há um desligamento do passado, entendido como encerrado, inaugurando a modernidade por meio de um futuro inédito, desconhecido, trazendo consigo uma ideia de progresso. Como Mudrovic destacou, a historiografia é uma prática social baseada na representação do tempo e é possibilitada pelo regime de historicidade dominante da qual faz parte,²¹⁴ e sendo assim, a percepção do passado como encerrado e a crença no progresso estariam presentes no imaginário dos historiadores americanos e, conseqüentemente, em suas narrativas sobre o passado de seu país.

Uma peculiaridade do caso americano, destacada por Richard Hofstadter, em “*The Progressive Historians*” é que, diferentemente do que ocorreu em países europeus, a dimensão básica da imaginação histórica americana é o espaço, e não o tempo.²¹⁵ O autor afirma que a História norte-americana inicia no século XVII, sem um passado feudal ou pré-feudal (na fronteira, isso só ocorre no XIX), sendo assim, os americanos concebem a História dentro de um âmbito temporal bastante raso, onde uma época se parece muito com a outra, compensando esse sentido curto de tempo por um sentido ampliado de espaço, “*Su pensamiento no tiende a remontarse a una antigüedad que no conocen, sino más bien se dirige hacia afuera, a un teatro geográfico de acción más amplio, el teatro no del pasado sino del futuro*”.²¹⁶ Turner foi o primeiro a incorporar plenamente no pensamento histórico americano a consciência do espaço, a valorização do movimento para o retorno às condições naturais de surgimento da civilização. Essa valorização de um retorno às condições primitivas, agrárias, trazia consigo um grande problema a ser contornado pelos historiadores ao criarem narrativas que dessem sentido ao passado de seu país: o de incorporar a ideia de progresso, tão cara à modernidade.

Os historiadores do XIX foram obrigados a explicar a vida de uma nação que nasceu de uma revolução que supostamente originou uma democracia vigorosa e que, menos de cem anos depois, vivenciou uma guerra civil sangrenta, com suas complexas conseqüências políticas, tomando para si a tarefa de tentar retomar um orgulho nacional e enquadrar o fracasso político

²¹⁴ MUDROVIC, Maria Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos... op. cit. p.15

²¹⁵ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas*... op. cit. p.20

²¹⁶ Idem, ibidem, p.21

e o horror da guerra à ideia de superioridades das instituições americanas e de progresso,²¹⁷ domesticando assim o conflito e tentando forjar um sentimento de harmonia entre as regiões:

*“las historias aprobadas del país se han esforzado constantemente por superar la profunda disparidad existente entre los ideales nacionales – unidad, democracia, igualdad, libertad, tolerancia – y las inquietantes realidades: particularismo estatal y regional, los problemas de la esclavitud y la raza, la mezcla étnica y un sistema de exclusión y discriminación, extraordinarias explosiones de intolerancia y violencia, la constante erosión del Edén norteamericano original.”*²¹⁸

Neste sentido, o regime de historicidade predominante no século XIX, juntamente com a secularização do conhecimento, que desde o século XVI vinha ocorrendo no Ocidente, onde buscou-se abandonar o sagrado e adotar a ciência como a maneira correta de se compreender a realidade, contribuíram para um entendimento do passado como passível de ser apreendido objetivamente, e, conseqüentemente, para a cientificização do conhecimento histórico.

Nos Estados Unidos, a disciplinarização ocorreu de forma muito rápida, mobilizando todo um aparato institucional já mencionado anteriormente e estabelecendo os critérios metodológicos a serem empregados nas pesquisas. Os novos historiadores buscaram o reconhecimento da História como uma disciplina separada nas academias argumentando ser o estudo do passado uma prática científica por, supostamente, lançar mão de métodos científicos, como a coleta de dados, o uso de documentos primários, o emprego de raciocínio indutivo e a ausência de opiniões e floreios leiterários na escrita.²¹⁹ Os historiadores românticos foram um modelo para seus sucessores profissionais devido ao seu apego aos fatos, pela busca de detalhes exatos sobre o que aconteceu. Porém, ao contrário da historiografia “científica”, esses apanhados de fatos não possuíam valor de evidências, de provas dentro de um esquema analítico, mas constituíam detalhes reais para a recriação de experiências passadas dentro de suas narrativas.²²⁰

No início, via de regra, os historiadores americanos ligaram sua reivindicação ao status científico ao esforço de Charles Darwin para rastrear mudanças ao longo do tempo, numa tentativa de aplicar o método científico no estudo das populações humanas. A adoção das ideias de Darwin, e também Spencer, no que se refere ao estudo do passado, não se restringiu ao método, mas também à utilização do conceito de “evolução”.²²¹ Há que se destacar que a

²¹⁷ Idem, ibidem, p.23

²¹⁸ ídem, ibídem. p.23

²¹⁹ Idem, ibidem, p.17

²²⁰ Idem, ibidem, p.28

²²¹ TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.17

tentativa de utilizar a teoria de Darwin para compreender a sociedade nessa primeira geração, que ficou conhecida como “História Científica”, foi uma tendência, mas não uma regra. Veremos, na análise dos discursos dos presidentes da AHA, que mesmo nos anos em que essa influência estava mais forte, havia historiadores questionando a cientificidade da História.

“A Origem das Espécies”, publicada em 1859, representou um impacto gigantesco no ambiente intelectual ocidental, trazendo reflexões para diversas áreas do conhecimento além das ciências naturais, e certamente foi nos Estados Unidos que encontrou terreno mais acolhedor. Apesar de muito atacada, principalmente por setores religiosos fundamentalistas, rapidamente foi aceita por grande parte da intelectualidade americana, sendo a teoria evolucionista incorporada por antropólogos, sociólogos, historiadores, cientistas políticos, economistas, etc. nos estudos que buscavam compreender o desenvolvimento da sociedade americana.²²² Hofstadter, em “*Social Darwinism in American Thought*” afirma que, por décadas, os Estados Unidos foi por excelência, o “país darwinista”, já que nenhum outro país incorporou as ideias evolucionistas de Darwin e o esforço de Spencer de sistematizar as implicações da evolução em outros campos além da biologia do que aquele país.²²³

Em resumo, a teoria evolucionista de Darwin parte do princípio de que os organismos variam entre si, e que essas variações são, pelo menos em parte, herdadas pelos seus descendentes, que são produzidos em uma quantidade superior do que a que sobreviverá. Neste sentido, os descendentes que herdaram características que permitam uma melhor sobrevivência no meio em que se encontram, serão os que sobreviverão e procriarão, havendo um processo de seleção natural de organismos melhor adaptados àquele ambiente.²²⁴ Essa teoria foi incorporada pelas ciências humanas, e, além de Darwin, o pensamento de Herbert Spencer também seria muito disseminado entre os intelectuais americanos, já que, para Spencer, a sociedade seria também um organismo vivo, e por isso, o evolucionismo poderia ser utilizado para compreender a evolução da sociedade.²²⁵

O exemplo mais fechado da incorporação da teoria evolucionista na historiografia americana se encontra na *germ-theory*, corrente historiográfica bastante disseminada naquele contexto, onde se defendia-se que os antecedentes das instituições americanas poderiam ser encontrados na Alemanha feudal. A primeira geração de profissionais era bastante favorável a

²²² HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1955, p.4

²²³ Idem, *ibidem*, p.4-5

²²⁴ GOULD, Stephen Jay. *Ever Since Darwin*. Toronto: Penguin Books, 1991, p.11

²²⁵ HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought...* op. cit. p.38

essa corrente teórica. Para eles, a sociedade, sendo um organismo vivo, deveria ser estudada através da busca de seus germes sociais, geradores das instituições existentes. Essa concepção vai de encontro à teoria da geração espontânea, entendendo que nenhuma instituição pode surgir do nada, sem uma raiz anterior. Sendo assim, a continuidade histórica era valorizada, sendo os povos e as instituições passíveis de serem comparados a germes biológicos que se desenvolvem. Inspirados em modelos Alemães, os historiadores americanos

*[...] declared that social germs were translated from the forests of medieval Germany to England, and at a later date this same self-perpetuating association of people and institutions crossed the Atlantic and germinated in the rich soil of the New World. These admirable Aryan germs, it was claimed, were the real cause of American liberties and democracy. Virile Anglo-Saxons came to agree that genuine democracy and bold individualism had originated in the remote German forests. The American experience was therefore nothing truly extraordinary, being but the unfolding of the familiar Teutonic germ in a new land.*²²⁶

A atuação do historiador Herbert Baxter Adams foi bastante importante para disseminação da *germ-theory*. Como outros de sua geração, formou-se na Europa, trazendo para os Estados Unidos o modelo alemão de seminário, transmitindo aos seus alunos os novos procedimentos de pesquisa em História. O historiador afirmava que o seu seminário havia sido moldado segundo a ciência natural e que “*los seminarios de Baltimore son laboratorios donde se trata a los libros como especímenes mineralógicos, se los pasa de mano en mano, se los examina y somete a prueba*”.²²⁷ Adams concebia os Estados Unidos e suas instituições como um organismo que se desenvolveu a partir de raízes europeias, restaurando, com metáforas biológicas, a velha teoria comum entre os historiadores românticos das instituições americanas como resultado de origens germânicas, “*disfrazando a la Providencia con los atuendos de la Evolución, restauraban la antigua idea de que los eventos de la historia marchan bajo una guía providencial*”. Essa aproximação com a ciência demonstra um afastamento da ficção e filosofia romântica, aproximando a História de outras disciplinas também impulsionadas pelo darwinismo, como a antropologia, a geografia, a sociologia e a economia.²²⁸

²²⁶ “[...] Declaravam que os germes sociais foram traduzidos das florestas da Alemanha medieval para a Inglaterra e, mais tarde, essa mesma associação autoperpetuante de pessoas e instituições atravessou o Atlântico e germinou no rico solo do Novo Mundo. Esses germes arianos admiráveis, dizia-se, eram a causa real das liberdades e da democracia americanas. Os viris anglo-saxões deveriam concordar que a democracia genuína e o individualismo audacioso tinham se originado nas remotas florestas alemãs. A experiência americana, portanto, não era nada verdadeiramente extraordinária, sendo apenas o desdobramento do familiar germe teutônico em uma nova terra.”, COLEMAN, William. *Science and Symbol in the Turner Frontier Hypothesis...* op. cit. p.25-26

²²⁷ ADAMS apud HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op. cit. p.49

²²⁸ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op. cit. p.50

2.1.3. Questão da objetividade

Com relação ao método científico, os novos historiadores lançavam mão de documentos primários em suas pesquisas tomando-os como vestígios diretos do passado a ser investigado, acusando seus ancestrais amadores de basear seus textos em documentos secundários e, mesmo quando lançavam mão de fontes primárias, as utilizavam sem critério. Esse uso de fontes primárias também é resultado, como vimos no capítulo anterior, de uma mudança objetiva no acesso aos documentos, onde instituições públicas e privadas começaram a coletar e publicar fontes em larga escala, possibilitando que historiadores tivessem acesso a esses materiais quando, até então, pela ausência de arquivos públicos, muitas vezes precisaram utilizar seus próprios recursos para obtê-los.²²⁹

A reivindicação de status científico para a História trouxe consigo a imposição de que outros historiadores deveriam ser capazes de refazer os passos da pesquisa, tornando essencial explicitar como ela havia sido feita, sendo necessário que se lançasse mão de recursos como nota de rodapé, com referências à fontes e bibliografia. Além disso, a pesquisa também deveria passar pela validação dos pares.²³⁰ Townsend destaca que o preço a ser pago pelo emprego de procedimentos científicos foi a escrita ter-se tornado pesada e de difícil acesso ao público não especializado, “*The difficulties inherent in writing history in a technical mode for academic peers quickly set up a recurring point of tension between the scientific pretensions of the younger historians and their aspirations to supersede their literary predecessor.*”²³¹

Para Novick, a mudança não está apenas na forma de expressão escrita, mas na postura adotada pelos novos historiadores, onde havia uma tentativa de não “aparecerem” nos textos que escreviam. Já os historiadores literários da geração anterior não possuíam a pretensão de tornarem-se invisíveis em seus textos, eles não escreviam por uma obrigação profissional, mas porque possuíam mensagens a deixar ao seu público.²³² A combinação da presença autoral e do partidarismo explícito moralizante, fez da postura dos amadores inaceitável entre os profissionais. Novick menciona um comentário irritado feito na década de 1880 sobre a obra de Bancroft “[it] should be entitled ‘*The Psychological Autobiography of George Bancroft, as*

²²⁹ TOWNSEND, Robert B. *History's Babel: Scholarship...* op. cit. p.18

²³⁰ Idem, *ibidem*, p.19

²³¹ “As dificuldades inerentes em escrever a história de modo técnico para colegas acadêmicos rapidamente criaram um ponto de tensão recorrente entre as pretensões científicas dos historiadores mais jovens e suas aspirações de suplantar seu predecessor literário.” Idem, *ibidem*, p.19

²³² NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.45

Illustrated by Incidents and Characters in the Annals of the United States”.²³³ Em grande medida, esse novo movimento histórico foi parte de uma mudança na cultura americana do romantismo para o realismo, que afetou diversas áreas: artística, literária, acadêmica, onde desconfiava-se da imaginação. De acordo com Higham, esses grupos não necessariamente alcançaram representações mais verdadeiras da experiência humana do que os românticos, mas adotaram um tom mais imparcial,²³⁴ o que vai ao encontro das afirmações de Hayden White sobre a preocupação com a desretorização como garantia de alcançar o realismo pretendido como condição para a disciplinarização do conhecimento histórico.

Outro elemento importante para a reivindicação de cientificidade foi a crença na objetividade do conhecimento histórico, tendo sido a qualidade que a disciplina valorizou e elogiou acima de todas as outras; o termo chave na definição do progresso na erudição histórica.²³⁵ Os principais elementos desta ideia foram sintetizados por Peter Novick:

*The assumptions on which it rests include a commitment to the reality of the past, and to truth as correspondence to that reality; a sharp separation between knower and known, between fact and value, and, above all, between history and fiction. Historical facts are seen as prior to and independent of interpretation: the value of an interpretation is judged by how well it accounts for the facts; if contradicted by the facts, it must be abandoned. Truth is one, not perspectival.*²³⁶

Como mencionado anteriormente, as bases sobre as quais as normas profissionais da escrita da História se assentaram foram em grande parte importadas de correntes europeias de pensamento, e com relação à concepção sobre a objetividade não foi diferente. Com base em sua compreensão dessas correntes – muitas vezes em mal-entendido sobre elas – os historiadores americanos lançaram as bases do pensamento e da sensibilidade historiográfica disciplinada nos Estados Unidos.²³⁷

Para Novick, havia uma lacuna entre o contexto cultural filosófico alemão e anglo-americano, tornando compreensível os mal-entendidos sobre conceitos-chaves, como o da objetividade, quando importados. Além disso, a grande referência utilizada como modelo a ser

²³³ “[ela] deveria ser intitulado ‘A autobiografia psicológica de George Bancroft, ilustrada por incidentes e personagens dos anais dos Estados Unidos’”, Idem, *ibidem*, p.46

²³⁴ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.93

²³⁵ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.1

²³⁶ “As suposições nas quais se baseia incluem um compromisso com a realidade do passado e a verdade como correspondência a essa realidade; uma nítida separação entre conhecedor e conhecido, entre fato e valor e, acima de tudo, entre história e ficção. Os fatos históricos são vistos como anteriores e independentes da interpretação: o valor de uma interpretação é julgado pelo quão bem ele se relaciona com os fatos; se contradito pelos fatos, deve ser abandonado. A verdade é uma só, não é perspectiva”, Idem, *ibidem*, p.1-2

²³⁷ Idem, *ibidem*, p.21

seguido foi Leopold von Ranke, muito citado mas pouquíssimo lido pelos historiadores americanos. É dele uma das frases mais citadas em defesa da objetividade "*wie es eigentlich gewesen*", mas, segundo Novick, o problema está no fato dessa frase ter sido por muito tempo mal traduzida nos Estados Unidos, onde, habitualmente, foi traduzida por "como realmente era" ou "como era de fato", onde a tradução deveria ter sido "como essencialmente era":

In fact, as Georg Iggers has recently pointed out, in the nineteenth century, eigentlich had an ambiguity it no longer has: it also meant "essentially," and it was in this sense that Ranke characteristically used it. His wish, expressed in the preface to the World History, to 'as it were extinguish myself,' reflected a widespread romantic desire to open oneself to the flow of intuitive perception.²³⁸

Ranke foi um grande representante da reação romântica contra o pensamento filosófico universalista, "materialista" e "crítico" do Iluminismo, reação que estimulou os estudos históricos no século XIX. Para seu amigo, fundador da escola histórica alemã de direito, Savigny, não havia antítese entre lei positiva e lei justa, entre o real e o ideal. Seja o que for que o processo histórico tenha produzido, deveria ser não apenas aceito, mas valorizado,

*So for Ranke, there were no rational or moral standards by which historical developments could be judged. Enlightenment 'radicals' had criticized the past to awaken minds to the possibility of reform. Ranke, and German historicists generally, in reaction to the French Revolution, were wedded to the past, and accepted it as the basis of existing conditions. **Ranke's abstention from moral judgment, rather than manifesting disinterested neutrality, was, in its context, a profoundly conservative political judgment.**²³⁹*

Nos Estados Unidos, a reputação de Ranke como um empirista não filosófico se espalhou, assentando-se em uma pré-disposição já existente a depreciar a especulação filosófica sobre a História, sendo a Filosofia da História entendida como grandes esquemas especulativos sem base em análises empíricas²⁴⁰. Foi esse, então, o modelo de método científico que final do século XIX os historiadores americanos adotaram, onde, "*science must be rigidly factual and empirical, shunning hypothesis; the scientific venture was scrupulously neutral on larger*

²³⁸ "De fato, como George Iggers recentemente apontou, no século XIX, *eigentlich* tinha uma ambiguidade que já não tem: também significava 'essencialmente', e foi nesse sentido que Ranke caracteristicamente a usou. Seu desejo, expresso no prefácio da 'História do Mundo', de 'como se fosse me extinguir', refletia um desejo romântico generalizado de abrir-se ao fluxo da percepção intuitiva." Idem, *ibidem*, p.28

²³⁹ "Assim, para Ranke, não havia padrões racionais ou morais pelos quais os desenvolvimentos históricos pudessem ser julgados. Iluministas 'radicais' criticaram o passado para despertar as mentes para a possibilidade de reforma. Ranke, e os historicistas alemães em geral, em reação à Revolução Francesa, estavam apegados ao passado e o aceitaram como a base das condições existentes. **A abstenção de Ranke do julgamento moral, em vez de manifestar neutralidade desinteressada, era, em seu contexto, um julgamento político profundamente conservador.**" Grifos meu, Idem, *ibidem*, p.27

²⁴⁰ Idem, *ibidem*, p.30

questions of end and meaning; and, if systematically pursued, it might ultimately produce a comprehensive, 'definitive' history".²⁴¹

Dentro dessa busca por um conhecimento objetivo, a verdade estaria relacionada a um consenso entre os investigadores. É por essa razão que a profissionalização da História se torna importante, para consolidar a objetividade, para estabelecer os critérios de validação do que é dito.²⁴² Novick destaca três formas pelas quais a objetividade é consolidada: pela criação de uma comunidade profissional de historiadores; pelo desenvolvimento e padronização da técnica (ponto central da formação profissional), uma vez que a técnica é o que gera consenso; e pela redefinição da audiência para o trabalho histórico, que passa a ser direcionado ao público acadêmico.²⁴³

Os procedimentos adotados pelos novos historiadores em busca da objetividade fizeram com que suas suposições e mensagens ideológicas fossem menos explícitas do que as dos amadores, mas mesmo assim não menos politicamente relevantes. Não podemos ignorar o peso adquirido por uma afirmação validada com o selo de “cientificamente comprovada” em um contexto cultural onde a ciência era percebida como ponto de vista privilegiado para o entendimento da sociedade. Um exemplo do peso político que a disciplina adquiriu neste momento de cientificização do conhecimento, pode ser encontrado na própria *frontier thesis*, onde, como demonstra Arthur Lima de Avila em “História e Destino...” presidentes americanos lançaram mão da teoria de Turner para justificar o imperialismo como uma missão americana de disseminar seus valores democráticos. O embasamento encontrado na obra do historiador possui contornos científicos, substituindo a versão religiosa, muito utilizada ao longo do século XIX, da conquista territorial como sendo um destino manifesto pela Providência Divina.²⁴⁴ Como afirmou Peter Novick, “[...] indeed, the assumptions at least were largely unconscious, and in consequence all the more powerful”.²⁴⁵

Para John Higham, esse modelo de História científica apoiado em uma ideia de objetividade atendeu a interesses práticos de boa parte da aristocracia cultural do país no final do XIX, onde, para que se possa compreender plenamente o lugar que a objetividade

²⁴¹ “a ciência deveria ser rigidamente factual e empírica, evitando hipóteses; o empreendimento científico era escrupulosamente neutro em questões maiores de fim e significado; e, se perseguido sistematicamente, poderia finalmente produzir uma história abrangente e ‘definitiva’”, Idem, *ibidem*, p.37

²⁴² Idem, *ibidem*, p.52

²⁴³ Idem, *ibidem*, p.52

²⁴⁴ AVILA, Arthur Lima. *História e Destino...* op. cit.

²⁴⁵ “[...] de fato, as suposições, pelo menos, eram em grande parte inconscientes e, conseqüentemente, ainda mais poderosas”, NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.84

conquistou, é preciso levar em conta sua relevância social. Essa aristocracia estava empenhada em estabelecer padrões disciplinares, a trazer estabilidade e solidez ao que tinha sido uma vida intelectual caótica e excessivamente individualista. A impessoalidade da História científica atendeu exatamente a essa demanda: “*Both the method and in content scientific history subordinated individuals to institution. It replaced the waywardness and subjectivity of romanticism with a sense of regular, uniform progress.*”²⁴⁶

Mas, vale lembrar, estas são generalizações sobre as bases pelas quais se buscou a disciplinarização da História, mas que não constituem regras. A análise dos discursos dos presidentes da AHA demonstra muito claramente que nenhum ponto representou consenso entre os historiadores por estes possuírem concepções muito diversas sobre o seu campo. Neste sentido, é complicado fazer generalizações sobre as “bases epistemológicas”, além de afirmar que existiram tendências teóricas, mas dentro dessas tendências, a História foi, como ainda hoje o é, disputada com unhas e dentes. Sintoma disso foi o surgimento da Nova História, ainda no período de constituição disciplinar, trazendo sugestões para diversos pontos que a geração considerava de fragilidade da História Científica, e que, como é de se imaginar, acarretou ainda mais agitação entre os historiadores.

2.1.4. A Nova História

Nem todos os historiadores profissionais do período anterior à Primeira Guerra aceitaram a ortodoxia científica. Nestes anos, várias novas tendências surgiram na profissão histórica. Alguns historiadores defenderam a ampliação de seu escopo para incluir aspectos sociais, econômicos e intelectuais, bem como políticos e constitucionais, como teremos a oportunidade de ver nos discursos dos presidentes da American Historical Association. Além disso, houve um movimento de questionamento da separação total entre História e Ciências Sociais. Algumas heterodoxias ideológicas bastante suaves emergiram.

A Nova História, afirma Higham, surgiu como um espírito de ataque à geração anterior, mas que, ao olharmos retrospectivamente, é possível perceber claramente que este ataque teve um caráter superficial, “*The dissenters were so largely a product of the orthodoxy they wanted*

²⁴⁶ “Tanto o método quanto o conteúdo da história científica subordinaram os indivíduos à instituição. Ela substituiu a obstinação e a subjetividade do romantismo por um senso de progresso regular e uniforme.”, HIGHAM, John. History... op. cit. p.96

to change that they did not realize how much they accepted its basic principles".²⁴⁷ Esse movimento foi uma tentativa de resposta às críticas à ortodoxia científica vindas tanto do público leigo quanto dos cientistas sociais, que percebiam um declínio da consciência histórica na cultura americana e um isolamento dos profissionais da esfera pública.²⁴⁸ O primeiro grupo acusava a História disciplinada de ser ilegível, uma vez que o vocabulário científico comprometia a qualidade literária dos textos históricos; o segundo, questionava sua cientificidade pela incapacidade que os historiadores vinham tendo até então em encontrar regularidades ou leis na História, já que insistiam em apegar-se às singularidades dos fatos.²⁴⁹ Além disso, as ciências sociais concentravam-se em questões contemporâneas, representando uma relevância social. A História era criticada pelo seu isolamento das questões pungentes, já que o passado era estudado por ele mesmo.²⁵⁰

Com relação à primeira crítica, alguns historiadores buscaram encontrar soluções para o problema da maneira como os resultados das pesquisas eram narrados. Entre eles, esteve Theodore Roosevelt, que, em seu discurso presidencial na AHA em 1912, afirmou que a História, por mais que tenha como base de pesquisa métodos científicos, é também literatura.²⁵¹ Esta percepção demonstra a "leveza" dessa "insurgência": a escrita da História é percebida como mera questão de estilo, tendo sua natureza científica garantida. Há, aqui, uma separação entre método de investigação e método de apresentação, onde a deficiência se encontraria apenas na forma, "*No one in the historical profession suggested that art arises from an organic fusion of manner and matter, and that great history does also in special way of its own*".²⁵²

A segunda crítica gerou mais desconforto entre os profissionais, colocando muitos historiadores em uma postura defensiva, sendo comum a argumentação de que o objetivo da História seria o de encontrar a verdade dos fatos, sendo as interpretações e sínteses objeto dos filósofos.²⁵³ Mas alguns historiadores acolheram as críticas, iniciando um movimento leve de reforma. Uma tentativa de resposta à crítica sobre a abstenção da História com relação às questões do presente foi o que ficou conhecido pejorativamente como "presentismo", onde há

²⁴⁷ "Os dissidentes eram tão amplamente um produto da ortodoxia que eles queriam mudar, que eles não perceberam o quanto aceitavam seus princípios básicos", Idem, *ibidem*, p.104

²⁴⁸ Idem, *ibidem*, p.104

²⁴⁹ MOURA, Gerson. *História de uma História...* op. cit. p.20

²⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 21

²⁵¹ ROOSEVELT, Theodore. History as Literature. In.: *The American Historical Review*, Vol. 18, No. 3 (Apr., 1913), pp. 473-489

²⁵² "Ninguém na profissão histórica sugeriu que a arte emerge de uma fusão orgânica entre estilo e conteúdo, e que, uma grande história, também o faz em sua própria maneira especial", HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.106

²⁵³ Idem, *ibidem*, p.108

uma deliberada subordinação do passado ao presente, com seleção e ênfase de aspectos do passado mais relevantes às questões pungentes.²⁵⁴ Isso fica evidente no texto de James Harvey Robinson, intitulado “*The New History*”, publicado em meio a esse movimento intelectual, onde afirma que a História nada mais é do que as experiências do ser humano, cujos usos são os mesmo que fazemos das nossas histórias individuais:

*We instinctively adjust our recollections to our immediate needs and aspirations and ask from the past light on the particular problems that face us. Just as our individual history is thus not immutable but owes its value to its adaptability, so with the history of mankind. [...] History is then not fixed and reducible, to outlines and formulas but it is ever alive and ever changing, and it will, if we but permit it, illuminate and explain our lives as nothing else can do. For our lives, are made up almost altogether of the past and each age should be free to select from the annals of the past those matters which have a bearing on the matter sit has specially at hart.*²⁵⁵

Além da preocupação com questões contemporâneas, alguns historiadores buscaram uma aproximação a outras disciplinas, o que ficará mais evidente nos discursos analisados mais adiante, onde há um clamor de alguns por uma aproximação com as “ciências irmãs”. Também surgiram chamados para novos olhares sobre o passado, valorizando aspectos sociais, econômicos, culturais, etc., com o fim de ir além da tradicional história política e militar: “[...] A ‘nova história’ propunha-se a ampliar ao máximo o escopo da atividade histórica. Os evolucionistas ortodoxos, com sua obsessão institucionalista, tinham se limitado às dimensões políticas (ou político-jurista), diplomáticas e militares, mas a ‘nova história’ incluía ‘cada traço e vestígio de tudo o que o homem fez ou pensou desde que ele apareceu sobre a terra’.”²⁵⁶

Os novos historiadores corresponderam a uma minoria dentro da comunidade histórica, mas eles não ficaram marginalizados na profissão. No começo da Primeira Guerra, James Harvey Robinson e Carl Becker, que assim como Turner, foram expoentes da Nova História, estiveram no conselho editorial da *American Historical Review*, “*and, in the political jargon of a later day, they ‘had momentum.’ They were certainly attractive to many in the new generation of graduate students, who, before too many years had passed, would become leaders of the*

²⁵⁴ Idem, *ibidem*, p.111

²⁵⁵ “Instintivamente, ajustamos nossas lembranças às nossas necessidades e aspirações imediatas e questionamos, a partir do passado, sobre os problemas específicos que enfrentamos. Assim como nossa história individual não é imutável, mas deve seu valor à sua adaptabilidade é a história da humanidade. [...] A história não é, então, fixa e redutível, aos contornos e fórmulas, mas está sempre viva e está sempre mudando e, se permitirmos, iluminará e explicará nossas vidas como nada mais pode fazer. Nossas vidas são feitas quase completamente do passado, e cada época deve ser livre para selecionar, nos anais do passado, aquelas questões que têm relação com o assunto.”, ROBINSON, James Harvey. *The New History*. In.: *Proceedings of the American Philosophical Society*, Vol. 50, No. 199 (May - Aug.,1911), p. 189

²⁵⁶ ROBINSON apud MOURA, Gerson. *História de uma História...* op. cit. p.22

profession".²⁵⁷ Além disso, em um curto espaço de tempo, exerceram uma significativa influência na historiografia do país, onde, nos anos que se seguiram ao princípio do movimento, houve um crescimento em pesquisas preocupadas com o cotidiano das pessoas comuns.²⁵⁸

Novick caracterizou este movimento como uma "sutil insurgência", uma vez que nenhum dos movimentos de mudança anteriores à Primeira Guerra desafiou diretamente a norma predominante de objetividade. Higham afirma que os novos historiadores aceitaram o mesmo conceito de objetividade dos historiadores científicos do século XIX. Para eles, os interesses do presente determinariam os aspectos do passado que mereceriam atenção, mas os fatos objetivos descobertos pelos pesquisadores seria o que determinaria as conclusões. Neste sentido, não houve uma tentativa de emancipação da História com relação à ciência, pelo contrário, a Nova História constitui uma tentativa dos historiadores de impedir o repúdio da ciência à História,²⁵⁹ e isso fica evidente no texto já citado de Robinson:

The kind of history, accordingly, the practical value of which we shall attempt roughly to estimate, an which for convenience sake we may call the 'new' history, is scientific in its methods, exacting in regard to the influences it makes from its material; it rejects supernatural explanations and an anthropocentric conception of the universe; it studies by preference the normal and long enduring rather than the lower animals, many of whose psychological traits he shares; it recognize that man has lived on the earth for not merely five thousand but perhaps for five hundred thousand years; it avails itself, when fully abreast of the time, of all the suggestions and criticism that are constantly being contributed by the newly development sciences of anthropology, comparative, social and functional psychology, comparative religion, etc. So much for the attitude of mind of the modern historian who realizes the changes which have overtaken his subject during the past fifty or sixty years.²⁶⁰

As questões levantadas pelos novos historiadores, por mais que não tenham abalado as estruturas da disciplina, serviram de base ao "Relativismo Histórico" que surgiu após a Primeira Guerra Mundial, no esteio do impacto social do conflito, onde o pessimismo resultado da guerra

²⁵⁷ "E, no jargão político posterior, eles 'tiveram *momentum*'. Eles certamente eram atraentes para muitos na nova geração de estudantes de pós-graduação, que, não muitos anos depois, se tornariam os líderes da profissão", NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.107

²⁵⁸ SORENSON, Loyed R. Historical Currents in America. In.: *American Quarterly*, Vol. 7, No. 3 (Autumn, 1955), p. 242

²⁵⁹ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.108

²⁶⁰ "O tipo de história adequado, cujo valor prático devemos tentar estimar e que, por conveniência, podemos chamar de "nova" história, é científico em seus métodos, exigente em relação às deduções que faz a partir de seu material; rejeita explicações sobrenaturais e uma concepção antropocêntrica do universo; estuda, de preferência, os animais normais e duradouros, em vez dos inferiores, muitos dos quais compartilham traços psicológicos; reconhece que o homem viveu na Terra não apenas por cinco mil anos, mas talvez por quinhentos mil anos; ela se vale, quando totalmente a par do tempo, de todas as sugestões e críticas que são contribuições constantemente das ciências recém desenvolvidas da antropologia, psicologia comparativa, social e funcional, religião comparada, etc. Em grande parte pela atitude mental do historiador moderno, que percebe as mudanças pelas quais sua área passou durante os últimos cinquenta ou sessenta anos.", ROBINSON, James Harvey. *The New History...* op. cit. p.187

e a desconfiança com relação ao governo, colocaram em questão a crença no progresso e na possibilidade de objetividade do conhecimento histórico.²⁶¹ Partindo da teoria da relatividade de Albert Einstein, historiadores como James Harvey Robinson, Carl Becker e Charles Beard, todos presidentes da AHA em período posterior ao do recorte temporal da pesquisa, colocaram em questão a objetividade do conhecimento, “apontando para a natureza subjetiva da seleção e organização de fatos [como sendo] inexoravelmente intrínseca ao trabalho do historiador, e que, assim sendo, o conhecimento histórico [seria] sempre relativo ao ponto de vista do sujeito cognoscente”.²⁶²

*

Desde os primeiros anos da disciplinarização, regras regulando a prática dos historiadores foram estabelecidas a partir do modelo do que se fazia nas ciências naturais, como o afastamento da Literatura, o compromisso com a verdade e a valorização da objetividade. Mas, como vimos no caso da Nova História, que Peter Novick chamou de “gentil insurgência”, essas regras, por mais largamente reconhecidas que fossem, sofreram críticas e foram alvo de múltiplas interpretações por parte dos historiadores nas primeiras gerações da disciplinarização.

No subcapítulo seguinte, a partir do exame dos discursos apresentados na AHA, perceberemos com clareza a diversidade de percepções entre os presidentes sobre o campo nos primeiros anos da disciplinarização. Vale lembrar que, nesses anos, grande parte dos presidentes não era historiador profissional. Isso mudaria somente em 1907, após a gestão de John F. Jameson. Entre o grupo que ocupou o cargo por mais de vinte anos, estiveram políticos, diplomatas, advogados, historiadores amadores, biógrafos, arquivistas e bibliotecários, o que ficará evidente nas diferentes demandas que traziam para a disciplina. Esta diversidade acabou por se refletir nos discursos proferidos, fazendo com que boa parte dos textos acabasse por constituir um manifesto pelo estudo de alguma temática até então negligenciada, por algum campo de estudos como sendo o mais privilegiado para se compreender o desenvolvimento histórico, ou, como foi comum nos primeiros anos, pelo desenvolvimento técnico para a continuidade da profissionalização.

²⁶¹ DECCA, Edgar & DECCA, Mauro. Carl Becker. In: *Lições de História*: (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013, p.35

²⁶² GONÇALVES, Sérgio Campos. Charles Beard. In: *Lições de História* (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013, p.330

2.2. Discursos dos presidentes da American Historical Association

2.2.1. Discurso como manifesto

Analisando alguns dos discursos dos primeiros presidentes, notamos a recorrência de um clamor pela continuidade dos processos de profissionalização e disciplinarização da História, havendo uma ênfase no atraso dos Estados Unidos em relação a países europeus no desenvolvimento do campo. Para isso, alguns presidentes usaram seu espaço para falar da importância de se desenvolver os meios para as pesquisas, em especial, a gestão de documentos.

Justin Winsor²⁶³, presidente da associação entre os anos de 1886 e 1887, em seu discurso “*Manuscript Sources of American History: The Conspicuous Collections Extant*”, afirma que, até então, os documentos para pesquisas históricas vinham sendo extremamente mal geridos nos Estados Unidos. Fala especialmente dos documentos que permitiriam pesquisas sobre a Revolução Americana, onde grande parte acabou se perdendo por negligência ou acidentes. Assim, grande parte dos manuscritos que foram preservados e utilizados em pesquisas acabou ficando sob os cuidados de mãos privadas, não havendo um esforço governamental em viabilizar, através da gestão dos documentos, materiais para pesquisas históricas no país.²⁶⁴ Winsor propõe como método de preservação a criação de uma Comissão de Manuscritos, como a existente na Inglaterra, para que os historiadores pudessem ter acesso às fontes:

*I would suggest, in closing, a method for the better preserving and making known what there is still left to us of the historical manuscripts of the country, not in places easily accessible to the student. My purpose must be obvious to all of you who have watched the progress of the work, as evinced in their successive reports, done by the Historical Manuscripts Commission in England; and I need hardly at this time detail their method and results; but I cannot resist the conviction that our Historical Association could do no better deed than to convince the National Legislature that something analogous, with such changes in method and organization as the conditions of this country suggest, should be undertaken before it is too late, and I shall be glad if some discussion to that end may be entered upon.*²⁶⁵

²⁶³ Justin Winsor (1831 Boston, Massachusetts – 1897), veio de uma família tradicionalmente envolvida em negócios de construção naval. Winsor foi escritor, historiador e bibliotecário, tendo sido um dos criadores desta última profissão.

²⁶⁴ O relatório de atividades da associação do ano de 1888 não foi encontrado, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde os textos não são paginados. WINSOR, Justin. *Manuscript Sources of American History: The Conspicuous Collections Extant*. 1888.

²⁶⁵ “Eu sugeriria, para encerrar, um método para melhor preservar e dar a conhecer o que ainda nos resta dos manuscritos históricos do país, longe de lugares facilmente acessíveis ao estudante. Meu propósito deve ser óbvio a todos vocês que viram o progresso do trabalho feito pela Comissão de Manuscritos Históricos na Inglaterra, como evidenciado em seus relatórios sucessivos; e eu dificilmente preciso, neste momento, detalhar o seu método e resultados; mas não posso resistir à convicção de que nossa Associação Histórica não poderia agir melhor do que convencer a Assembleia Legislativa Nacional de que algo análogo, com mudanças de método e organização como

Outro discurso que também fez um chamado à preservação de documentos foi o de Willaim F. Poole²⁶⁶, que presidiu a associação no ano seguinte, em 1887. Na época, Poole era bibliotecário e bibliógrafo na Biblioteca Pública de Chicago. Em seu discurso, afirmou que o objetivo principal do estudante de História seria o de averiguar a verdade, expressando-a de forma clara, e que a história dos Estados Unidos ainda não aparece nesses moldes nos grandes tratados de história de seu país, estando apenas em monografias e publicações de sociedades históricas.²⁶⁷ O historiador chama a atenção à necessidade de se pesquisar questões relacionadas à história do Noroeste, e afirma, como no discurso de Winsor, que os documentos sob o domínio eram mal geridos e estavam fora do alcance de estudantes de História. As fontes presentes no Departamento de Estado poderiam lançar luz à história do Noroeste, mas a má preservação e gestão desse material impediria o acesso de estudantes:

*In the Department of State are many collections of public and private papers which would throw much light on Northwestern history, and that of the whole country, if they were made accessible to historical students. Among these are the papers of the old Continental Congress, the Washington, Franklin, Hamilton, Jefferson, Madison, and Monroe papers. Several of these collections have been bought by the government at a large cost. They are not generally arranged nor indexed. Some of the manuscripts are decaying, and are so faded as to be almost illegible.*²⁶⁸

Poole sugere a utilização de documentos que estão no Canadá, país em que a gestão era feita de maneira louvável, e faz um chamado para que o governo americano se inspirasse nas práticas de seu vizinho no trato de fontes históricas: *“The Canadian government has been at the expense of copying, arranging, and printing a calendared list of them for the use of historical students. Our government, when it has made suitable provision for its own archives, should show a similar enterprise, copy them, and print those which relate to the United*

as condições deste país sugerem, deve ser feito antes que seja tarde demais, e ficarei contente se alguma discussão para esse fim puder ser feita.”, Idem, ibidem,

²⁶⁶ William F. Poole (1821 Salem, Massachusetts – 1894) publicou livros de história, mas sua principal atuação foi como bibliotecário e bibliógrafo, tendo sido pioneiro no movimento em favor das bibliotecas públicas e na catalogação de coleções. Além de presidente da AHA, também foi presidente da American Library Association entre 1885 e 1887.

²⁶⁷ POOLE. William F. *The Early Northwest*. New York, The Kineckerbocker Press, 1889, p.3-4

²⁶⁸ “No Departamento de Estado há muitas coleções de jornais públicos e privados que lançariam muita luz sobre a história do Noroeste, e a de todo o país, se fossem acessíveis aos estudantes de história. Entre eles estão os documentos do antigo Congresso Continental, os textos de Washington, Franklin, Hamilton, Jefferson, Madison e Monroe. Várias dessas coleções foram compradas pelo governo a um grande custo. Eles geralmente não são organizados nem indexados. Alguns dos manuscritos estão apodrecendo, e estão tão desbotados, que são quase ilegíveis”, Idem, ibidem, p.23

States.”²⁶⁹ Neste sentido, o bibliotecário fala da necessidade de criação de um Departamento de Arquivos pelo governo para que os estudantes não precisassem mais fazer uso de materiais privados em suas pesquisas, “*A great government like ours should not require the students of its own history to supply themselves with this material at private expense. Something of the enterprise of the Canadian government should animate the Congress of the United States in the establishment and support of a “Department of Archives” which will be worthy of this Nation.*”²⁷⁰

O atraso dos Estados Unidos no que se refere ao estudo da História é também enfatizado por Charles Kendall Adams²⁷¹ em “*Recent Historical Work in the Colleges and Universities of Europe and America*”, proferido em 1889. O historiador fala sobre o desenvolvimento dos estudos históricos nos Estados Unidos e em países da Europa, com a finalidade de demonstrar que, comparado aos avanços ocorridos no Velho Mundo, os americanos não têm motivos para sentir orgulho de sua produção, “*We shall see, however, before the end of our survey, that when we compare ourselves with others, we have no occasion for historical vanity.*”²⁷² Adams sugere, como meio para o avanço da área, publicações nas universidades que permitam a difusão as pesquisas feitas no país:

*“But I cannot turn from this part of my subject without indicating my judgment that the most important need of advanced historical instruction in this country at the present time is in each great educational center such a publication fund as will enable the university to give to the world in academic form the results of thorough and advanced research.”*²⁷³

²⁶⁹ “O governo canadense tem gasto copiando, organizando e imprimindo listas catalogadas para o uso de estudantes de história. Nosso governo, quando tiver a provisão adequada para os seus próprios arquivos, deve fazer algo similar, fazer cópias e publicar os documentos relacionados aos Estados Unidos.”, Idem, ibidem, p.21

²⁷⁰ “Um grande governo como o nosso não deveria exigir que os estudantes de sua própria história gastem com material privado. A iniciativa do governo canadense deve animar o Congresso dos Estados Unidos no estabelecimento e apoio de um ‘Departamento de Arquivos’, que será digno desta Nação.”, Idem, ibidem, p.26

²⁷¹ Charles Kendall Adams (1835 Derby, Vermont – 1902), foi historiador e professor de história, tendo estudado na França, Itália e Alemanha, deste último país, trouxe o método de seminário que adotaria em suas aulas. Adams foi o segundo reitor da Cornell University entre 1885 e 1892 e da University of Wisconsin entre 1893 e 1901.

²⁷² “Veremos, no entanto, antes do final desta avaliação, que quando nos comparamos com os outros, não temos motivo para a vaidade histórica”, ADAMS, Charles Kendall. *Recent Historical Work in the Colleges and Universities of Europe and America*. In *Papers of the American Historical Association*, vol. IV, no. 1 (1890), p.19

²⁷³ “Mas eu não posso mudar de assunto sem mostrar o meu julgamento de que a principal necessidade do estudo histórico avançado neste país, no momento atual, é a de um fundo para publicações em cada grande centro educacional, que permitirá à universidade dar ao mundo, em forma acadêmica, os resultados das minuciosas e avançadas pesquisas”, Idem, ibidem, p.26

John Jay²⁷⁴ também enfatiza o atraso dos Estados Unidos em seu discurso em 1890, afirmando que o atraso não está somente nas pesquisas, mas também no ensino de História, que percebe como essencial para a construção de uma cidadania americana e americanização de seus cidadãos, “*America, we are told, is still far behind Europe in the study of history, and Professor Emerson, of Harvard, declares that “history has been taught very badly in America, or rather, to be honest, it has hardly been taught at all”*”.²⁷⁵

Quando observados os discursos desses presidentes, não estranhamos que eles tenham sido proferidos ainda na primeira década de funcionamento da AHA, momento em que não apenas a associação estava se estabelecendo, mas a profissão de maneira geral, de forma que fica evidente que a grande preocupação entre os membros da associação naquele momento era a de garantir as estruturas necessárias para o que o empreendimento histórico pudesse ser levado adiante. Além destes chamados à continuidade da profissionalização, também foi bastante recorrente a utilização do espaço de fala para a defesa de algum campo de pesquisa. Duas justificativas apareceram com recorrência: a de representar uma alternativa à história política e militar e a da possibilidade de uma visão mais ampla sobre os diversos aspectos da sociedade. A primeira foi mais comum no período de surgimento da Nova História.

James B. Angell²⁷⁶ no discurso “*The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians*”, proferido em 1893, defendeu que mais atenção fosse dispensada à história diplomática, que vinha sendo extremamente negligenciada pelos historiadores por darem mais valor aos conflitos do que às negociações.

[...] *even when the results of negotiations are given with some fullness and estimated with justice, for the most part little or none of the credit which is due is given to the men who have brought the negotiations to a successful issue. Generally not even their names are mentioned. The consequence is that no class of public*

²⁷⁴ John Jay (1817 New York City, New York– 1894), foi um advogado que atuou ativamente no movimento anti-escravista. Além disso, participou da fundação do Partido Republicano e foi diplomata na Áustria-Hungria entre 1869-1875. John Jay era neto de John Jay, um dos “Pais Fundadores” dos Estados Unidos. Este discurso será melhor analisado na seção seguinte que tratará das percepções dos presidentes sobre o conhecimento histórico, sua natureza e função social, uma vez que ele constitui um chamado ao ensino de história para a construção de uma nacionalidade americana.

²⁷⁵ “Dizem que a América ainda está muito atrás da Europa no estudo da história, e o professor Emerson, de Harvard, declara que ‘a história tem sido ensinada muito mal nos Estados Unidos, ou melhor, para ser honesto, quase não foi ensinada.’”, O relatório de atividades da associação do ano de 1890 não foi encontrado, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde os textos não são paginados, JAY, John. *The Demand for Education in American History*. 1890

²⁷⁶ James Burrill Angell (1830 Scituate, Rhode Island – 1916), foi diplomata, com missões na China e Turquia, professor e reitor na University of Michigan entre 1871 e 1909. Era membro de uma tradicional família de Rhode Island.

*servants of equal merit is so inadequately appreciated even by those who are pretty well read in history.*²⁷⁷

Além disso, afirma haver uma cultura onde os grandes militares são reconhecidos e os diplomatas, que são quem de fato resolvem os conflitos, não têm nem ao menos seus nomes lembrados,

*Our very school children are so taught that the names of great generals, Wallenstein and Tilley, Marlborough and Prince Eugene, Turenne and Condé, Washington and Greene, are familiar to them. But if you will try a simple experiment, as I have done several times, upon persons of cultivation, I venture the guess that you will find that scholars of considerable familiarity with European history can not tell and can not say that they have ever known who were the principal negotiators of the Peace of Westphalia, or of treaties of such historical importance as those of Nimeguen, Ryswick, Utrecht, or Paris of 1763, or Paris of 1856.*²⁷⁸

Para Angell, seria dever dos historiadores chamarem a atenção do público leitor para as negociações, uma vez que ele está mais interessado nas guerras porque instigam a imaginação.²⁷⁹ Sendo assim, os historiadores possuiriam o importante papel social de valorizar as negociações, demonstrando que muitos conflitos foram impedidos através de meios pacíficos, sendo esta uma melhor maneira de resolver problemas com outros países do que a guerra: *“Let history do what she can to: perpetuate the fraternal relations of nations by glorifying the council chamber and the arbitrator at least as much as the field of battle and the warrior.”*²⁸⁰

Em 1905, John B. McMaster²⁸¹, em *“Old Standards of Public Morals”* afirma que, nas décadas anteriores, havia tido um aumento na produção de trabalhos históricos, mas que eram,

²⁷⁷ “[...] Mesmo quando os resultados das negociações são dados com plenitude e considerados com justiça, em grande parte, pouco ou nenhum crédito é dado aos homens que levaram as negociações ao sucesso. Geralmente nem mesmo seus nomes são mencionados. A consequência é que nenhuma classe de servidores públicos de igual mérito é tão inadequadamente apreciada, até mesmo por aqueles que conhecem a história.”, ANGELL, James Burrill. *The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians*. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1893, p.16

²⁷⁸ “Nossas crianças na escola são tão instruídas sobre os nomes dos grandes generais, Wallenstein e Tilley, Marlborough e Prince Eugene, Turenne e Condé, Washington e Greene, que são familiares a eles. Mas se vocês tentarem um teste simples, como eu fiz várias vezes, sobre pessoas de cultura, eu arrisco o palpite de que vocês descobrirão que eruditos de considerável familiaridade com a história europeia não podem dizer que sequer sabem quem foram os principais negociadores da Paz da Vestefália, ou de tratados de importância histórica como os de Nimeguen, Ryswick, Utrecht ou Paris de 1763, ou Paris de 1856”, Idem, *ibidem*, p.16

²⁷⁹ Idem, *ibidem*, p.21

²⁸⁰ “Que a história faça o que puder para perpetuar as relações fraternas das nações, glorificando o conselho de câmara e o mediador, pelo menos tanto quanto o campo de batalha e o guerreiro”, Idem, *ibidem*, p.23

²⁸¹ John Bach McMaster (1852 Brooklyn, New York – 1932), provindo de família rica, onde seu pai era banqueiro e dono de plantação em New Orleans, trabalhou como engenheiro civil entre 1873 e 1877 e instrutor de Engenharia Civil na Princeton University entre 1877 e 1883. Em 1883, tornou-se professor de história americana na University

em grande parte, repetições do que já havia sido dito, tendo como única finalidade o comércio de livros, e não contribuir para o avanço do conhecimento histórico.²⁸² Em seu discurso, McMaster fez um convite ao estudo da moral pública, uma vez que muito já havia sido produzido sobre história política e militar e muito pouco sobre a história do povo, assim, a utilização desse viés, possibilitaria a compreensão de condições sociais e políticas de uma época:

*Such a work would indeed be an addition to our historical literature, and not the least interesting part of it would be that devoted to the study of public morals. The code of public morality which has at any time really been lived up to, in our country, is a great help to the understanding of the social and political conditions of that time. The sort of men who find their way into public life; the kind of government which prevails at any time or in any place; the acts done by Congresses, legislatures, city councils, municipal bodies of any sort, are just such as the mass of the people are content to have and often insist on having. What has been the conduct of the people when called on to meet great issues, where expediency, profit, prosperity stood on the one hand, and some principle of public morality on the other hand, is therefore very properly a part of our history, and sheds a flood of light on the phases of life which it is the duty of the historian to record.*²⁸³

Outros dois discursos seguem o de McMaster em seu caráter de “manifesto” em defesa de um campo de estudos, ambos defendendo a história religiosa como ponto de vista privilegiado para a compreensão dos mais variados aspectos da vida social dos americanos. O primeiro foi proferido por Simeon E. Baldwin²⁸⁴, “*Religion Still the Key to History*” que, como o título sugere, argumenta que a História deve levar em consideração não apenas os eventos objetivos, mas as forças psicológicas que motivam as ações humanas, sendo a religião, a principal força:

*Lamprecht tells us that history is ‘an sich nichts als angewandte Psychologie’.
To this extent certainly the epigram rings true that history can never neglect to take*

of Pennsylvania, publicando diversos livros sobre a história de seu país, sendo a obra de oito volumes “*History of the People of the United States from the Revolution to the Civil War*” considerada o seu mais importante trabalho.

²⁸² MCMMASTER, John Bach. Old Standards of Public Morals. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1905, p.57

²⁸³ “Tal trabalho seria de fato um acréscimo à nossa literatura histórica, e parte não menos interessante seria devotada ao estudo da moral pública. O código de moralidade pública que em qualquer momento foi realmente vivido, em nosso país, é de grande ajuda para a compreensão das condições sociais e políticas de uma época. O tipo de homem que encontra seu caminho na vida pública; o tipo de governo que prevalece em qualquer momento ou em qualquer lugar; os atos feitos por congressos, legislaturas, conselhos municipais, órgãos municipais de qualquer tipo, são exatamente o que a massa do povo se contenta em ter e muitas vezes, insiste em ter. Qual tem sido a conduta das pessoas quando convocadas a enfrentar grandes questões, onde conveniência, lucro e prosperidade, por um lado, e algum princípio de moralidade pública, por outro lado, é, portanto, muito apropriadamente uma parte de nossa história, e lança uma enxurrada de luz sobre as fases da vida que é o dever do historiador registrar.”, Idem, *ibidem*, p.58

²⁸⁴ Simeon E. Baldwin (1840 New Haven, Connecticut – 1927), foi jurista e governador em Connecticut entre 1911 e 1915. Além disso, foi professor na Faculdade de Direito de Yale entre 1869 e 1919. Além de presidente da AHA, foi presidente da American Bar Association, associação de advogados que ajudou a fundar.

*into account whatever psychological forces move peoples or actuate leaders of peoples. Such a force has always been found, is still found, in religion. It is one of those—vague, impulsive, constant in play, inconstant in intensity—which deny to the historical student the power of scientific prediction.*²⁸⁵

O outro discurso é de John F. Jameson²⁸⁶, proferido em 1907, “*The American Acta Sanctorum*”. Jameson fez coro a Baldwin ao afirmar que a história religiosa seria o melhor meio para conhecer o caráter americano e sua história social, além de ser uma alternativa à história política e militar.²⁸⁷ O historiador demonstra a riqueza encontrada nos Acta Sanctorum medievais, que vinham possibilitando aos historiadores descobrirem aspectos da vida secular do período medieval, uma vez que esses materiais diziam muito sobre a geografia das regiões, sobre os costumes, sobre as doenças e construção dos Estados.²⁸⁸ De igual forma, sobre os “santos protestantes” americanos também houve produção desse tipo de documento, com algumas diferenças em forma e caráter. Como no caso europeu, esses “santos” também se envolveram em assuntos públicos, lançando luz a movimentos seculares, como o movimento antiescravagista; também viajaram pelo território do país, possibilitando visões sobre geografias regionais; além disso, permitiam que se conhecesse um pouco mais sobre comunidades isoladas.²⁸⁹

As narrativas de vidas de santos seriam as fontes mais ricas ao historiador que buscasse compreender mais amplamente a vida social americana, já que permitiriam uma visão dos americanos de todas as classes, períodos e regiões, diferentemente de outras fontes, como a literatura e a música:

He who would understand the American of past and present times, and to that end would provide himself with data representing all classes, all periods, and all regions, may find in the history of American religion the closest approach to the continuous record he desires. Not that all or even most Americans have been

²⁸⁵ “Lamprecht nos fala que a história é ‘*an sich nichts als angewandte Psychologie*’. Até certo ponto, certamente, o epigrama de que a história nunca deve deixar de levar em consideração quaisquer forças psicológicas que movam povos ou atuem como líderes de povos, é correto. Tal força sempre foi encontrada, e ainda o é, na religião. É uma daquelas - vaga, impulsiva, constante em jogo, inconstante em intensidade - que nega ao estudante histórico o poder da previsão científica.”, Não foi encontrado o relatório de atividades da associação deste ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado, BALDWIN, Simeon E. *Religion Still the Key to History*. 1906.

²⁸⁶ John Franklin Jameson (1859 Somerville, Massachusetts – 1937), foi o primeiro a obter o título de doutor em História nos Estados Unidos pela Johns Hopkins University em 1882. Jameson teve um papel essencial na construção das estruturas profissionais da história disciplinada: foi um dos fundadores da AHA, presidiu a Historical Manuscripts Commission em 1885, foi editor-chefe da *American Historical Review* e diretor do Departamento de Pesquisa Histórica da Carnegie Institution em Washington entre 1905 e 1928.

²⁸⁷ JAMESON, John Franklin. *The American Acta Sanctorum*. In. *The American Historical Review*, Vol. 13, No. 2 (Jan., 1908), p.297

²⁸⁸ Idem, *ibidem*, p.286-288

²⁸⁹ Idem, *ibidem*, p.292-293

*religious, but there have been religious men and women in every class, every period, every subdivision of America, and multitudes of them have left individual or collective records of their thoughts and ways and feelings. Millions have felt an interest in religion where thousands have felt an interest in literature or philosophy, in music or art. Millions have known little of any book save one, and that one the most interesting of religious books, the most influential, the most powerful to mould and transform.*²⁹⁰

Podemos notar nestes últimos discursos que propõem outros vieses para se olhar a história americana, uma influência da Nova História, que, como mencionado anteriormente, fazia um chamado ao estudo do passado considerando outros atores e fatores do desenvolvimento social. Desta maneira, as histórias políticas e militares não eram deslegitimadas, mas sim, consideradas insuficientes para dar conta da complexidade dos fenômenos sociais. Além disso, a antiga abordagem, de maneira quase que automática, acabava por destacar a ação dos grandes homens como produtora das ações relevantes, excluindo da História a ampla parte da população: as pessoas comuns.

2.2.2. Natureza do conhecimento histórico

Uma das questões mais instigantes sobre o conhecimento histórico, que atormenta os historiadores de todas as gerações, do século XIX até os dias atuais, é a da natureza do conhecimento histórico. Seria ou não a História uma ciência? Se sim, qual seria a chave para o seu desenvolvimento? Quais seriam as leis que a regem? Se não, seria então um ramo da literatura? Essas indagações fizeram-se presentes nos discursos dos primeiros presidentes da American Historical Association, tendo sido motivo de embate desde os primeiros dias da associação, mesmo no período considerado de predominância da História Científica, no final do século XIX, demonstrando que mesmo ali, quando se considerava existir um campo homogêneo, não havia consenso.

Veremos que vozes afirmando não ser a História uma ciência foram destoantes, uma vez que, nesses primeiros anos de disciplinarização, a cientificidade era aceita pela maioria dos historiadores. Outros aspectos serão pontos menos pacíficos e alvo de maior disputa, como a

²⁹⁰ “Aquele que quiser entender a América do passado e do presente, e para esse fim se prover com dados que representem todas as classes, todos os períodos e todas as regiões, encontrará na história da religiosidade americana a abordagem mais aproximada para os registros contínuos que deseja. Nem todos os americanos tem sido religiosos, mas houve homens e mulheres religiosos em todas as classes, todos os períodos, todas as subdivisões da América, e multidões deles deixaram registros individuais ou coletivos de seus pensamentos e sentimentos. Milhões tiveram interesse em religião, enquanto milhares se interessaram por literatura ou filosofia, em música ou arte. Milhões têm um dos livros mais interessantes entre livros, o mais influente, o mais poderoso para moldar e transformar.”, Idem, *ibidem*, p.298-299

questão da função da História, dos fatores que determinam o desenvolvimento histórico, das maneiras de narrar, da objetividade do conhecimento histórico, sobre o que é, afinal, “verdade”.

Como mencionado acima, os presidentes que puseram em questão a cientificidade da História foram minoria, mas mesmo assim, existiram. Henry Adams²⁹¹, em 1894, no discurso intitulado “*The Tendency of History*”, afirma que os historiadores que presenciaram o grande avanço pelo qual a História passou no período de uma geração não duvidaram de que a tendência da História seria a de se tornar uma ciência dentro de alguns anos, mas o tempo passou, e pouco e o avanço foi pequeno:

*Year after year passed, and little progress has been made. Perhaps the mass of students are more skeptical now than they were thirty years ago of the possibility that such a science can be created. Yet almost every successful historian has been busy with it, adding here a new analysis, a new generalization there; a clear and definite connection where before the rupture of idea was absolute; and, above all, extending the field of study until it shall include all races, all countries, and all times. Like other branches of science, history is now encumbered and hampered by its own mass, but its tendency is always the same, and can not be other than what it is.*²⁹²

A dificuldade em se abandonar a tentativa de criação de uma ciência histórica estaria justamente na dificuldade em se admitir que o ser humano, o mais importante objeto, se encontra fora do alcance da ciência, e por isso mesmo, os historiadores continuam tentando. Até então nenhuma lei histórica foi encontrada, por mais que diversos historiadores acreditassem estar chegando perto:

*Every professor who has tried to teach the doubtful facts which we now call history must have felt that sooner or later he or another would put order the chaos and bright light into darkness. Not so much genius or favor was needed as patience and good luck. The law was certainly there, and as certainly was in places actually visible, to be touched and handled, as though it were a law of chemistry or physics.*²⁹³

²⁹¹ Henry Adams (1838 Boston, Massachusetts – 1918), neto do presidente John Quincy Adams e bisneto do “Pai Fundador” John Adams, foi professor de história medieval em Harvard entre os 1870 e 1877, e após esse período, atuou como jornalista e como historiador, mas fora de uma instituição universitária. Seu trabalho mais conhecido foi a obra de nove volumes “*The History of the United States During the Administrations of Thomas Jefferson and James Madison*” publicada pela primeira vez em 1889.

²⁹² “Ano após ano se passou, e pouco progresso foi feito. Talvez a massa de estudantes esteja hoje mais cética do que há 30 anos sobre a possibilidade de que tal ciência possa ser criada. No entanto, quase todo historiador de sucesso, tem estado ocupado com esse objetivo, acrescentando aqui uma nova análise, uma nova generalização ali; uma conexão clara e definida onde antes havia lacuna; e, acima de tudo, estendendo o campo de estudo até incluir todas as raças, todos os países e todos os tempos. Como outros ramos da ciência, a história está agora sobrecarregada e prejudicada por sua própria massa, mas sua tendência é sempre a mesma, e não pode ser diferente do que é.”, ADAMS, Henry. *The Tendency of History*. In. *Annual Report of the American Historical Association, 1894*, p.17

²⁹³ “Todo professor que tentou ensinar os fatos incertos que hoje chamamos de história deve ter sentido que, mais cedo ou mais auxílio, ele ou outro colocaria ordem no caos e luz na escuridão. Não seria necessário muito talento ou favor quanto paciência e boa sorte. A lei estava certamente lá, e certamente estava em lugares realmente visíveis, a serem tocados e manuseados, como se fosse uma lei de química ou física.”, Idem, *ibidem*, p.18

Mas a questão central de seu discurso não é a piedade que demonstra sentir dos historiadores que sonham com a vitória intelectual de encontrar as leis históricas,²⁹⁴ mas sim, os problemas que a constituição de uma ciência histórica poderiam acarretar. Adams afirma que, até então, a História vem sendo encorajada – ou pelo menos tolerada – por ser percebida pelos governantes e sociedade como sendo inofensiva, uma fonte de divertida instrução, mas questiona qual seria a atitude dessas forças perante uma ciência da História,

*We know what followed Rousseau; what industrial and political struggles have resulted from the teachings of Adam Smith; what a revolution and what vehement opposition has been and still is caused by the ideas of Darwin. Can we imagine any science of history that would not be vastly more violent in its effects than the dissensions roused by anyone or by all three of these great men?*²⁹⁵

Não seria possível haver uma ciência da História sem abalar as estruturas de importantes forças sociais, como a Igreja, o Estado, a Propriedade. A ciência é fixa, estabelece leis, e necessariamente, iria contra os interesses de alguma dessas organizações.

*The church stands first; and at the outset we must assume that the church will not and can not accept any science of history, because science, by its definition, must exclude the idea of a personal and active providence. The state stands next; and the hostility of the state would be assured toward any system or science that might not strengthen its arm. Property is growing more and more timid and looks with extreme jealousy on any new idea that may weaken vested rights. Labor is growing more and more self-confident and looks with contempt on all theories that do not support its own. Yet we can not conceive of a science of history that would not, directly or indirectly, affect all these vast social forces.*²⁹⁶

Além disso, a sociedade fecharia os olhos para as verdades que a história diria ao anunciar os males do mundo; os únicos a ouvir seriam os artistas e os socialistas, e o único resultado

²⁹⁴ “No teacher with a spark of imagination or with an idea of scientific method can have helped dreaming of the immortality that would be achieved by the man who should successfully apply Darwin’s method to the facts of human history.”, “Nenhum professor com uma centelha de imaginação ou com uma ideia de método científico pode evitado sonhar com a imortalidade que seria alcançada pelo homem que conseguisse aplicar com sucesso o método de Darwin aos fatos da história humana.”, Idem, ibidem, p.19

²⁹⁵ “Nós sabemos o que seguiu Rousseau; que batalhas industriais e políticas resultaram dos ensinamentos de Adam Smith; que revolução e que violenta resistência foi, e ainda é, causada pelas ideias de Darwin. Podemos imaginar qualquer ciência da história que não seja muito mais violenta em seus efeitos do que as discórdias levantadas por qualquer um ou pelos três desses grandes homens?” Idem, ibidem, p.19

²⁹⁶ “A igreja vem em primeiro lugar, e, no início, devemos supor que a igreja não aceitará, e não poderá aceitar, qualquer ciência da história, porque a ciência, por sua definição, deve excluir a ideia de uma providência pessoal e ativa. O estado é o próximo, e a hostilidade do estado seria assegurada a qualquer sistema ou ciência que não fortalecesse o seu braço. A propriedade vai ficando cada vez mais contrariada, e olha com ressentimento para qualquer nova ideia que possa enfraquecer seus direitos adquiridos. O trabalho está cada vez mais autoconfiante e olha com desprezo para todas as teorias que não apoiam as suas. No entanto, não podemos conceber uma ciência da história que não afetaria, direta ou indiretamente, todas essas vastas forças sociais.”, Idem, ibidem, p.20

disso seria a anarquia, tanto nas artes quanto na sociedade.²⁹⁷ Assim, Adams faz quase que um apelo à não cientificização da história.

Em 1904, foi a vez de Goldwin Smith²⁹⁸ falar sobre a natureza da História em “*The Treatment of History*”. O historiador argumenta que esta tem como objeto o ser humano, e que este possui vontade, livre-arbítrio, excluindo a possibilidade de se constituir como ciência. Nas ciências, os fenômenos devem estar completos; a História ainda está em desenvolvimento, sendo incerto o desfecho de um processo em andamento. Além disso, a História humana é cheia de acidentes, impedindo que leis sejam formuladas, o que busca demonstrar através do caso de Napoleão: se qualquer coisa tivesse saído diferente do que foi, ele não teria feito as coisas que fez,

Besides, human history is full of accidents baffling to theory as well as to calculation. By the merest accident Napoleon becomes a French citizen. It seems that he had at one time thought of enlisting in the British navy. Had he been shot on the bridge of Lodi or assassinated by Georges Cadoudal, both of which events were perfectly possible, the whole current of history would have been changed. [...] Napoleon, it is true, would not have been what he was or have done what he did without predisposing forces. But the predisposing forces would not have produced the events without Napoleon, whose appearance on the scene, as it could not possibly have been foretold, was, if anything is, a chance. Such instances might be multiplied without number, and they are apparently fatal to the conception and verification of any scientific law.²⁹⁹

Além disso, a ciência permite a previsão, logo, se esta fosse a natureza da História, os eventos seriam previsíveis. Smith fala da possibilidade de uma abordagem filosófica, uma filosofia da história,

The philosophy of history, [...] without affecting the character or claiming the prerogatives of a science, but simply resting on the identity of human nature, traces past effects to their causes and from the continuance or recurrence of the cause predicts a recurrence of the effect. It discloses the interaction and the nature of all the forces and influences of which past history has been the outcome, ranging them in their order and trying to assign to each its part in the product. It frequently takes the form of separate treatises. But no historical work which shows the sequence of events,

²⁹⁷ Idem, ibidem, p.22-23

²⁹⁸ Goldwin Smith (1923 Reading, Berkshire – 1910), foi um historiador e jornalista inglês. Mudou-se para os EUA em 1868, tendo dado aulas de Inglês e história constitucional na Cornell University de 1868 a 1872. Após esse período, mudou-se para Toronto, mas nunca rompeu laços com a universidade americana.

²⁹⁹ “Além disso, a história humana é cheia de acidentes desconcertantes, tanto para a teoria quanto para o cálculo. Por um mero acidente, Napoleão se torna um cidadão francês. Parece que ele havia pensado em se alistar na marinha britânica. Se ele tivesse sido baleado na ponte de Lodi ou assassinado por Georges Cadoudal, - ambos os eventos seriam perfeitamente possíveis -, toda a corrente da história teria mudado. Napoleão, é verdade, não teria sido o que foi ou feito o que fez sem forças predispostas. Mas as forças predispostas não teriam produzido os eventos sem Napoleão, cuja aparição em cena, como não poderia ter sido prognosticada, foi, se é que alguma coisa pode ser, uma oportunidade. Tais exemplos podem ser multiplicados de maneira inúmera, e eles são aparentemente fatais para a concepção e verificação de qualquer lei científica.”, SMITH, Goldwin. *The Treatment of History*. In. *The American Historical Review*, Vol. 10, No. 3 (Apr., 1905), p.69

*nothing in short that is really history and not merely a chronicle, can be without philosophy.*³⁰⁰

Mesmo demonstrando a possibilidade de lidar com a História filosoficamente, o historiador encerra seu discurso sem propor uma resposta à questão.

Dentre os historiadores que foram presidentes da AHA entre 1884 e 1914, pelo menos um afirmou categoricamente o caráter literário da História, mas sem negar sua cientificidade. Presidente da associação em 1912, o ex-presidente americano Theodore Roosevelt³⁰¹ proferiu um discurso intitulado “*History as Literature*”. Em seu texto, afirma que muito se discute sobre a natureza deste conhecimento, e que o problema está no fato de a ciência exigir a exclusividade do campo.³⁰²

Para o historiador, a apresentação das pesquisas em forma escrita não poderia ser puramente emocional, pois isso comprometeria sua veracidade, mas por outro lado, os historiadores vêm sacrificando toda a “cor” de suas narrativas, como se a imaginação fosse incompatível com a verdade.³⁰³ Mas a História também deveria ter poder imaginativo, o que não colocaria necessariamente em risco a exatidão, ao contrário, uma apresentação real só poderia ser feita com imaginação:

*The imaginative power demanded for a great historian is different from that demanded for a great poet; but it is no less marked. Such imaginative power is in no sense incompatible with minute accuracy. On the contrary, very accurate, very real and vivid, presentation of the past, can come only from one in whom the imaginative gift is strong.*³⁰⁴

³⁰⁰ “A filosofia da história, [...] sem afetar o caráter ou reivindicando as prerrogativas de uma ciência, mas simplesmente repousando sobre a identidade da natureza humana, traça efeitos passados para suas causas, e da continuidade ou recorrência da causa, prediz uma recorrência do efeito. Ela revela a interação e a natureza de todas as forças e influências das quais a história passada foi resultado, variando-as em sua ordem e tentando atribuir a cada uma delas sua parte no resultado. Frequentemente, assume a forma de tratados separados. Mas nenhum trabalho histórico que mostre a sequência de eventos, nada em suma que seja realmente história e não apenas uma crônica, pode ser sem filosofia.”, Idem, *ibidem*, p.71

³⁰¹ Theodore Roosevelt (1858 New York City, New York – 1919), foi o primeiro presidente Americano a ser posteriormente presidente da AHA. Formou-se em Harvard, tendo escrito diversos trabalhos de história, entre eles a obra de dois volumes “*The Naval War of 1812*”, de 1882 e a obra de quatro volumes “*The Winning of the West*” publicada entre 1889 e 1896.

³⁰² ROOSEVELT, Theodore. *History as Literature...* op. cit. p.473

³⁰³ Idem, *ibidem*, p.474

³⁰⁴ “O poder imaginativo exigido por um grande historiador é diferente daquele exigido por um grande poeta; mas não é menos evidente. Tal poder imaginativo não é de forma alguma incompatível com a exatidão minuciosa. Pelo contrário, a apresentação do passado, precisa, real e vívida, só pode vir de alguém em quem o dom imaginativo é forte.”, Idem, *ibidem*. p.475

A imprecisão só vem de uma imaginação distorcida, por isso o grande historiador deveria ser mestre na ciência histórica, mas, além da imaginação e dos conhecimentos técnicos, o historiador deveria possuir poder de expressão para devolver à vida o que está morto: *“The greatest literary historian must of necessity be a master of the science of history, a man who has at his finger-tips all the accumulated facts from the treasure-houses of the dead past. But he must also possess the power to marshal what is dead so that before our eyes it lives again.”*³⁰⁵

Para Roosevelt, a utilização da imaginação na escrita da História seria essencial para que esta cumprisse sua função social de construção da cidadania, uma vez que a História só teria utilidade se fosse lida, e ela não seria lida a menos que fosse agradável. Além disso, percebia a educação como tornando-se cada vez mais técnica, para responder às necessidades práticas. A mesma coisa ocorreria com a História, que possui lições puramente práticas para a resolução de problemas sociais e industriais imediatos, mas essas necessidades não deveriam excluir o conhecimento histórico literário:

*[...] if we are wise we will no more permit this practical training to exclude knowledge of that part of literature which is history than of that part of literature which is poetry. Side by side with the need for the perfection of the individual in the technique of his special calling goes the need of broad human sympathy, and the need of lofty and generous emotion in that individual. Only thus can the citizenship of the modern state rise level to the complex modern social needs.*³⁰⁶

Esse conhecimento não seria utilitário, mas inconscientemente didático, possuindo a forma mais elevada de utilidade: *“[...] the power to thrill the souls of men with stories of strength and craft and daring, and to lift them out of their common selves to the heights of high endeavor.”*³⁰⁷

Neste texto de Roosevelt, a preocupação com qualidade da narrativa trazida pela Nova História fica evidente, onde a forma é percebida como importante para que seus trabalhos fossem alcançados por um público mais amplo. Outro aspecto acolhido, é a percepção da

³⁰⁵ “O melhor historiador literário deve necessariamente ser um mestre na ciência da história, um homem que tem na ponta de seus dedos todos os fatos acumulados das tesourarias do passado morto. Mas ele também deve possuir o poder de ordenar o que está morto, para que, diante de nossos olhos, ele viva novamente.”, Idem, ibidem, p.476

³⁰⁶ “[...] se formos sábios, não permitiremos mais que esse treinamento prático exclua o conhecimento daquela parte da literatura que é histórica daquela parte da literatura que é poesia. Lado a lado com a necessidade da perfeição do indivíduo na técnica de sua vocação especial, existe a necessidade de uma ampla compaixão humana e a necessidade de uma emoção elevada e generosa nesse indivíduo. Só assim a cidadania do estado moderno pode elevar-se às complexas necessidades sociais modernas.”, Idem, ibidem, p.480

³⁰⁷ “[...] o poder de emocionar as almas dos homens com histórias de força, habilidade e ousadia, e de tirá-las de seus eus comuns para o auge de seu grande empreendimento.”, Idem, ibidem, p.481

colaboração entre diferentes disciplinas para o avanço do conhecimento sobre a sociedade: “*Each so-called science or discipline is ever and always dependent on other sciences and disciplines. It draws its life from them, and to them it owes, consciously or unconsciously, a great part of its chances of progress*”.³⁰⁸

Dois anos antes, Frederick Jackson Turner já havia dedicado seu discurso à defesa da união entre as disciplinas, argumentando que, como nas ciências naturais, as disciplinas se uniram para compreender de maneira mais completa o mundo físico, e que o mesmo deveria ser feito para compreender a sociedade.³⁰⁹

Turner inicia seu discurso, “*Social Forces in American History*”, afirmando que as mudanças que vinham ocorrendo em seu país nos últimos anos constituiriam uma verdadeira revolução: fim de uma linha de fronteira, massiva industrialização, aumento da produção, chegada de grandes levas de imigrantes, crescimento do capital americano e concentração de renda, formação de monopólios. Desta maneira, haveria um complexo de forças atuando na sociedade, sendo os fatores que agem sobre o desenvolvimento histórico, múltiplos. Neste sentido, o entendimento completo desse movimento não poderia ser alcançado utilizando apenas um método de investigação:

*Obviously in attempting to indicate even a portion of the significant features of our recent history we have been obliged to take note of a complex of forces. The times are so close at hand that the relations between events and tendencies force themselves upon our attention. We must deal with the connections of geography, industrial growth, politics, and government. With these we must take into consideration the changing social composition, the inherited beliefs and habitual attitude of the masses of the people, the psychology of the nation and of the separate sections, as well as of the leaders. We must see how these leaders are shaped partly by their time and section, and how they are in part original, creative, by virtue of their own genius and initiative. We cannot neglect the moral tendencies and the ideals. All are related parts of the same subject and can no more be properly understood in isolation than the movement as a whole can be understood by neglecting some of these important factors, or by the use of a single method of investigation.*³¹⁰

³⁰⁸ “Cada ciência ou disciplina é sempre dependente de outras ciências e disciplinas. Ela obtém sua vida delas, e a elas deve, consciente ou inconscientemente, grande parte de suas chances de progresso”, Idem, ibidem., p.483

³⁰⁹ TURNER, Frederick Jackson. *Social Forces in American History*... op. cit.

³¹⁰ “Obviamente, ao tentar indicar mesmo que seja uma parte das características significativas de nossa história recente, fomos obrigados a perceber um complexo de forças. Os tempos estão tão próximos que as relações entre eventos e tendências se impõem à nossa atenção. Precisamos lidar com as conexões entre geografia, crescimento industrial, política e governo. Devemos levar em consideração a composição social em mudança, as crenças herdadas e atitudes habituais das pessoas, a psicologia da nação e das seções em separado, bem como dos líderes. Precisamos ver como esses líderes são moldados, em parte pelo seu tempo, e seção, e como eles são em parte originais e criativos, em virtude de sua própria genialidade e iniciativa. Não podemos negligenciar as tendências morais e os ideais. Todas são partes relacionadas da mesma questão e não podem mais ser adequadamente entendidas isoladamente do movimento como um todo, que não pode ser entendido negligenciando alguns desses fatores importantes, ou pelo uso de um único método de investigação. “, Idem, ibidem, p.225

Assim, o historiador fala o que cabe ao historiador fazer: antes de tentar descobrir se a História requer uma explicação econômica, ou psicológica, ou qualquer que seja, ele deve reconhecer que os fatores na sociedade são variados e complexos e por isso não podem ser analisados de forma isolada. O historiador chegará a uma visão mais ampla familiarizando-se com suas disciplinas irmãs:

The economist, the political scientist, the psychologist, the sociologist, the geographer, the students of literature, of art, of religion—all the allied laborers in the study of society—have contributions to make to the equipment of the historian. These contributions are partly of material, partly of tools, partly of new points of view, new hypotheses, new suggestions of relations, causes, and emphasis. Each of these special students is in some danger of bias by his particular point of view, by his exposure to see simply the thing in which he primarily interested, and also by his effort to deduce the universal laws of his separate science. The historian, on the other hand, is exposed to the danger of dealing with the complex and interacting social forces of a period or of a country, from some single point of view to which his special training or interest inclines him.³¹¹

Para Turner, o historiador deve visar conhecer mais profundamente a sociedade, e não necessariamente buscar suas leis de desenvolvimento:

He must see in American society with its vast spaces, its sections equal to European nations, its geographic influences, its brief period of development, its variety of nationalities and races, its extraordinary industrial growth under the conditions of freedom, its institutions, culture, ideals, social psychology, and even its religions, forming and changing almost under his eyes, one of the richest fields ever offered for the preliminary recognition and study of the forces that operate and interplay in the making of society.³¹²

Em seu discurso, há outro aspecto importante que vai ao encontro das questões propostas pela movimento intelectual da Nova História de mudança em relação à tendência historiográfica

³¹¹ “O economista, o cientista político, o psicólogo, o sociólogo, o geógrafo, os estudantes de literatura, de arte, de religião - todos os trabalhadores aliados no estudo da sociedade - têm contribuições para a aparelhagem do historiador. Essas contribuições são em parte materiais, em parte de ferramentas, em parte de novos pontos de vista, novas hipóteses, novas sugestões de relações, causas e ênfases. Cada um desses estudantes corre algum risco de parcialidade por seu ponto de vista particular, por sua exposição para ver simplesmente a coisa na qual lhe interessa especificamente, e também por seu esforço para deduzir as leis universais de sua ciência separada. O historiador, por outro lado, está exposto ao perigo de lidar com as complexas e interativas forças sociais de um período ou de um país, de um único ponto de vista para o qual sua educação ou interesse especial o inclinam.”, Idem, *ibidem*. p.232-233

³¹² “Ele deve ver na sociedade americana, com seus vastos espaços, suas seções iguais às nações europeias, suas influências geográficas, seu breve período de desenvolvimento, sua variedade de nacionalidades e raças, seu extraordinário crescimento industrial sob as condições de liberdade, suas instituições, cultura, ideais, psicologia social e até mesmo, suas religiões, formando-se e mudando quase sob os seus olhos, um dos campos mais ricos já oferecidos para o reconhecimento preliminar e o estudo das forças que operam e interagem na formação da sociedade.”, Idem, *ibidem*. p.233

anterior, que são as preocupações com questões do presente ao se olhar para o passado. Este ponto será melhor desenvolvido adiante.

Mas esses elogios à cooperação entre as disciplinas não foram proferidos por todos os historiadores desta geração. Como dito anteriormente, esses movimentos representaram tendências de um período que acabaram se destacando, mas que não foram adotados ou aceitos pela totalidade dos profissionais. Um exemplo disso foi George Burton Adams³¹³ que, em 1908, em seu discurso “*History and Philosophy of History*”, falou com desprezo sobre o nascimento de novas ciências que seriam ramificações da História e que seriam linhas de ataque à disciplina: a ciência política, a geografia, a economia, a sociologia e a psicologia social, cada uma buscando explicar, através da ciência, o desenvolvimento histórico a partir de sua perspectiva,

No matter what disguise may be worn in a given case, no matter what the name may be by which a given group elects to call itself, no matter how small, in the immensity of influences which make the whole, may be the force in which it would find the final explanation of history, the emphatic assertion which they all make is that history is the orderly progression of mankind to a definite end, and that we may know and state the laws which control the actions of men in organized society. [...] All of them seem to look with more or less well-concealed contempt on the historian, and to regard their own work as of a higher type, more truly scientific, and more nearly final in character than ours.³¹⁴

O historiador defende que esses ataques são resultados dos avanços científicos das décadas anteriores, mas que não conseguiram trazer consigo um sentido à História, uma filosofia da história. Para Adams, a saída estaria na própria História, que não deveria ignorar esse movimento. O trabalho do historiador deveria continuar a ser o de estabelecer o que realmente aconteceu, mas isso não excluiria uma filosofia da história, isso porque, partindo de um poema de Browning, afirma que Deus nos concedeu duas visões, uma do plano completo do tempo e outra do trabalho do minuto, sendo a primeira a filosofia da história, e a segunda o trabalho diário de investigação longa e correta sobre a ciência da História: “*God has conceded*

³¹³ George Burton Adams (1851 Fairfield, Vermont – 1925), medievalista, foi professor na Yale University entre 1888 e 1925. Seus principais trabalhos foram “*Civilization during the Middle Ages*” de 1894 e “*Growth of the French Nation*” de 1896.

³¹⁴ “Não importa que disfarce possa ser usado em um determinado caso, não importa qual seja o nome pelo qual um determinado grupo opte por se chamar, não importa quão pequeno, na imensidão de influências que fazem o todo, pode ser a força na qual encontrariam a explicação final da história, a afirmação enfática que todos eles fazem é a de que a história é a progressão ordenada da humanidade para um fim definido, e que podemos conhecer e declarar as leis que controlam as ações dos homens na sociedade organizada. [...] Todos eles parecem olhar com um desprezo mais ou menos bem-encoberto sobre o historiador, e considerar seu próprio trabalho como de um tipo superior, mais verdadeiramente científico e mais próximo do caráter final do que o nosso.”, ADAMS, George Burton. *History and the Philosophy of History*. In.: *The American Historical Review*, Vol. 14, No. 2 (Jan., 1909), p. 229-230

*two sights to a man –/ One of man's whole work, time's completed plan,/ The other of the minute's work, man's first /Step to the plan's completeness.”*³¹⁵

Mas retornemos às questões sobre a escrita da História.

Como vimos anteriormente, Roosevelt falou da História como literatura, sendo a imaginação do historiador essencial para dar vida aos acontecimentos passados em suas narrativas. Albert Bushnell Hart³¹⁶ também tratou da imaginação em seu discurso proferido em 1909, “*Imagination in History*”, mas abordou a questão de uma maneira diferente.

Hart afirmou que o tempo em que viviam estava tomado pela imprecisão, disseminada por todas as áreas, não ficando a História isenta, sendo que, se os mortos voltassem, não se reconheceriam no que era dito sobre eles. Para o historiador, o problema que afetava a exatidão seria justamente a imaginação, “*The trouble with many historians of large reputation who have a host of readers is that corroder of exactness – imagination.*”³¹⁷ e afirma que é necessário reassegurar o caráter científico da História:

*It is the duty of a sober and studious body like the American Historical Association to dwell upon the strictly scientific character of history, to emphasize the fixed principles of research, to warn the world against the consequences of unsound study and writing of history. The remedy is a matter of method and process and point of view. Is there any way to make history true, except to relieve it of all imagination?*³¹⁸

Mas, por mais que para Hart a imaginação fosse perigosa, ela seria necessária para que o historiador conseguisse com que o leitor visse como o escritor via, o problema estaria na imaginação que inventa ou deturpa a verdade:

³¹⁵ “Deus concedeu duas visões ao homem - / Uma de todo o trabalho do homem, o plano completo do tempo, / A outra, do trabalho do minuto, o primeiro passo do homem / Para a completude do plano.”, BROWNING apud ADAMS, George Burton. *History and the Philosophy of History...* op. cit. p. 221

³¹⁶ Albert Bushnell Hart (1854 Clarksville, Pennsylvania – 1927), formou-se em Harvard e obteve seu título de doutor em Freiburg sob orientação de Hermann Eduard von Holst. Em 1883, começou sua carreira como professor em Harvard, dando aulas nos cursos de história da América e história europeia, onde permaneceu até 1926, ano de sua aposentadoria. Além de ter escrito vários trabalhos sobre a história de seu país, entre eles “*Formation of the Union*” (1892), “*Salmon Portland Chase*” (1899), “*Essentials of American History*” (1905) e “*Slavery and Abolition*” (1906), Hart organizou importantes coleções, entre elas “*The American Nation*”, uma série de 28 volumes publicada entre 1903 e 1918. Por quatorze anos, foi editor da AHR.

³¹⁷ “O problema de muitos historiadores de grande reputação e que têm uma série de leitores é aquele que destrói a exatidão – a imaginação”, HART, Albert Bushnell. *Imagination in History*. In.: *The American Historical Review*, Vol. 15, No. 2 (Jan., 1910), p.229

³¹⁸ “É dever de um corpo sóbrio e estudioso como o da American Historical Association enfatizar o caráter estritamente científico da história, enfatizar os princípios fixos da pesquisa, alertar o mundo contra as consequências do estudo e da escrita incorretos da história. O remédio é uma questão de método, processo e ponto de vista. Existe alguma maneira de tornar a história verdadeira, além de libertá-la de toda a imaginação?”, Idem, *ibidem*. p.229

The danger of the historian is in imagination, that is, in the kind of imagination which invents details or seizes upon the unimportant ones, or combines them into pictures which are but the outside; which tell us nothing of the stir and movement of human souls, the clash of human wills, of the thinking of national thoughts. There is another kind of imagination which works from within outward; which makes the reader see, as the historian sees, the real characters of men; which divines their motives; which, allowing for human weaknesses and for the pressure of adverse circumstances, informs us whether this or that man, this or that people, this or that age, this or that standard has carried forward civilization, opened wide the gates for thought, liberated souls. There is no great history without large imagination, any more than there is painting, or, for that matter, scientific discovery.³¹⁹

Tanto Roosevelt quanto Hart foram historiadores que simpatizaram com o movimento da Nova História, demonstrando em seus discursos que, apesar das ressalvas, compreendiam a importância da imaginação nas narrativas históricas. Mas é interessante notar que em ambos há uma forte afirmação da cientificidade da História, sendo que para o segundo, essa preocupação aparece de maneira mais acentuada. Desta forma, como mencionado no subcapítulo anterior, para essa tradição historiográfica, a escrita era mera questão de forma, não afetando necessariamente a natureza de sua disciplina, seguramente científica. Me parece aqui que a aceitação do emprego da imaginação na escrita da História era compreendida como uma espécie de aproximação interdisciplinar entre História e Literatura, aproximação que não causaria danos às estruturas disciplinares constituídas.

2.2.3. Verdade, objetividade e subjetividade

A questão da verdade na escrita da História também foi tema recorrente ao longo do recorte selecionado. Obviamente, nenhum dos presidentes negou o compromisso com a verdade nas pesquisas, mas as concepções sobre o que constituiria uma verdade histórica e como alcançá-la, aparecem de formas bastante heterogêneas.

³¹⁹ “O risco do historiador está na imaginação, isto é, no tipo de imaginação que inventa detalhes ou se apega aos sem importância, ou os combinam em quadros que são apenas exteriores; que nada nos dizem da agitação e movimento das almas humanas, do choque das vontades humanas, do pensamento da consciência nacional. Existe outro tipo de imaginação que funciona de dentro para fora; a que faz o leitor ver como o historiador vê o real caráter dos homens; que adivinha seus impulsos; que, permitindo a fraqueza humana e pela pressão de circunstâncias adversas, nos informa se este ou aquele homem, este ou aquele povo, esta ou aquela época, este ou aquele padrão, levou adiante a civilização, abriu as comportas para o pensamento, libertou as almas. Não há grande história sem grande imaginação, assim como não há pintura ou, por falar nisso, descoberta científica.”, Idem, ibidem, p.250-251

Alfred Thayer Mahan³²⁰ falou sobre a busca pela verdade no discurso “*Subordination in Historical Treatment*”, de 1902, que tratou da busca por unidade no trabalho do historiador em um universo de multiplicidade de fatos.

Mahan afirmou que a História deve ser o “templo da verdade”, mas que, por conta da multiplicidade de fatos e detalhes, muitas vezes contraditórios, encontrados em documentos diversos, essa verdade seria difícil de ser encontrada e transmitida. Essa multiplicidade traz a ideia de contradição, e a função do historiador não seria a de apresentar todos os detalhes, mas dispô-los corretamente.³²¹ O historiador utilizou a metáfora da construção – bastante recorrente nos discursos analisados –, afirmando que os fatos são tijolos e que cabe ao historiador ordená-los em um trabalho de criação, dando sentido a esses diversos elementos soltos, que sozinhos valeriam quase nada. Mas, por mais que seja um trabalho de criação, como o de um artista – como afirmará mais adiante em seu texto –, Mahan defendeu a existência de uma verdade, onde os fatos deveriam ser ordenados de forma a revelar a História:

*Facts, however exhaustive and laboriously acquired, are but the bricks and mortar of the historian; fundamental, indispensable, and most highly respectable, but in their raw state they are the unutilized possession of the one, or at most of the few. It is not till they have undergone the mental processes of the artist, by the due selection and grouping of the materials at his disposal, that there is evolved a picture comprehensible by the mass of men. [...] Work thus done may be justly called a creation; for while the several facts are irreversibly independent of the master's fabrication or manipulation, the whole truth, to which they unitedly correspond, is an arduous conception. To attain to it, and to realize it in words, requires an effort of analysis, of insight, and of imagination. There is required also a gift of expression, as often baffled as is the attempt of the painter to convey to others his conception of an historic scene, which, indeed, he may find difficulty in clearly realizing to his own mental vision. This process, however, does not create history it realizes it, brings out what is in it.*³²²

³²⁰ Alfred Thayer Mahan (1840 West Point, New York – 1914), foi um oficial naval e historiador, tendo publicado diversos livros de história naval.

³²¹ Não foi encontrado o relatório de atividades da associação desse ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado. MAHAN, Alfred Thayer. *Subordination in Historical Treatment*. 1902.

³²² “Fatos, por mais exaustivos e laboriosamente adquiridos, são apenas os tijolos e a argamassa do historiador; fundamental, indispensáveis e altamente respeitáveis, mas em estado bruto, são utilizados um, ou no máximo de alguns. Até que eles tenham sofrido os processos mentais do artista, pela devida seleção e agrupamento dos materiais à sua disposição, é que haverá um quadro compreensível pelo conjunto dos homens. [...] O trabalho assim feito pode ser justamente chamado de criação; porque enquanto os vários fatos são irreversivelmente independentes da fabricação ou manipulação do mestre, toda a verdade, à qual eles correspondem em conjunto, é uma concepção árdua. Alcançá-la e compreendê-la em palavras, requer um esforço de análise, de insight e de imaginação. Também é necessário um dom de expressão, tão frequentemente desconcertado como é a tentativa do pintor de transmitir aos outros sua concepção de uma cena histórica, que, na verdade, ele pode encontrar dificuldade em perceber claramente a sua própria visão mental. Este processo, no entanto, não cria história, percebe, traz o que está ali”, Idem, *ibidem*

Mesmo havendo uma multiplicidade de fatos, existiria uma unidade na História, e essa unidade não corresponderia à exclusão de todos em detrimento de um, pelo contrário, a própria palavra “unidade” implicaria multiplicidade, mas uma multiplicidade na qual os elementos que a constituem estariam subordinados à ideia dominante. Assim, para Mahan, a História seria a consumação de um plano da Providência, onde cada incidente seria uma peça em um mosaico que possuiria uma unidade intrínseca:

*The plan of Providence, which in its fulfillment we call history, is of wider range and more complicated detail than the tactics of a battle, or the strategy of a campaign, or even than the policy of a war. Each of these in its own sphere is an incident of history, possessing an intrinsic unity of its own. Each, therefore, may be treated after the fashion and under the limitations I have suggested; as a work of art, which has a central feature around which details are to be grouped, but kept ever subordinate to its due development. So, and so only, shall the unity of the picture be successfully preserved; but when this has been done, each particular incident, and group of incidents, becomes as it were a fully wrought and fashioned piece, prepared for adjustment in its place in the great mosaic, which the history of the race is gradually fashioning under the Divine overruling.*³²³

O dever do historiador seria o de hierarquizar, dando destaque ao que dá um caráter especial ao período analisado. Na perfeição do trabalho particular, ele contribuiria para a construção do todo, atribuindo uma unidade ideal que corresponderia ao pensamento do “arquiteto divino”.³²⁴

A questão da verdade aparece de uma forma bastante instigante em 1913, no discurso de William A. Dunning³²⁵, “*Truth in History*”. O historiador afirma que diversos fenômenos constituem verdades históricas, mas que não são relevantes por não terem influenciado o

³²³ “O plano da Providência, que em seu cumprimento chamamos de história, é de alcance mais amplo e com detalhes mais complicados do que as táticas de uma batalha, ou a estratégia de uma campanha, ou até mesmo a política de uma guerra. Cada um desses, em sua própria esfera, é um incidente da história, possuindo uma unidade intrínseca própria. Cada um, portanto, pode ser tratado depois da forma e sob as limitações que sugeri; como uma obra de arte, que tem uma característica central em torno da qual os detalhes devem ser agrupados, mas mantidos sempre subordinados ao seu devido desenvolvimento. Então, e somente assim, a unidade da imagem será preservada com sucesso; mas quando isto for feito, cada incidente em particular, e grupo de incidentes, torna-se como se fosse uma peça totalmente forjada e formada, preparada para ser ajustada em seu lugar no grande mosaico, que a história da raça está gradualmente formando sob o prevalecimento divino”, Idem, *ibidem*

³²⁴ Idem, *ibidem*

³²⁵ William Archibald Dunning (1857 Plainfield, New Jersey – 1922), foi um historiador e cientista político que obteve toda sua formação acadêmica na Columbia University, instituição em que também atuou como professor. Dunning tornou-se reconhecido entre os historiadores americanos pelos seus trabalhos sobre o período da Reconstrução do Sul, mas considerados como tendo um viés racista por interpretá-la como uma conspiração de republicanos radicais para subjugar os brancos do Sul.

desenvolvimento humano, e que por isso não poderiam ser chamados de História.³²⁶ Em suas investigações, o historiador seria confrontado com essas questões sobre a verdade, em especial sobre a veracidade dos fatos, da cronologia e dos nexos causais. Para Dunning, o problema estaria na primazia que via como sendo dada ao primeiro aspecto, sendo pouca a importância dispensada ao último:

*The last of these tasks is by no means the least. As we have lately been warned by the dean of the historical guild in America, Dr. Jameson, with his wonted force and precision, 'the stream of history is a stream of causation'. To resolve the forces and detect the relations that underlie the movement of this current, demands an exceptional endowment and an unstinted application of intellectual strength. For about a century now this particular field of activity has been less diligently cultivated by the scientific historian, and it has been his special aim to achieve exactness in the first of the above-mentioned aspects of truth.*³²⁷

Nesta busca pelos fatos objetivos, os pesquisadores não percebem que o curso da História não é determinado pelo que é verdade, mas pelo que os homens julgam ser verdade. Se a lição do passado é procurada como guia para a política, ela deveria ser encontrada no erro que se acreditava na época, e não na verdade trazida à tona pelo historiador:

*Why is this so? Why do the achievements of historical research, in bringing to light the truth about the individual events of the past, change so slightly the broad picture? This is the question to which I wish to devote some particular attention in this place. The answer to it cannot be a simple one, and I do not aspire to make mine complete. I would merely suggest, as in some measure, at least, influential, this fact, that the course of human history is determined no more by what is true than by what men believe to be true; and therefore that he who brings to light a past occurrence of which he is the first to have knowledge is likely to be dealing with what is no real part of history. The phenomena of social life, so far as they are determined at all by the will of man, are due in origin and sequence to conditions as they appear to contemporaries, not to conditions as revealed in their reality to the historian centuries later. Or if the lesson of the past is sought as a guide to any policy, the lesson that is learned and acted upon is derived from the error that passes as history at the time, not from the truth that becomes known long after.*³²⁸

³²⁶ DUNNING, William A. Truth in History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 19, No. 2 (Jan., 1914), p.218

³²⁷ “A última dessas tarefas não é de forma alguma a menos importante. Como temos sido recentemente advertidos pelo decano da corporação histórica na América, Dr. Jameson, com sua força e precisão, ‘a corrente da história é uma corrente de causalidade’. Para determinar as forças e detectar as relações subjacentes ao movimento dessa corrente, há a necessidade de uma dotação excepcional e uma aplicação irrestrita da força intelectual. Há cerca de um século, este campo particular de atividade tem sido menos diligentemente cultivado pelo historiador científico, e tem sido seu objetivo especial alcançar a exatidão no primeiro dos aspectos da verdade acima mencionados.”, Idem, ibidem. p.218-219

³²⁸ “Porque isto é assim? Por que as realizações da pesquisa histórica, ao trazer à luz a verdade sobre os eventos individuais do passado, mudam tão superficialmente o panorama geral? Esta é a questão para a qual desejo dedicar alguma atenção particular. A resposta para isso não pode ser simples, e eu não pretendo fazer da minha definitiva. Eu apenas sugeriria, como em alguma medida, pelo menos, influente, esse fato, que o curso da história humana não é mais determinado pelo que é verdadeiro do que pelo que os homens acreditam ser verdadeiro; e, portanto, aquele que traz à luz uma ocorrência passada, da qual ele é o primeiro a ter conhecimento, provavelmente estará lidando com o que não é parte real da história. Os fenômenos da vida social, na medida em que são determinados

Desta maneira, a verdade seria relativa às épocas e pessoas, sendo o erro, não o fato, o que importaria. A função do historiador seria a de averiguar o alcance e o conteúdo das ideias que constituíram a cultura de um período, e não ficar apontando os equívocos nas crenças do que as pessoas acreditavam ser verdade.³²⁹ Assim, para que uma compreensão sobre as ações das pessoas do passado fosse possível, o pesquisador precisaria ter humildade, reprimindo seu desprezo pelo erro e apresentando as ocorrências passadas em sua consequência causal, já que as crenças dos homens representariam fatos importantes na cadeia de causalidade.³³⁰

Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, Dunning não relativiza ou nega a verdade, em realidade, acaba por fazer o oposto: ao afirmar que a verdade é relativa ao contexto, e que é o erro, não o fato objetivo, o que importa, ele propõe que o historiador dê uma importância maior ao *significado* da realidade passada.

Alguns dos presidentes da associação defenderam em seus discursos a verdade como sendo o principal horizonte do historiador, mas, no decorrer de seus argumentos, a subordinaram a outros valores. Foi o caso de George Hoar,³³¹ que em 1895, proferiu um discurso perante os outros membros da AHA em que tinha como tema o descontentamento da população com o governo representativo, “*Popular Discontent with Representative Government*”. Logo de saída, afirma que a verdade inabalável constituiria o primeiro dever do historiador, que não deveria buscar agradar a interesses particulares: “*Now to the historian, to whichever of these two classes he may belong, from the compiler of the genealogy of the Smith family to Thucydides or Tacitus, truth, inexorable truth, is the first essential and requisite*”.³³²

Afirmar a verdade como um valor do pesquisador, por mais significativo que seja, não representa nada de extraordinário, uma vez que é possível dizer que quase a totalidade dos discursos entre 1884 e 1914, em algum momento, sendo central para o argumento ou não, afirmaram ser este um importante compromisso do historiador. O interessante é o fato de que,

pela vontade do homem, são devidos em sua origem e sequência às condições que parecem aos contemporâneos, não às condições reveladas em sua realidade ao historiador séculos depois. Ou, se a lição do passado é procurada como um guia para qualquer política, a lição que é aprendida e posta em prática é derivada do erro que passa como história na época, não da verdade que se torna conhecida muito depois”, Idem, *ibidem*. p.220

³²⁹ Idem, *ibidem*. p.227

³³⁰ Idem, *ibidem*. p.229

³³¹ George Frisbie Hoar (1826 Concord, Massachusetts – 1904), membro de uma proeminente família ligada à política desde o século XVIII na Nova Inglaterra, formou-se em Direito em Harvard e juntou-se ao Partido Republicano logo após a sua fundação. Hoar foi senador por Massachusetts de 1877 a 1904.

³³² “Agora, para o historiador, não importa a qual dessas duas classes pertença: do compilador da genealogia da família Smith, a Tucídides ou Tácito; a verdade, a verdade inexorável, é essencial.”, HOAR, George F. *Popular Discontent with Representative Government*. In. *Annual Report of the American Historical Association, 1895*, p.22

logo depois de ter defendido a prevalência da verdade, afirma que mais danosa do que a mentira é a depreciação ou desvalorização da História de seu país e de seus personagens; que dano maior é feito na degradação do que no elogio exagerado:

*The first duty of the historian, as I have said, as the first duty of every man in every relation of life, is to absolute truth. Yet if in anything the love of country or a lofty enthusiasm may have led him to paint her in too favorable colors, the sober judgment of time will correct the mistake. No serious harm will have been done. Certainly no youth was ever yet spoiled by reverencing too much the memory of his parents. If anything is to be pardoned to human infirmity, it is surely better to err on the side of ennobling the country's history than to err on the side of degrading it.*³³³

Hoar critica o desserviço prestado por jornalistas e historiadores infectados pelo antiamericanismo dos estrangeiros, que ao invés de contribuírem para que os cidadãos tenham orgulho de seu país, fazem com que se sintam descontentes, *“I can not understand why these fault-finders, who can not find ten righteous men in our Sodom or Gomorrah, do not get out of it before the fire from heaven comes down. I think every historical investigator will perform a useful service if he shall help satisfy the American people, especially the coming generation, that these men are mistaken.”*³³⁴

O interessante deste discurso é que, apesar de afirmar a prevalência da verdade, na prática, Hoar a subordina a um dever patriótico de colaborar com a criação de um sentimento de orgulho pelo país entre os seus cidadãos.

George Park Fisher³³⁵ faz coro à Hoar, três anos depois, ao criticar, em *“The Function of the Historian as a Judge of Historic Persons”*, o posicionamento de historiadores como juízes morais.

Como Hoar, Fisher também inicia seu discurso defendendo a obrigação dos historiadores com a verdade, ainda mais em tempos em que o acesso a uma infinidade de fontes foi

³³³ “O primeiro dever do historiador, como eu disse, como o primeiro dever de todo homem em toda relação de vida, é a verdade absoluta. No entanto, se alguma coisa em seu amor ao país ou um entusiasmo elevado o levaram a pintá-lo em cores muito favoráveis, o julgamento sóbrio do tempo corrigirá o erro. Nenhum dano sério terá sido feito. Certamente, nenhum jovem foi estragado por reverenciar demais a memória de seus pais. Se algo deve ser perdoado sobre a enfermidade humana, é certamente melhor errar do lado de enobrecer a história do país do que errar do lado de degradá-la.”, Idem, ibidem. p.23

³³⁴ “Eu não consigo entender por que esses descobridores de falhas, que não conseguem encontrar dez homens justos em nossa Sodoma ou Gomorra, não saem dela antes que o fogo do céu caia. Eu acho que todo investigador histórico executará um serviço útil se ele ajudar a satisfazer o povo americano, especialmente a próxima geração, que esses homens estão equivocados.”, Idem, ibidem. p.29

³³⁵ George Park Fisher (1827 Wrentham, Massachusetts – 1909), foi historiador e teólogo, tendo atuado como professor de história eclesiástica na Yale Divinity School.

facilitando, possibilitando um maior conhecimento sobre o passado.³³⁶ Mesmo assim, haveria “influências equivocadas” que poderiam afetar o julgamento do historiador. A primeira seria a adoração a heróis:

*Fascination, whether exerted by man or woman, carries in it a power of illusion. It is liable to exaggerate merits and to hide defects and to invest the object admired with unreal charms. Great men, like grand objects in nature, excite the imagination. They thrill the spectator like the pyramids and majestic cathedrals reared by human art. “Hero” is a word that meant, or came to mean, among the Greeks, a semidivine personage.*³³⁷

A segunda, mais prejudicial do que a primeira, seria a retirada de heróis de seus pedestais: “*But hero worship, however extravagant, is really less to be deprecated in the historian than the propensity to pull real heroes down from their pedestals. There is no greater good to a nation than to have at least one man who is justly enshrined in popular veneration—one at least whose name is in a certain way sacred.*”³³⁸

Fisher questiona qual deveria ser o critério de julgamento moral a um personagem histórico, e afirma que seria colocando-o em seu contexto, sem julgá-lo a partir de valores atuais.

Henry Charles Lea³³⁹, em 1903, fez afirmação semelhante em “*Ethical Values in History*”, onde defendeu que a moral é histórica, e que sendo assim, os personagens do passado não deveriam ser julgados a partir dos valores do tempo do historiador.³⁴⁰

A moral seria culturalmente determinada, sendo influenciada por uma diversidade de fatores: “*Race, civilization, environment—all influence the moral perceptions, which vary from age to age; while the standards of right and wrong are modified and adapted to what, at the*

³³⁶ FISHER, George Park. The Function of the Historian as a Judge of Historic Persons. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1898, p.17-18

³³⁷ “A fascinação, exercida pelo homem ou pela mulher, traz consigo um poder de ilusão. É passível de exagerar méritos e esconder defeitos e atribuir ao objeto admirado encantos irrealis. Grandes homens, como grandes objetos da natureza, excitam a imaginação. Eles emocionam o espectador como as pirâmides e majestosas catedrais erguidas pela arte humana. ‘Herói’ é uma palavra que significava, ou passou a significar, entre os gregos, uma personagem semidivina.”, Idem, *ibidem*. p.18

³³⁸ “Mas a adoração de heróis, por mais extravagante que seja, é muito menos censurável no historiador do que a propensão a retirar heróis reais de seus pedestais. Não há bem maior para uma nação do que ter pelo menos um homem que é justamente consagrado na veneração popular - pelo menos em que o nome seja de certo modo sagrado.”, Idem, *ibidem*. p.220

³³⁹ Henry Charles Lea (1825 Philadelphia, Pennsylvania – 1909), trabalhou durante muitos anos no ramo editorial, seguindo os passos de seu pai, mas dedicou grande parte de sua vida ao estudo do passado. Lea escreveu principalmente sobre história da Idade Média com ênfase em temáticas religiosas, tendo, ao final da vida, acumulado um grande acervo de manuscritos, que posteriormente foram doados a University of Pennsylvania.

³⁴⁰ Não foi encontrado o relatório de atividades da associação desse ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado, LEA, Henry Charles. *Ethical Values in History*. 1903

moment, are regarded as the objects most beneficial to the individual or to the social organization”.³⁴¹ Desta maneira, não haveria padrão moral universal, e os personagens deveriam ser julgados de acordo com o seu tempo. A História deveria estar comprometida com a verdade; poderia haver julgamento moral, mas este deveria estar baseado em fatos:

*As regards its practical application, I presume that you will agree with me that history is not to be written as a Sunday-school tale for children of larger growth. It is, or should be, a serious attempt to ascertain the severest truth as to the past and to set it forth without fear or favor. It may, and it generally will, convey a moral, but that moral should educe itself from the facts. Characters historically prominent are usually so because they are men of their time, the representatives of its beliefs and aspirations; and they should be judged accordingly. If those beliefs and aspirations lead to evil, the historian should seek to trace out their origin and development, and he can, if he so chooses, point out their results; but he should not hold responsible the men who obeyed their consciences, even if this led them into what we conceive to be wrong-doing. It is otherwise with those who have sinned against the light vouchsafed to them, for to condemn them is simply to judge them by the standards of their time.*³⁴²

Julgar os personagens de acordo com o seu tempo aparece como um comprometimento com a verdade, uma vez que o historiador deveria buscar enxergar de acordo com o ponto de vista do tempo que estuda na busca de compreender a moralidade da época, e somente assim, com esse olhar “contextualizado”, é que chegaria a uma imagem precisa do passado, sendo que, analisar a partir dos valores do nosso tempo, seria introduzir subjetividade no que deveria ser objetivo:

*To depart from this and to inject modern ethical theories into the judgment of men and things of bygone times is to introduce subjectivity into what should be purely objective. We all of us have our convictions—perchance our prejudices—and nothing for the historian is more vital than to be on his guard against their affecting his judgment and coloring his narrative. Above all things he should cultivate the detachment which enables him soberly and impartially to search for and to set forth the truth.*³⁴³

³⁴¹ “Raça, civilização, meio ambiente - todos influenciam as percepções morais, que variam de época para época; ao passo que os padrões de certo e errado são modificados e adaptados ao que, no momento, são considerados os objetos mais benéficos para o indivíduo ou para a organização social”, Idem, ibidem

³⁴² “Quanto à sua aplicação prática, presumo que vocês concordarão comigo que a história não deve ser escrita como um conto da escola dominical para crianças crescidas. É, ou deveria ser, uma tentativa séria de averiguar a verdade mais severa sobre o passado e de apresentá-la sem medo ou favor. Pode, e geralmente irá, transmitir uma moral, mas essa moral deve se edificar a partir dos fatos. Personagens historicamente proeminentes geralmente são assim porque são homens do seu tempo, representantes de suas crenças e aspirações; e eles devem ser julgados de acordo. Se essas crenças e aspirações levam ao mal, o historiador deve procurar traçar sua origem e desenvolvimento, e pode, se assim o desejar, apontar seus resultados; mas ele não deveria responsabilizar os homens que obedeceram às suas consciências, mesmo que isso os levasse ao que nós concebemos como sendo errado. É diferente com aqueles que pecaram contra a luz que lhes foi concedida, pois condená-los é simplesmente julgá-los pelos padrões de seu tempo”, Idem, ibidem

³⁴³ “Distanciar-se disso e introduzir teorias éticas modernas no julgamento de homens e coisas de outros tempos é introduzir a subjetividade no que deveria ser puramente objetivo. Todos nós temos nossas convicções - talvez nossos preconceitos - e nada para o historiador é mais vital do que estar atento para elas não afetarem seu

Para Lea, a História não perderia sua posição de professora da moralidade no tratamento “incolor” que propõe. Pelo contrário: julgar os personagens não ensinaria lições, somente aumentaria preconceitos; o que ensinaria seria representá-los com sinceridade, uma vez que demonstraria que essas ações foram fruto de concepções éticas distorcidas, o que permitiria encontrar caminhos para a melhoria.³⁴⁴

Como vimos na seção anterior, a objetividade foi um valor caro no contexto da disciplinarização, onde muitos enxergavam na suposta ausência de subjetividade um sinal da cientificidade das pesquisas, por representar uma narrativa do que realmente aconteceu, sem qualquer vestígio do historiador que a escreveu.

Mas, como todos os aspectos abordados até aqui, a importância de uma escrita livre da subjetividade do pesquisador também não foi ponto pacífico entre os historiadores das primeiras gerações da História disciplinada, e isso fica mais evidente nos discursos dos últimos presidentes, quando havia a presença da influência da Nova História.

Turner, em seu discurso já mencionado, em que defende a união das ciências irmãs para um entendimento mais complexo sobre as forças que modificam a sociedade, afirmou que a observação das condições atuais ajudariam no estudo do passado. O historiador afirmou que cada geração olha para o passado a partir de questões de seu tempo:

*It is a familiar doctrine that each age studies its history anew and with interests determined by the spirit of the time. Each age finds it necessary to reconsider at least some portions of the past, from points of view furnished by new conditions which reveal the influence and significance of forces not adequately known by the historians of the previous generation. Unquestionably each investigator and writer is influenced by the times in which he lives and while this fact exposes the historian to a bias, at the same time it affords him new instruments and new insight for dealing with his subject.*³⁴⁵

A História recente daria um novo significado aos eventos passados, sendo importante o seu estudo como fonte de novas hipóteses, novas linhas de investigação, novas perspectivas

juízo e colorir sua narrativa. Acima de tudo, ele deve cultivar o distanciamento que o habilita a indagar sobriamente e imparcialmente e estabelecer a verdade.” Idem, ibidem

³⁴⁴ Idem, ibidem

³⁴⁵ “É uma crença familiar que cada época estuda sua história novamente e com interesses determinados pelo espírito da época. Cada época acha necessário reconsiderar pelo menos algumas partes do passado, a partir de pontos de vista fornecidos por novas condições que revelam a influência e o significado de forças não adequadamente conhecidas pelos historiadores da geração anterior. Inquestionavelmente, cada pesquisador e escritor é influenciado pelos tempos em que vive e, enquanto isso, expõe o historiador a um viés, ao mesmo tempo em que lhe oferece novos instrumentos e novos insights para lidar com o assunto.”, TURNER, Frederick Jackson. *Social Forces in American History...* op. cit. p. 226-226

sobre o passado mais remoto. Muitos dos processos investigados por gerações passadas continuaram em desenvolvimento após o fim das pesquisas, e com o passar do tempo, possuíram outros desdobramentos:

*Enough has been said, it may be assumed, to make clear the point which I am trying to elucidate, namely that a comprehension of the United States of to-day, an understanding of the rise and progress of the forces which have made it what it was, demands that we should rework our history from the new points of view afforded by the present. If this is done, it will be seen that the progress of the struggle between North and South over slavery and the freed negro, which held the principal place in American interest in the two decades after 1850, was, after all, only one of the interests of the time. The pages of the Congressional debates, the contemporary newspapers, the public documents of those twenty years, remain a rich mine for those who will seek therein the sources of movements dominant in the present day.*³⁴⁶

Turner se preocupava com o futuro de seu país e suas instituições após todas as mudanças ocorridas entre meados do século XIX e início do XX. Assim, foi considerado um historiador presentista, pois entendia que o estudo do passado deveria servir às demandas do presente. Em seu texto, Turner chama a atenção a esse aspecto subjetivo da escrita da História, demonstra que um estudo histórico não é apenas a descrição de eventos antigos, mas sim a atribuição de significação a esses eventos por um pesquisador situado historicamente, movido por perspectivas e preocupações de seu tempo.

Turner não foi o único presidente da AHA a atentar para as implicações do presente nas pesquisas sobre o passado. Em, 1914, Andrew C. McLughlin³⁴⁷, em “*American History and American Democracy*”, ao abordar a democracia americana, argumentou que, mais do que uma forma de governo, ela seria um espírito americano, fazendo um chamado para que se considerassem nas pesquisas históricas esses aspectos que não são objetivos: “[...] of course

³⁴⁶ “Já foi dito o suficiente para deixar claro o ponto que estou tentando elucidar, a saber, a compreensão dos Estados Unidos de hoje, a compreensão da ascensão e do progresso das forças que o fizeram como é, exige que retrabalhem nossa história a partir dos novos pontos de vista proporcionados pelo presente. Se isso for feito, ver-se-á que o progresso da luta entre o Norte e o Sul pela escravidão e o negro libertado, que ocupou o principal lugar no interesse americano nas duas décadas após 1850, era, afinal, apenas um dos interesses da época. As páginas dos debates do Congresso, os jornais contemporâneos, os documentos públicos desses vinte anos, continuam sendo uma mina rica para aqueles que buscarão nela as fontes de movimentos dominantes nos dias atuais.”, Idem, *ibidem*.p.230

³⁴⁷ Andrew Cunningham McLaughlin (1861 Beardstown, Illinois – 1947), iniciou sua carreira como professor de história na University of Michigan, e em 1906, foi para a University of Chicago, onde permaneceu até 1929. McLaughlin foi o primeiro diretor do Departamento de Pesquisa Histórica da Carnegie Institution em Washington em 1903, cargo que ocupou durante dois anos. Foi autoridade em história constitucional, tendo como principal trabalho o livro “*Confederation and Constitution, 1783-1789*”, publicado em 1907 na coleção “*The American Nation*” organizada por A. B. Hart.

*history deals with more than events, and with more than the mere outward actions of men; it has to do with ideals and purposes, with the spirit and character of man.*³⁴⁸

O historiador chama a atenção à presença do historiador no desenvolvimento de suas pesquisas, sendo influenciado pelo seu contexto:

*In the interpretation of American history, and especially I think constitutional history, writers have plainly been influenced by their own environments. And so any historical work you or I may do is likely to be colored, whether or not we intentionally select a particular prism through which to view the past. Bancroft's great epic, with its paean of exultation over escape from bondage, was a very natural expression of the buoyant, self-confident democracy of the Jacksonian era.*³⁴⁹

A própria escolha do tema de pesquisa partiria de questões subjetivas, da busca do historiador por responder questões que lhes são contemporâneas, e via como sendo desta maneira que a história vinha sendo escrita, mesmo que, anos depois, as questões ficassem ultrapassadas:

*I am pointing out that we select and interpret with something central and determinate in our minds, and that American history has been written and read, in considerable degree at least, because men wished to explain some things which were of immediate and fresh interest to them and which now do not appear final and all-important.*³⁵⁰

No caso dos dois historiadores mencionados, não há a negação da objetividade, mas sim, a consciência de que as pesquisas são feitas por sujeitos históricos que não podem deixar de lado o seu eu quando escrevem, deixando vestígios de si em seus textos.

³⁴⁸ “[...] É claro que a história lida com mais do que eventos e simples ações externas dos homens; ela tem a ver com ideais e propósitos, com o espírito e caráter do homem.” MCLAUGHLIN, Andrew C. American History and American Democracy. In.: *The American Historical Review*, Vol. 20, No. 2 (Jan., 1915), p. 256-257

³⁴⁹ “Na interpretação da história americana, e especialmente na história constitucional, os escritores foram claramente influenciados por seus próprios ambientes. E assim, qualquer trabalho histórico que vocês ou eu possamos fazer, provavelmente será tendencioso, independentemente de selecionarmos intencionalmente um prisma particular através do qual possamos ver o passado. O grande épico de Bancroft, com sua exultação pela fuga da servidão, era uma expressão muito natural da democracia dinâmica e autoconfiante da era jacksoniana.” Idem, ibidem. p.258

³⁵⁰ “Eu estou pontuando que nós selecionamos e interpretamos com algo central e determinado em nossas mentes, e que a história americana foi escrita e lida, em grau considerável, pelo menos, porque os homens desejavam explicar algumas coisas que eram de interesse imediato e novo para eles, e que agora não parecem, afinal, tão importantes”, Idem, ibidem. p.260

2.2.4. Finalidade da História

As percepções entre os presidentes da AHA sobre qual seria a finalidade do conhecimento histórico foram bastante heterogêneas. Podemos agrupá-las em dois grandes blocos: a História como civicamente importante e a História como atribuidora de leis do desenvolvimento. Nesta seção, muitos discursos que já foram analisados anteriormente serão retomados.

No que se refere à primeira finalidade, John Jay, em 1890, no discurso já mencionado anteriormente, afirmou que os EUA estariam muito atrás dos países do Velho Mundo no que se refere ao ensino de História, sendo este essencial para a construção de uma cidadania, uma vez que o conhecimento não poderia ficar restrito às elites. Além disso, o seu país estava sendo inundado diariamente por imigrantes, tendo a educação, especialmente em História, a função de americanizar os imigrantes para que estes não subvertissem as instituições:

Our common schools are intended to fit the youth of America for what Arnold calls "the highest earthly work—the work of government"; and that work is becoming more complex and difficult with the advance of our civilization to the Pacific, and with the problems political and industrial, financial and commercial, educational and social, that in succession or in joint array arise and confront us. To these are added a continuing wave of immigration of unexpected magnitude, and representing frequently civilizations inferior, alien, and hostile to our own. It is true that the more intelligent and better part come to appreciate and cherish American institutions, and to welcome for their children the common school that will fit them for American citizenship, and raise them politically and socially to a higher plane of civilization; but there comes also a vast multitude who in their ignorance are ready to subvert our institutions, to supersede our national principles and rights, which they do not understand, and even in some cases to force into our public schools not only un-American ideas, but a foreign tongue.³⁵¹

Para os presidentes George Hoar e George Fisher, a História seria importante para a construção de um senso de orgulho do país em seus cidadãos. Em seus discursos, analisados em detalhes na seção anterior, ambos trataram da depreciação de personagens históricos como

³⁵¹ "Nossas escolas comuns destinam-se a encaixar a juventude da América para o que Arnold chama de "o mais alto trabalho terreno - o trabalho do governo"; e esse trabalho está se tornando mais complexo e difícil com o avanço de nossa civilização para o Pacífico e com os problemas políticos e industriais, financeiros e comerciais, educacionais e sociais, que em sucessão ou em matriz conjunta surgem e nos confrontam. A estes acrescenta-se uma onda contínua de imigração de magnitude inesperada, representando frequentemente civilizações inferiores, estranhas e hostis à nossa. É verdade que a parte mais inteligente e melhor passa a apreciar e valorizar as instituições americanas e a acolher para os filhos à escola comum que lhes servirá para a cidadania americana e elevá-las política e socialmente a um plano superior de civilização; mas também vem uma vasta multidão que, em sua ignorância, está pronta para subverter nossas instituições, para suplantar nossos princípios e direitos nacionais, que eles não entendem e, em alguns casos, forçar em nossas escolas públicas não apenas ideias não americanas, mas uma língua estrangeira." Não foi encontrado o relatório de atividades da associação desse ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado, JAY, John. The Demand for Education in American History... op. cit.

negativas para a constituição de um patriotismo, sendo tarefa do historiador americano colaborar para esse senso.³⁵²

Theodore Roosevelt também valorizou a História como importante para a cidadania em seu discurso sobre a História como literatura. Como tivemos a oportunidade de ver anteriormente, a função mais imediata da História seria a de educar para uma cidadania democrática, mas também seria importante para a inspiração do ser humano:

*History, taught for a directly and immediately useful purpose to pupils and the teachers of pupils, is one of the necessary features of a sound education in democratic citizenship. [...] But the historical work which does possess literary quality may be a permanent contribution to the sum of man's wisdom, enjoyment, and inspiration. The writer of such a book must add wisdom to knowledge, and the gift of expression to the gift of imagination.*³⁵³

Ao abordar a democracia americana como sendo mais do que uma forma de governo, mas também um espírito de sua nação, McLaughlin justificou a importância de se atentar para as questões subjetivas do passado como primordiais para um conhecimento mais complexo de seu passado, sendo a autoconsciência necessária a uma nação que pretenda ser grande:

*We may well question whether a nation can ever become truly great without intense self-consciousness and self-appreciation, and, however closely the historian may cling to ideals of scientific objectivity, he may well believe that one duty of historical study and writing is to help make a nation conscious of its most real self, by bringing before it its own activity and the evidences of its own psychology.*³⁵⁴

No que se refere à História como busca pela chave de compreensão do desenvolvimento do mundo, alguns discursos se destacam. Vale lembrar que essa busca parte de uma percepção de que a História possui um sentido e que caminha em direção ao seu destino. Essa concepção é fruto do regime moderno de historicidade, abordado na Introdução, onde o tempo é compreendido como uma linha reta que rumo em direção ao progresso inevitável. Nesta

³⁵² HOAR, George F. Popular Discontent with Representative Government... op. cit. e FISHER, George Park. The Function of the Historian as a Judge of Historic Persons...

³⁵³ “A história, ensinada para um propósito direto e imediatamente útil aos alunos e seus professores, é um dos elementos necessários para uma educação sólida em cidadania democrática. [...] Mas o trabalho histórico que possui qualidade literária pode ser uma contribuição permanente para a soma da sabedoria, do prazer e da inspiração do homem. O escritor de tal livro deve adicionar sabedoria ao conhecimento, e o dom da expressão ao dom da imaginação.”, ROOSEVELT, Theodore. History as Literature... op. cit. p.476

³⁵⁴ “Podemos muito bem questionar se uma nação pode se tornar verdadeiramente grande sem intensa autoconsciência e auto apreciação, e, por mais que o historiador possa se apegar a ideais de objetividade científica, ele pode muito bem acreditar que um dever do estudo e da escrita históricos é ajudar a tornar uma nação consciente de seu eu mais real, trazendo à ela sua própria atividade e as evidências de sua própria psicologia.”, MCLAUGHLIN, Andrew C. American History and American Democracy... op. cit. p.258

concepção sobre a História, foi comum a busca por leis do desenvolvimento que ajudassem a estabelecer o sentido do destino histórico.

O primeiro presidente da associação, Andrew Dickson White³⁵⁵, falou em seu discurso que no conhecimento histórico existem dois campos, o estudo especializado e o estudo geral, que em alguns momentos chama de síntese filosófica. Os estudos especializados constituiriam um trabalho nobre do historiador porque levariam à síntese filosófica, esta sim, essencial ao conhecimento humano, de onde se poderia alcançar as leis do desenvolvimento histórico:

*Hence it would appear that, precious as special investigations may be, most precious of all is that synthesis made by enlightened men looking over large fields, in the light of the best results of special historical research, to show us through what cycles of birth, growth, and decay various nations have passed; what laws of development may be fairly considered as ascertained, and under these what laws of religious, moral, intellectual, social, and political health or disease; what developments have been good, aiding in the evolution of that which is best in man and in society; what developments have been evil, tending to the retrogression of man and society; how various nations have stumbled and fallen into fearful errors, and by what processes they have been brought out of those errors; how much the mass of men as a whole, acting upon each other in accordance with the general laws of development in animate nature, have tended to perfect man and society; and how much certain individual minds, which have risen either as the result of thought in their time, or in spite of it—in defiance of any law which we can formulate—have contributed toward this evolution..*³⁵⁶

O discurso de White não é apenas uma mensagem de um presidente aos seus colegas, mas um discurso de “inauguração” da associação. Mais do que sua concepção sobre a disciplina, demonstra o que espera da nascente American Historical Association, e, como podemos notar, há uma expectativa otimista em relação ao trabalho de seus colegas na produção de sínteses filosóficas:

³⁵⁵ Andrew Dickson White (1832 – 1918) foi historiador e professor, tendo sido o primeiro presidente da AHA. Trabalhou muitos anos na *University of Michigan* e posteriormente foi o primeiro reitor da *Cornell University*, instituição que ajudou a fundar.

³⁵⁶ “Daí parece que, por mais preciosas que sejam as investigações especiais, a mais preciosa de todas é a síntese feita por homens iluminados que examinam grandes campos, à luz dos melhores resultados de pesquisas históricas especiais, nos mostrando através de que ciclos de nascimento, crescimento e decadência, várias nações passaram; que leis de desenvolvimento podem ser consideradas de forma justa e, sob essas leis, quais são as leis de saúde ou doença religiosa, moral, intelectual, social e política; que desenvolvimentos foram bons, auxiliando na evolução daquilo que é melhor no homem e na sociedade; que desenvolvimentos foram maus, tendendo ao retrocesso do homem e da sociedade; como várias nações tropeçaram e caíram em erros temerosos, e por quais processos foram tirados desses erros; quanto a massa de homens como um todo, agindo um sobre o outro de acordo com as leis gerais de desenvolvimento na natureza animada, tendeu a aperfeiçoar o homem e a sociedade; e o quanto certas mentes individuais, que surgiram como resultado do pensamento em seu tempo, ou apesar disso - desafiando qualquer lei que possamos formular - contribuíram para essa evolução.”, WHITE, Andrew Dickson. *On Studies in General History and the History of Civilization*. In. *Papers of the American Historical Association*, vol. I (1886), p.50-51

*It is to be hoped then that at the future meetings of an Association such as we now contemplate papers may be frequently presented giving the results not only of good special work in history and biography, work requiring keen critical analysis, but of good work in the larger field requiring a philosophical synthesis. There ought certainly to be a section or sections in American history, general and local, and perhaps in other special fields; but there ought to be also a section or sections devoted to general history, the history of civilization, and the philosophy of history.*³⁵⁷

No discurso de Mahan, tratado anteriormente, onde abordaou a subordinação da multiplicidade de fatos a uma unidade, justifica o trabalho do historiador como sendo de ordenação dos fatos na busca da unidade verdadeira, onde tudo faz parte de um grande progresso que se encaminha a sua consumação: “*All form part of the great progress as it moves onward to its consummation; all minister to its effectiveness as an epic; all enhance—some more, some less—the majesty, not merely of the several stages, but of the entire history up to that dire catastrophe—that fall of Troy—which posterity can now see impending from the first.*”³⁵⁸

Mahan concebe a História como o cumprimento de um complexo plano da Providência, onde cada evento constituiria uma peça de um grande mosaico harmonioso, sendo a tarefa conjunta dos historiadores, através de suas pesquisas particulares, revelar a unidade do trabalho do “Arquiteto Divino”.

Para Turner, o objetivo final do trabalho do historiador não seria tanto o de buscar a chave para o desenvolvimento histórico, uma vez que, como argumenta em seu texto, haeria diversas forças atuando sobre a sociedade, mas sim, a de alcançar uma compreensão mais complexa sobre as forças que operam em sua constituição.³⁵⁹ É interessante notar que essas afirmações compreendem uma mudança profunda em relação ao que afirmou em seu principal ensaio “*The Significance of the Frontier...*”, onde defendeu que a chave para a compreensão de seu país e

³⁵⁷ “Espera-se, então, que no futuro, nas reuniões da Associação, como a que agora contemplamos, sejam frequentemente apresentados textos trazendo os resultados, não apenas de bons trabalhos especiais em história e biografia, trabalhos que requeiram análise crítica aguçada, mas bons trabalhos no largo campo que requeira uma síntese filosófica. Certamente, deve haver uma seção ou seções sobre história americana, geral e local, e talvez em outros campos especiais; mas deve haver também uma seção ou seções dedicadas à história geral, à história da civilização e à filosofia da história.”, Idem, *ibidem*. p.71

³⁵⁸ “Todos fazem parte do grande progresso à medida que avança para sua consumação; todos ministram a sua eficácia como um épico; todos melhoram - alguns mais, alguns menos - a excelência, não apenas dos vários estágios, mas de toda a história até aquela terrível catástrofe - aquela queda de Tróia - que a posteridade agora pode ver iminente desde o princípio.”, Não foi encontrado o relatório de atividades da associação desse ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado, MAHAN, Alfred Thayer. *Subordination in Historical Treatment...* op. cit.

³⁵⁹ TURNER, Frederick Jackson. *Social Forces in American History...* op. cit.

suas instituições se encontraria na fronteira.³⁶⁰ A diferença está no fato de que, quase vinte anos depois, Turner percebia a constituição social como sendo resultado de diversas forças, possuindo uma concepção multicausal da História.

*

Muito rapidamente a História ergueu os pilares sobre os quais se constituiria como disciplina, a partir de meados do século XIX, definindo como horizonte a ciência e afastando-se da Literatura. Esses pilares, não há dúvida, foram amplamente conhecidos pelos historiadores desde a sua institucionalização, mas, diferentemente do que esperaríamos ao olharmos a questão de uma maneira apressada, as maneiras pelas quais esses pilares foram tomados foram diversas, tendo sido a História um campo bastante heterogêneo em suas primeiras gerações.

A American Historical Association surgiu com o objetivo de reunir os envolvidos no “empreendimento histórico”, possibilitando discussões e representando um espaço de auxílio mútuo nas pesquisas entre os profissionais. Ao observarmos a associação de perto, através de seus presidentes, tivemos a oportunidade de constatar essa heterogeneidade, que se deu tanto pela multiplicidade de atores presentes naquele local quanto em suas ideias.

Vimos, assim, que por mais de vinte anos, os membros do Conselho Executivo da AHA tomaram a presidência como local de destaque a sujeitos influentes, com a finalidade de garantir benefícios e impulsionar a nascente profissão, o que ficou evidente ao notarmos que grande parte dos presidentes durante o recorte temporal selecionado não eram profissionais, mais sim amadores que possuíam outras ocupações (políticos, diplomatas, advogados, etc.) Esses homens possuíam ideias distintas sobre seu campo, demonstrando que, mesmo no momento em que a História disciplinada impunha com força seus dogmas, nenhum ponto foi de consenso: a objetividade, questão tão cara ao se reivindicar a cientificidade, foi colocada em questão quando pontuaram que seria impossível uma escrita livre das preocupações do historiador; a verdade, valor máximo do cientista, foi compreendida de maneiras diversas; a imaginação, tão negada pela História, foi tomada por alguns historiadores como essencial para dar vida às narrativas.

Há muitas décadas se fala em crise da História e da incapacidade entre historiadores de concordar minimamente sobre os pilares de sua disciplina, teorias e metodologias mais

³⁶⁰ TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana... op. cit.

adequadas, e principalmente, sobre a natureza de seu campo. O que busquei demonstrar através da análise dos discursos dos presidentes das primeiras gerações de profissionais é que esse consenso nunca existiu, sendo a História um eterno campo em disputa.

“A HISTÓRIA DA HISTÓRIA NOS ESTADOS UNIDOS: DE 1884 A 1914”

Ou “Considerações Finais”

A Ciência é uma idosa bastante sabida e bastante neurótica, que desde o seu nascimento, nos idos tempos em que se acreditava que o mundo era uma tábua reta, tinha a presunção de que seria de sua caneta que sairiam as respostas para todas as coisas do mundo: as que não existiam mais, as já inventadas e as que um dia viriam a ser. Ela sonhava em ser generosa, e a todos do planeta explicar o funcionamento técnico do universo. Quando jovem, ainda tinha um certo respeito pelos mais velhos, e por mais que tivesse o costume chato de desdizer tudo o que havia sido dito antes, não se atrevia a se meter em explicações mais profundas sobre o sentido da existência, deixando que a Religião ou a Filosofia, mais antigas e mais poderosas, se encarregassem disso.

Mas conforme foi ficando adulta, a Ciência perdeu completamente o respeito pelas outras velhas, principalmente pela senhora Religião, e achou que já estava mais do que na hora de aposentá-las e enviá-las a um asilo, tomando para si a tarefa de explicar, não somente o mundo material, mas a sociedade, os seres humanos e os desumanos também. Nessa época, já tinha por volta de trezentos anos, estava em seu pleno vigor físico; mais valorizada e estimada do que nunca; orgulhosa de suas criações, porque os ensinamentos que trouxera para o mundo haviam motivado muitos avanços técnicos. Mas agora era a hora de dar um grande passo, de dedicar os próximos anos de sua existência (que seriam longos, se-Deus-quiser-amém!) à escrita de “O Grande Livro da Humanidade: de suas origens ao século XIX” – esse título, disse a Ciência, seria provisório, já que o recorte temporal permaneceria eternamente em aberto, uma vez que, com o passar dos anos, novos capítulos seriam adicionados.³⁶¹

Para o projeto de escrita de sua obra prima, gerou algumas filhas, imaginando, em sua gestação, que seriam eternamente amigas, que cada uma ficaria responsável por um aspecto da sociedade e que, ao final, dariam a sua mãe os resultados de todo o trabalho que haviam feito ao longo de suas vidas, permitindo uma grande síntese no livro supracitado. Estas filhas, tão pequenas e tão amadas, se chamariam Ciência Política, Ciência Social, Economia, Geografia e História. Estas meninas fariam o trabalho que outros há séculos vinham fazendo, mas de uma

³⁶¹ Desde o século XVI, vinha se desenvolvendo no Ocidente um modelo de racionalidade da ciência moderna. Esse modelo chegou às ciências sociais no século XIX, tornando-se então um modelo de racionalidade global e totalitário, negando a racionalidade das outras formas de conhecimento. SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna... op. cit. p.48

maneira disciplinada, já que a mãe Ciência prezava muito pela ordem e pelo respeito às suas regras.³⁶² Às suas filhas deu como casa o grande palácio chamado Universidade. Enorme, suntuoso, imponente, com torres enormes construídas com marfim. Nesta casa, encontravam toda a estrutura necessária para que crescessem fortes e saudáveis: bibliotecas, salas onde ocorreriam seminários, e empregados qualificadíssimos e disciplinados, chamados de “pesquisadores”.

A História, que é a filha que nos importa aqui, era de todas, a mais instigante, a mais inteligente, a mais misteriosa e, sem sombra de dúvidas, a mais bonita.³⁶³ A ela coube a tarefa mais difícil, a de explicar as coisas que foram, mas já não são mais, e as coisas que foram e que ainda continuam sendo.

Da História se tinha grandes expectativas: esperava-se que fosse sempre racional, que seguisse sempre as regras estabelecidas por sua mãe e que falasse sempre em seu nome, que só dissesse a verdade, que fosse imparcial e justa, que não permitisse subjetividade e que fosse uma senhora rígida com seus empregados – que chamava carinhosamente de historiadores. Somente assim, poderia alcançar o seu destino, o de responder como funciona a sociedade, trazendo o sentido da existência, acalmando os corações humanos, que desde a aposentadoria da Religião e da Filosofia, vagavam pelo mundo sem saber muito bem qual direção tomar.

Nos Estados Unidos, em seus primeiros anos, a História reuniu seus historiadores decidida a transformá-los em verdadeiros profissionais, capazes de realizar com destreza sua nobre tarefa de escrever as histórias das pequenas coisas que depois seriam reunidas em “A História de Todas as Coisas”. Os empregados seriam treinados de maneira rigorosíssima dentro da própria Universidade, não seriam como os antigos amadores que aprendiam sozinhos, de qualquer jeito, em suas casas, sem ninguém supervisionando seu rigor, seu método, seus resultados.³⁶⁴ Eles aprenderiam a usar vestígios do passado e como criticá-los, aprenderiam

³⁶² Ao mesmo tempo em que a História se constituía em disciplina científica, dezenas de outras áreas de conhecimento também passavam por esse processo, num contexto mais amplo de surgimento da universidade moderna e constituição de disciplinas para explicar uma sociedade urbanizada e industrial em rápido desenvolvimento.

³⁶³ Vale lembrar que quem está contando a história da História é um ser humano com subjetividade, e que a adjetivação, quem sabe exagerada, parte de sua visão, esta movida por questões particulares que não possuem relevância para a narrativa, porque sejamos francos: ninguém se importa com o que aconteceu com ela na sétima série.

³⁶⁴ Os primeiros historiadores americanos foram clérigos puritanos, depois foram os aristocratas, com tempo e dinheiro suficiente para levar adiante pesquisas históricas, a mais cara atividade intelectual, HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op.cit. p.26. A profissionalização possibilitou que os pesquisadores não fossem onerados com suas pesquisas, pois, além de constituir um emprego, tinham acesso aos materiais necessários para as investigações, HAMEROW, Theodore S. *The Professionalization of Historical Learning...* op. cit. p.321

métodos para analisar esses documentos, teriam acesso a bibliotecas com os melhores livros para amparar suas pesquisas, aprenderiam a maneira mais correta de narrar os resultados de suas investigações e, depois de alguns longos anos de treinamento, entregariam um longo texto chamado “tese”, com alguma contribuição original à construção do grande livro da História.³⁶⁵

Esse trabalho seria avaliado por empregados mais antigos, com mais experiência no ofício, que diriam se o aspirante a historiador estava pronto ou não para formar o seleto grupo que trabalharia definitivamente para a História. Se aprovado, seria chamado de “Doutor”. Os trabalhos desses pesquisadores seriam publicados em periódicos que seriam criados por eles mesmos para tornar suas pesquisas mais acessíveis aos colegas.³⁶⁶

Nos primeiros anos de sua empreitada, havia poucos historiadores doutores, e por isso a História permitia que pessoas sem esse título trabalhassem para ela, desde que conhecessem os procedimentos por ela exigidos. Obviamente, sempre há exceções. Havia empregados amadores trabalhando para ela na Universidade, mas que, por serem velhos, estarem lá há muito tempo (desde antes dela nascer) e serem pessoas queridas e gostadas pelos leigos, fazia vista grossa e deixava que mantivessem o cargo, pelo menos até ter profissionais suficientes.³⁶⁷

Dentre todos os empregados que formou nos Estados Unidos no início de sua jornada, um em particular mereceu o carinho e consideração da História pelo tanto que a ajudou na missão que havia recebido da mãe Ciência. Frederick Jackson Turner era seu nome. Além de possuir um talento único para a realização de sua tarefa de escrever a história de uma pequena coisa (que no caso foi a história do Oeste de seu país), Fritz, como era chamado carinhosamente, ajudou muito na formação de outras dezenas de pesquisadores.

Turner era muito dedicado à Universidade, ao longo dos anos em que esteve na sede de Wisconsin, em Madison, trabalhou ativamente em nome de sua senhora no esforço de que ela tivesse mais espaço na casa da Ciência e que recebesse mais dinheiro para possuir mais pesquisadores, comprar mais livros e assim, conquistar melhores resultados em sua missão. Além disso, Turner ajudou a formar dezenas de outros pesquisadores, ensinando a eles os métodos científicos.

³⁶⁵ Com a disciplinarização, surgiu a exigência de que os pesquisadores passassem por educação formal em instituições universitárias e, com o passar dos anos, o título de “doutor”, obtido através de pesquisa original, seria pré-requisito para se obter cargos nessas instituições.

³⁶⁶ A constituição da história em disciplina exigia que as pesquisas passassem pela validação dos pares, sendo importante os periódicos para que as pesquisas fossem facilmente acessadas.

³⁶⁷ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op.cit. p.46

Fritz desenvolveu uma teoria que se pretendia explicativa do desenvolvimento de seu país, que havia ficado muito popular, a chamada *frontier thesis*, que logo alcançou prestígio em âmbito nacional. Em resumo, essa teoria afirmava que a chave explicativa para o desenvolvimento histórico dos Estados Unidos estava no Oeste, na conquista de terras livres, e não no Leste. O historiador era muito perspicaz, qualidade que a História admirava muito, e soube usar esse prestígio para conseguir as coisas que queria, tanto condições melhores para a História na Universidade, quanto melhorias na sua condição como historiador, como aumentos em seu salário e uma licença para dar aulas em apenas um semestre do ano.³⁶⁸

Turner teve muitos alunos, por quem, em muitas vezes, desenvolveu uma relação de amizade. Ele usou de seu prestígio para auxiliá-los a conquistar boas posições profissionais através de cartas de recomendações a colegas que o admiravam. Além disso, não eram poucos os que o queriam trabalhando ao seu lado, fazendo com que Turner recebesse com frequência convites para deixar Wisconsin. Ao longo dos anos em que trabalhou para a História, Turner usou seu talento, perspicácia, carisma e influência para disseminar sua teoria sobre o desenvolvimento de seu país a outras instituições e pesquisadores, fazendo com que, no início do século XX, muitos dos pesquisadores da História utilizassem as lições aprendidas com Turner para realizarem seus trabalhos de pesquisa.

Assim, Turner ajudou sua senhora na grande tarefa que teve nos seus primeiros anos de existência, que era a de formar um contingente de profissionais, ensinando-os a trabalhar seguindo as regras da mãe Ciência. Mas, além disso, esteve presente no árduo caminho de conquistar mais espaço na Universidade, assim como mais recursos para as pesquisas. Nesses primeiros anos, a História permitiu que seus pesquisadores criassem uma associação, a American Historical Association, que reuniria os historiadores de todo o país: os já profissionais, os que ainda não eram mas pretendiam ser, os que não eram mas queriam ser, os que não eram e nunca viriam a ser, os que não eram e nem queriam ser, os que trabalhavam para suas irmãs e alguns políticos, porque ter por perto gente com influência é sempre bom. Essa associação tinha como objetivo juntar todas essas pessoas que queria contribuir com a tarefa da História num espaço de diálogo, reflexões sobre suas pesquisas, de troca de materiais

³⁶⁸ Turner é um interessante personagem do contexto de profissionalização e disciplinarização da História em seu país. Isso porque desenvolveu uma teoria explicativa do caráter americano utilizando os métodos estabelecidos na época que teve grande alcance entre seus pares. Além disso, o historiador utilizou suas relações pessoais, prestígio e carisma para conquistar uma melhor posição para a história em sua universidade, melhorar suas condições de emprego e disseminar sua teoria, sendo um agente ativo no processo de profissionalização.

e de busca por mais espaço na casa da Ciência.³⁶⁹ Não é de se admirar que também aqui, por longos anos, atuou Frederick Jackson Turner.

Anos depois, olhando retrospectivamente, alguns pesquisadores, que tinham escolhido como tema de pesquisa a história da História, chamaram esse trabalho, que durou cerca de trinta anos, de profissionalização da História, por corresponder aos anos de esforços para a criação de um aparato institucional que formasse profissionais e possibilitasse as pesquisas. Mas trabalho diferente e muito mais árduo seria o de disciplinar seus historiadores, o de estabelecer as regras para seu trabalho, tarefa que ficou conhecida como “disciplinarização”.³⁷⁰

Como filha da Ciência, impunha regras bastante rígidas aos seus funcionários, principalmente ao longo dos primeiros anos em que tentou disciplina-los. Exigia deles o compromisso com a verdade, que escrevessem textos imparciais e objetivos, que analisassem com muito rigor as evidências, que pesquisassem somente temas relevantes da sociedade, como política e guerras, que ficassem o mais longe possível da retórica, narrando as coisas exatamente como aconteceram, e que nunca esquecessem para quem trabalhavam: para a História, filha da Ciência, e não para a Literatura, filha da Arte!³⁷¹

Pobre da História, tão jovem e já tão cheia de responsabilidades! Vivia eternamente angustiada por responder às altas expectativas de sua mãe, e assim, ainda muito jovem, começou a ter seríssimas crises existenciais (que, diga-se de passagem, duram até hoje!).

Por mais que a História exigisse de seus historiadores que respeitassem a disciplina que haviam aprendido em sua formação profissional, a própria não tinha muita convicção das suas regras. Sabia que queria a verdade para colocar em seu livro, mas, afinal, o que é verdade? Queria que as pesquisas de seus historiadores fossem objetivas, que narrassem os eventos tais

³⁶⁹ Dezenas de associações científicas foram criadas nesse contexto de finais do século XIX. A AHA tinha como objetivo reunir os diversos trabalhadores do empreendimento histórico, num esforço conjunto de promover pesquisas sobre o passado. Com o passar dos anos, demonstra Townsend, a associação foi sendo cada vez mais dominada por historiadores profissionais, migrando os outros membros para outras associações, TOWNSEND, Robert B. *History's Babel...* op. cit.

³⁷⁰ Um dos principais objetivos desta pesquisa era o de diferenciar esses dois processos que foram concomitantes nos Estados Unidos e que, por muitas vezes, são confundidos como sendo um só. Assim, a profissionalização diz respeito à criação das estruturas necessárias para que a disciplina possa ser exercida, ou seja: criação de espaço nas universidades, formação de profissionais a partir dos critérios estabelecidos pela própria disciplina, criação de associações e periódicos, constituindo espaços de diálogo entre os profissionais, de ajuda mútua e de acesso aos trabalhos dos pares. Já a disciplinarização é o processo que faz com que toda essa estrutura seja necessária. Ela diz respeito à constituição de identidade de uma área do conhecimento, estabelecendo suas regras, quais são seus objetos, o que é permitido e principalmente, o que não é, em seus procedimentos, demandando uma estrutura onde as pesquisas sejam viabilizadas e onde seus membros sejam treinados, a partir de seus parâmetros estabelecidos.

³⁷¹ Hayden White fala que a constituição de uma disciplina ocorre através do estabelecimento de regras, onde o que pode e o que não pode é definido. No caso da História, foi central a “desretorização” para afastá-la de vez da literatura, WHITE, Hayden. *La Política de la Interpretación Historica...* op. Cit.

quais ocorreram. Mas seria isso possível? Será que um pedacinho do pesquisador não ficava grudado no texto? Se dois de seus funcionários pegassem o mesmo tema, com as mesmas evidências e os mesmos livros de apoio, tinha certeza de que, mesmo assim, sairiam trabalhos diferentes. Mas por que, se se deveria narrar as coisas “tais quais ocorreram”? Seria essa a presença da subjetividade, esses olhares que se direcionam para a mesma coisa e que enxergam coisas diferentes? E como escrever? Sua mãe havia lhe ensinado que uma filha da Ciência não escreve como se fosse filha da Literatura, que a criatividade está ligada à ficção, à mentira, e que cria sua própria verdade. Então teriam os textos de ser sem imaginação? Seria isso possível? Teriam os textos de ser sem retórica? Mas como convencer? Sua mãe dizia que não há nada mais convincente do que a verdade, o que encerrava a questão.

Mas a pergunta que mais lhe tirava o sono, que martelava dia e noite em sua cabeça era “por que estou fazendo tudo isso?”. Sua mãe dizia que logo encontraria as leis que regem a humanidade, e quando isso acontecesse, o universo seria atribuído de sentido, que haveria consenso, que todos no mundo acreditariam na mesma coisa, como na época em que a Religião era vigorosa e tinha um livro definitivo. Nessa época, quando alguém queria saber a verdade, era só pegar o livro; até existia discordância, mas mesmo assim, é mais fácil concordar quando se tem só um livro.

Só que essas questões que ecoando continuamente eram o menor de seus problemas, o problema mesmo eram seus pesquisadores que, como se conseguissem sentir o cheiro da dúvida, começaram a questionar essas coisas também, alguns indo até mais longe do que a História havia ido em suas inquietações. E se ela não fosse filha da Ciência, mas sim da Literatura?

Quando lhe sugeriram isso ficou por um tempo perplexa, mas depois percebeu que fazia sentido. Antes de nascer História, alguém contava as coisas do passado, e esse alguém certamente fazia isso sem um pingote de disciplina, com um monte de floreios e artifícios de convencimento, um alguém assim só poderia ser filho da Literatura, neto da Arte. Mas e se ela, História, tivesse sido parida da Literatura e adotada pela Ciência?

Seus historiadores angustiavam-se com as dúvidas tanto quanto sua senhora, muito pelo amor que lhe tinham, mas mais ainda por viverem das pesquisas e temerem por seus empregos. Se ela, afinal, não fosse filha legítima da Ciência, poderiam permanecer vivendo como viviam na Universidade? Ou teriam de mudar-se para o quarto da Literatura? Ou pior, pegar suas trouxas e retornar às suas bibliotecas particulares? Assim, desde os primeiros dias de trabalho

disciplinado, que coincidiram com os primeiros surtos de questionamento, tomaram para si a tarefa de buscar respostas sobre o que fazer e como fazer, para dar sentido à vida de sua tão amada História.

Esses profissionais e mais todos os frequentadores da associação histórica citados anteriormente, reuniam-se todo o ano para falar de suas pesquisas e critica-las mutuamente. Nesses encontros, ficava evidente que, por mais que servissem à mesma senhora, eram extremamente diferentes entre si. A começar pelas profissões: nos primeiros anos da associação, a maioria não era profissional. Os que eram, haviam sido treinados na casa da Ciência, mas tiveram como professores pessoas muito diferentes, tendo aprendido coisas diferentes uns dos outros. Além disso, haviam lido coisas diferente, vivido situações diferentes e, mesmo que tivessem vivido o mesmo, teriam tirado lições diferentes de suas vivências. Ou seja, eram indivíduos singulares, e, por mais que fossem todos muito bem intencionados, não poderiam pensar da mesma maneira.

Sabiam de cor e salteado as regras da disciplina, mas será que compreendiam dela todos a mesma coisa? Se olharmos para o que diziam os primeiros presidentes da AHA, veremos que não.

Cada um estudava um pedacinho do passado e, ao falar sobre sua pesquisa aos colegas, tentava convencer de que o ponto de vista certo para compreender melhor o passado (não apenas o seu pedacinho, mas tudo o que já foi) era usando o mesmo olhar que estava usando em seu trabalho. Ou seja, cada um queria mostrar aos outros o quanto a pesquisa que fazia seria mais importante quando a História recolhesse o que haviam feito para reunir em seu grande livro.³⁷² Esses historiadores muitas vezes argumentavam que, antes deles, muitos já haviam escrito sobre as instituições políticas e sobre o conflitos militares, que era chegada a hora de outros aspectos da sociedade e outros sujeitos, até então negligenciados pela História, ganharem algumas páginas.³⁷³

³⁷² Aqui me refiro aos discursos que são quase que manifestos a um campo de estudos, como o de Angell, McMaster e Jameson, onde o primeiro fez um chamado à importância da história diplomáticos e os últimos argumentaram que a história religiosa constitui um rico ponto de partida para a compreensão da sociedade americana por permitirem uma visão mais amplas de vários campos e de grupos sociais, JAMES, Burrill Angell. *The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians...* op. cit.; JAMESON, John Franklin. *The American Acta Sanctorum...* op. cit.; MCMASTER, John Bach. *Old Standards of Public Morals...* op. cit.

³⁷³ A questão de uma saída da história política e militar para que outros aspectos da sociedade e outros sujeitos, além dos “grandes homens”, foi uma preocupação do movimento intelectual da Nova História no início do século XX, onde buscavam responder às críticas dos leigos e dos cientistas sociais sobre o isolamento da história, HIGHAM, John. *History...* op. cit.

A questão de quem seria a verdadeira mãe da História dificilmente era lançada abertamente por conta do respeito que os súditos tinham pela mãe de sua senhora, mas esta era sempre uma nuvem cinza pairando no ar. Às vezes, timidamente, fala-se sobre nas entrelinhas, mas outras, bastante raras, algum corajoso (ou sem noção), falava em alto e bom som, fazendo com que dezenas de cabeças balançassem de um lado para o outro em nítida desaprovação. Um caso desses foi o de Adams, não o que foi presidente em 1880, nem o de 1901, muito menos o de 1909. Aquele Adams de 1894, o Henry, que falou que a História não conseguia ser filha da Ciência porque não conseguia mostrar as leis que regem a humanidade, mas que, no fim, isso era até bom, porque se fosse *mesmo* filha da Ciência, abalaria a Igreja, o Estado e o Capital, porque mostraria que suas verdades não são verdades coisíssima nenhuma.³⁷⁴ Assim como Adams, Smith – esse, até onde se sabe, único, pelo menos até 1914 -, falou que a História só poderia ser filha da Filosofia, porque tenta compreender coisas que não são fixas, o que impede que leis sejam formuladas.³⁷⁵

Roosevelt (um sujeito que gostava muito de ser presidente, havia sido presidente dos Estados Unidos e, quando seu mandato acabou, sentindo saudades do cargo, virou presidente da associação de historiadores) era amante fervoroso da História, e buscou ajudá-la a compreender sua identidade de uma maneira conciliatória, afirmando que era *sim* filha da Ciência, mas também da Literatura, e que só teria a ganhar abraçando esses dois aspectos formadores de sua identidade, tornando-se mais forte e respondendo aos anseios dos que buscavam a verdade e dos que buscavam arte.³⁷⁶

Todos os funcionários da História respeitavam cegamente a principal regra imposta pela mãe Ciência: o compromisso incondicional com a verdade. Mas o que seria a verdade? Para o historiador Mahan, é a ordenação dos eventos relevantes do passado, demonstrando o trabalho do “arquiteto divino”. Por mais bem intencionado que fosse, a História sempre o olhava com desconfiança, considerando que este estava no emprego errado.³⁷⁷ Mas visão muito diferente possuía Dunning, para quem a verdade dos fatos, “tais como aconteceram” não era tão importante quanto o que as pessoas do passado acreditavam ser verdade sobre eles. Assim, por mais contraditório que pareça, a verdade do passado reside na mentira que os antigos

³⁷⁴ ADAMS, Henry. *The Tendency of History...* op. cit.

³⁷⁵ SMITH, Goldwin. *The Treatment of History...* op. cit.

³⁷⁶ O discurso de Roosevelt está também inserido nas reflexões da Nova História e é uma tentativa de resposta aos leigos que criticavam o afastamento da história ao público geral por conta de sua linguagem dura, cientificizada. Como vimos no Capítulo 2, há uma percepção de separação entre investigação e apresentação, onde uma é ciência e a outra pode ser literatura, HIGHAM, John. *History...* op. cit.

³⁷⁷ MAHAN, Alfred Thayer. *Subordination in Historical Treatment...* op. cit.

acreditavam ser verdade.³⁷⁸ Outros, por mais que jurassem que morreriam pela verdade, achavam que mais importante é não falar mal dos heróis nacionais porque a grande responsabilidade da História é servir ao seu país, fazendo com que as pessoas sintam orgulho dele.³⁷⁹

Por mais que uma das regras fosse a da objetividade, ao longo dos anos, principalmente por estarem preocupados com questões sociais de seu contexto, alguns historiadores começaram a argumentar que o olhar do investigador é movido conforme as questões de seu presente, sendo direcionado pela sua subjetividade. Eles não negavam a objetividade, tão cara à Ciência, mas ela estava nos eventos, não estando ausente a subjetividade do historiador.³⁸⁰

A História via com angústia as tentativas de seus pesquisadores de encontrar respostas que acalmassem suas crises. Isso porque essas tentativas levantavam ainda mais questões, demonstrando que, mesmo em seus primeiros anos, que eram para ser de otimismo extremo, não havia conseguido repostas definitivas para nada. Assim, seus aposentos na grande casa da Ciência, ao invés de serem um reino de harmonia, eram campo de batalha para seus diversos súditos, cada um tentando convencer sua senhora sobre qual seria o caminho a tomar.³⁸¹

Depois de tantos anos trabalhando arduamente para sua mãe, a História sabe que, ao longo desse caminho, descobriu muito sobre o passado. Desenvolveu teorias e métodos, encontrou mais documentos, formulou novas perguntas e achou diversas resposta. Ela tem plena certeza de que hoje, mais do que nunca, sabe mais sobre o que já aconteceu do que em qualquer outro momento, desde seu nascimento ou antes, mas diariamente se pergunta se, com tudo isso, conseguiu compreender melhor o mundo.³⁸²

³⁷⁸ DUNNING, William A. Truth in History... op. cit.

³⁷⁹ HOAR, George F. Popular Discontent with Representative Government... op. cit. e LEA, Henry Charles. Ethical Values in History... op. cit.

³⁸⁰ Esse olhar para o passado a partir das preocupações do presente ficou conhecido como presentismo, que representou uma resposta à crítica do isolamento da história com relação aos problemas da atualidade. Como mencionado, não havia uma negação da objetividade dos fatos, mas sim a consideração de que o pesquisador está situado em um lugar e que é movido pelas suas preocupações.

³⁸¹ A análise dos discursos dos presidentes da AHA demonstraram que, por mais que houvesse correntes teóricas dominantes nos primeiros anos da disciplina, em nenhum momento houve um consenso sobre como deveria ser o conhecimento histórico. Considero que isso seja resultado da heterogeneidade existente entre seus membros: vindos de profissões diferentes, instituições diferentes, sendo pesquisadores de campos diferentes, e com diferentes visões e expectativas sobre o mundo, não seria de se esperar que concebessem a história de uma forma homogênea.

³⁸² Essa é a questão tão instigante das reflexões de Max Weber sobre a modernidade. Com o desencantamento do mundo houve, de fato, um *maior* conhecimento sobre as coisas, mas seria esse um *melhor* conhecimento? Ele sugere que não, uma vez que a ciência não consegue explicar o sentido da existência, WEBER, Max. A ciência como vocação... op. cit.

Mas hoje a História sabe que não está sozinha. Com os horrores que aconteceram no século XX, possibilitados pelos conhecimentos revelados pela Ciência, a promessa de contínua melhoria do mundo foi descumprida, demonstrando que, ao contrário do que a mãe da História vinha afirmando categoricamente, o mundo não anda em linha reta em direção ao progresso.

A Ciência e suas filhas falharam ao tentar explicar o sentido da existência e escrever o livro definitivo, tal qual a Religião possuía. Todos os dias a História se pergunta se a falha não foi dela; se, ao questionar tanto sua identidade, não deu muita liberdade aos seus pesquisadores e permitiu que estes opinassem demais em suas regras, criando, assim, um exército de sujeitos bem intencionados mas incapazes de concordar minimamente entre si, que, ao invés de criar a grande narrativa sobre o passado do mundo, criaram pequenas narrativas discordantes, impossibilitando uma visão consensual sobre o mundo, como era na época do reinado da Religião, criando infinitas cosmovisões excludentes entre si.

Quando pensa nisso, a História se pergunta se já não é chegada a hora de apartar-se da Ciência – já que nunca conseguiu fazer com que seus historiadores seguissem realmente suas regras –, e deixar que reine a indisciplina, já que ela nunca foi muito disciplinada mesmo. Isso não quer dizer que deixaria de lado tudo o que aprendeu com a mãe que a criou, mas sim que seria bom aproximar-se da Literatura. Ao pensar nisso, a História percebe o tamanho da bobagem que está considerando, pois, com seu talento em olhar retrospectivamente, percebe que a Literatura (sendo sua verdadeira mãe ou não), sempre esteve lá, constituindo o seu ser, e que sua tarefa não é a de aproximação, mas sim a de reconhecimento e acolhida deste traço, estando, quem sabe aí, o caminho para trazer algum conforto às almas que vagam desamparadas pelo mundo.

BIBLIOGRAFIA

AVILA, Arthur Lima. História e Destino: a *frontier thesis* de Frederick Jackson Turner. Brasília: *Revista Cena Internacional*, v.7, 2005.

AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado em História), 2006.

AVILA, Arthur Lima de. (Re)Politizando a teoria da história em tempos de exceção: Hayden White e a crítica do presente. *ArtCultura Revista de História, Cultura e Arte Uberlândia*, v. 20, p. 21-35, 2018.

AVILA, Arthur Lima de. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. *REVISTA MARACANAN*, v. 0, p. 35-49, 2018.

AVILA, Arthur Lima de. *O fim da história e o fardo da temporalidade*. Porto Alegre: mimeo, 2017

BARROSO, Antonio Vinícius Lomeu Teixeira. *A virada linguística e o contextualismo linguístico: contribuições teóricas para se pensar a história intelectual*. Revista de Teoria da História, Ano 7, Volume 14, Número 2, Novembro/2015

BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner – Strange Roads Going Down*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998

BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner: Historian, Scholar, Teacher*. New York: Oxford University Press, 1973

BILLINGTON, Ray Allen. Tempest in Clio's Teapot: The American Historical Association Rebellion of 1915. *American Historical Review*, Vol. 78, No. 2 (Apr., 1973), pp. 348-369. <https://www.jstor.org/stable/1861172> Acesso em: 13/09/2018

CARPENTER, Ronald. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. San Marino, The Huntington Library, 1983. p.3

COLEMAN, William. Science and Symbol in the Turner Frontier Hypothesis. *The American Historical Review*, Vol. 72, No. 1 (Oct., 1966), pp. 22-49. <http://www.jstor.org/stable/1848169>, Acesso em 22 de maio de 2017

CRONON, William. Revisiting the Vanishing Frontier: The Legacy of Frederick Jackson Turner. *The Western Historical Quarterly*, Vol. 18, No.2 (Apr., 1987)

DECCA, Edgar & DECCA, Mauro. Carl Becker. In: *Lições de História: Da história científica e crítica da razão metódica no limiar do século XX* (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013

DE CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In.: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2010. pp.65-119

GALLO, Livia Amarante. *Fronteira entre o passado, o presente e o futuro: democracia e espaço na tese de Frederick Jackson Turner (1893-1932)*. Porto Alegre: UFRGS (Trabalho de Conclusão de Curso em História), 2016.

GONÇALVES, Sérgio Campos. Charles Beard. In: *Lições de História: Da história científica e crítica da razão metódica no limiar do século XX* (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013

GOULD, Stephen Jay. *Ever Since Darwin*. Toronto: Penguin Books, 1991

HAMEROW, Theodore S. The Professionalization of Historical Learning. *Reviews in American History*, Vol. 14, No. 3 (Sep., 1986), pp. 319-333, Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2702604>, acesso em 13 de maio de 2018

HARTOG, François. *Regimes de historicidade – presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

HIGHAM, John. *History: Professional Scholarship in America*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1983

HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1970.

HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1955

HOFSTADTER, Richard & METZGER, Walter P. *The Development of Academic Freedom in the United States*. New York: Columbia University Press, 1955

KOSELLECK, Reinhart. O futuro passado dos tempos modernos. In. *Futuro Passado: Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006

KNAUSS, Paulo. *Oeste Americano – Quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: EdUFF, 2004.

JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner –With Selection from His Correspondence*. New Haven: Yale Press, 1968

JAMESON, John Franklin. The American Historical Review, 1895-1920. In.: *The American Historical Review*, Vol. 26, No. 1 (Oct., 1920), pp. 1-17. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1835134>, acesso em: 13/01/2019

LIPSET, Seymour Martin. *American Exceptionalism: A Double-Edged Sword*. New York: Norton & Company, 1997

LINK, Arthur S. The American Historical Association, 1884-1984: Retrospect and Prospect. *The American Historical Review*, Vol. 90, No. 1 (Feb. 1985), pp. 1-17 Published by: Oxford University Press. <https://www.jstor.org/stable/1860746> Acesso em: 13-09-2018

LORENZ, Chris. Can Histories be True? Narrativism, Positivism, and the "Metaphorical Turn". In. *History and Theory*, Vol. 37, No. 3 (Oct., 1998), pp. 309-329

MALERBA, Jurandir (org.) *Lições de História: Da história científica e crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre, ediPUCRS, 2013

MALERBA, Jurandir. James Harvey Robinson. In: *Lições de História: Da história científica e crítica da razão metódica no limiar do século XX* (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013

MIGUEL, Aitor Bolaños de. Experimentos historiográficos postmodernos (3): diálogos entre la novela y la historia. Ouro Preto: *Revista História e Historiografia*. n. 16, dezembro de 2014. p. 217 - 238

MOURA, Gerson. *História de uma História*. São Paulo, Edusp, 1995

MUDROVCIC, Maria Inés. La Nación, el Tiempo Histórico y la Modernidad: la historia como síntoma. Buenos Aires: *Revista de la Facultad de Filosofía, Ciencias de la Educación y Humanidades*, 2012. p. 25 – 38

MUDROVCIC, Maria Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente. Zaragoza: *Historiografías*, 5 (Enero-Junio, 2013): pp.11-31.

NOBLE, David. *Historians Against History*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1965.

NOVICK, Peter. *That Noble Dream – The “Objectivity Question” and the American Historical Profession*. Cambridge: University Press, 2005

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz & LOVATO, Bárbara Hartung. *Introdução ao estudo da História: temas e textos*. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2013

ROBINSON, James Harvey. The New History. In.: Proceedings of the American Philosophical Society, Vol. 50, No. 199 (May - Aug.,1911), pp. 179-190 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/984033> acesso em: 04/09/2018

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. In.: *Estudos Avançados*, vol.2 no.2 São Paulo May/Aug. 1988. pp. 46-71

SCHLUCHTER, Wolfgang. O desencantamento do mundo: a visão da modernidade em Max Weber. In.: *O desencantamento do mundo – seis ensaios sobre Max Weber*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014

SORENSEN, Loyed R. Historical Currents in America. In.: *American Quarterly*, Vol. 7, No. 3 (Autumn, 1955), pp. 234-246. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2710616> acesso em: 04/09/2018

SOUZA, Melissa de Mello. *Brasil e Estados Unidos: a nação imaginada nas obras de Oliveira Lima e Jackson Turner*. Rio de Janeiro: PUC-RIO (Dissertação de Mestrado em 2003. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0015995_03_pretextual.pdf. Acesso em: 22 de abril de 2018

SMITH, Henry Nash. The Frontier Hypothesis and the Myth of the West. Baltimore: *American Quarterly*. Vol. 2, No. 1 (Spring, 1950), pp. 3-11. <http://www.jstor.org/stable/2710571>. Acesso em 22/05/2017

TASSEL, David D. Van. From Learned Society to Professional Organization: The American Historical Association, 1884-1900. *The American Historical Review*, Vol. 89, No. 4 (Oct., 1984), pp. 929-956

TOWNSEND, Robert B. *History's Babel: Scholarship, Professionalization, and the Historical Enterprise in the United States, 1880–1940*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013

TURNER, Frederick Jackson. O significado da História. (Tradução: Arthur Lima de Avila.) In. AVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado em História), 2006.

TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana. In: KNAUSS, Paulo. *Oeste Americano – Quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: EdUFF, 2004.

WEBER, Max. A ciência como vocação. In.: *Três Tipos de Poder e outros escritos*. Lisboa: Tribuna da História, 2005. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf, acesso em: 13/08/2018

WHITE, Hayden. La Política de la Interpretación Histórica. In: *El Contenido de la Forma: Narrativa, discurso y representación histórica*. Barcelona, Editorial Paidós, 1992

WHITE, Hayden. O Fardo da História. In: *Trópicos do Discurso*. São Paulo, EdUSP, 1994. p.39-63

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 1994, p.97 – 116

WHITE, Hayden. Introduction: Historical Fiction, Fictional History, and Historical Reality. In: *Rethinking History*. Vol. 9, No. 2/3, June/September 2005, pp. 147 – 157

WHITE, Hayden. *Pasado Practico*. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/164508558/WHITE-PASADO-PRACTICO>, Acesso em 22/11/2017

FONTES UTILIZADAS

ADAMS, Charles Francis. An Undeveloped Function. Annual Report of the American Historical Association, 1901, vol. I, pp.47-93. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.156113/page/n55> acesso em: 20/09/2018

ADAMS, Charles Kendall. Recent Historical Work in the Colleges and Universities of Europe and America. In *Papers of the American Historical Association*, vol. IV, no. 1 (1890), 19-42 Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.156214/page/n9> acesso em: 20/09/2018

ADAMS, George Burton. History and the Philosophy of History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 14, No. 2 (Jan., 1909), pp. 221-236. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1832655.pdf?refreqid=search%3A8eef5da40caff84e831eda759fc5be28> acesso em: 20/09/2018

ADAMS, Henry. The Tendency of History. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1894, 17-23. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015032043278;view=1up;seq=9> Acesso em: 20/09/2018

BALDWIN, Simeon E. Religion Still the Key to History. 1906. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/simeon-e-baldwin> acesso em: 20/09/2018

BANCROFT, George. On Self-Government. In. *Papers of the American Historical Association* 2, no. 1 (1887), 7-13. Disponível em: <https://archive.org/details/ahistorydoctrin00whitgoog/page/n10> acesso em: 20/09/2018

DUNNING, William A. Truth in History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 19, No. 2 (Jan., 1914), pp. 217-229. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1862284.pdf?refreqid=search%3Af31bae7e339d31f6d0dc2fcae86f63e> acesso em: 20/09/2018

EGGLESTONE, Edward. The New History. 1900 Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/edward-eggleston> acesso em: 20/09/2018

FISHER, George Park. The Function of the Historian as a Judge of Historic Persons. In. *Annual Report of the American Historical Association, 1898*, pp.15–33. Disponível em: <https://archive.org/stream/annualreportofth027220mbp#page/n8/mode/2up> Acesso em: 20/09/2018

HART, Albert Bushnell. Imagination in History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 15, No. 2 (Jan., 1910), pp. 227-251 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1838332.pdf?refreqid=search%3A3900dbb1debc5cc949e24af0b47e6da4> acesso em: 20/09/2018

HOAR, George F. Popular Discontent with Representative Government. In. *Annual Report of the American Historical Association, 1895*, 21–43. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015028745860;view=1up;seq=17> acesso: 20/09/2018

JAMES, Burrill Angell. The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians. In. *Annual Report of the American Historical Association, 1893*, 15–24. Disponível em: <https://archive.org/details/1893annualreport00ameruoft/page/n5> Acesso em: 20/09/2018

JAMESON, John Franklin. The American Acta Sanctorum. In. *The American Historical Review*, Vol. 13, No. 2 (Jan., 1908), pp. 286-302. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1832616.pdf?refreqid=search%3A82c80697118930c43cd4e691d7f1f4fe> acesso em: 20/09/2018

JAY, John. The Demand for Education in American History. 1890 disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/john-jay> acesso em: 20/09/2018

LEA, Henry Charles. Ethical Values in History. 1903. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/henry-charles-lea> acesso em 20/09/2018 acesso em: 20/09/2018

MAHAN, Alfred Thayer. Subordination in Historical Treatment. 1902. Disponível em <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/alfred-thayer-mahan>, acesso em 20/09/2018

MCLAUGHLIN, Andrew C. American History and American Democracy. In.: *The American Historical Review*, Vol. 20, No. 2 (Jan., 1915), pp. 255-276. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/pdf/1835467.pdf?refreqid=search%3Af873e8e01c693c950ef232e766c47893> Acesso em: 20/09/2018

MCMASTER, John Bach. Old Standards of Public Morals. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1905. Pp.57-70 Disponível em: https://archive.org/details/annualreportofam12amer_0/page/n21 acesso em: 20/09/2018

POOLE. William F. *The Early Northwest*. New York, The Kineckerbocker Press, 1889. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=loc.ark:/13960/t4mk6n22b;view=1up;seq=6> Acesso: 20/09/2018

RHODES, James Ford. History. In. *annual Report of the American Historical Association*, 1899, pp.45-63. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.178825/page/n4> acesso em: 20/09/2018

ROOSEVELT, Theodore. History as Literature. In.: *The American Historical Review*, Vol. 18, No. 3 (Apr., 1913), pp. 473-489 Disponível em: <https://www.jstor.org/tc/verify?origin=%2Fstable%2Fpdf%2F10.2307%2F1835502.pdf%3Frefreqid%3Dsearch%253Aabc3f217f3a61f753a58d393c04bb35f7> Acesso em: 20/09/2018

SCHOULER, James. A New Federal Convention. 1897. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/james-schouler>, acesso em: 20/09/2018

SMITH, Goldwin. The Treatment of History. In. *The American Historical Review*, Vol. 10, No. 3 (Apr., 1905), pp. 511-520. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1832277.pdf?refreqid=search%3A3d8ec355ec30bd98c3520284ea5577c2> , acesso em: 20/09/2018

STORRS, Richard S. Contributions Made to Our National Development by Plain Men. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1896, pp.37-63. Disponível em: https://archive.org/details/annualreportofam01amer_3/page/n6 acesso em: 20/09/2018

TURNER, Frederick Jackson. Social Forces in American History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 16, No. 2 (Jan., 1911), pp. 217-233 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1862991.pdf?refreqid=search%3Ad8665622d1e228441a15cc153c17a415> acesso em: 20/09/2018

WHITE, Andrew Dickson. On Studies in General History and the History of Civilization. In. *Papers of the American Historical Association*, vol. I (1886), 49–72. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924088428481/page/n10> acesso em: 20/09/2018

WHITE, Andrew Dickson. The Influence of American Ideas upon the French Revolution. In. *Papers of the American Historical Association*, vol. I (1886), 210-214. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924088428481/page/n10> acesso em: 20/09/2018

WILLIAM, Wirt Henry. The Causes Which Produced the Virginia of the Revolutionary Period. 1891. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/william-wirt-henry>, acesso em: 20/09/2018

WINSOR, Justin. Manuscript Sources of American History: The Conspicuous Collections Extant. 1888. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/justin-winsor>. Acesso: 20/09/2018